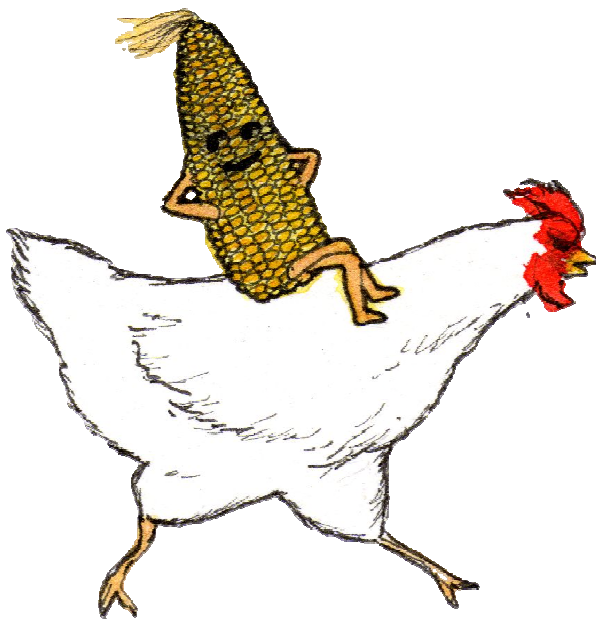


Ana Magnólia Mendes

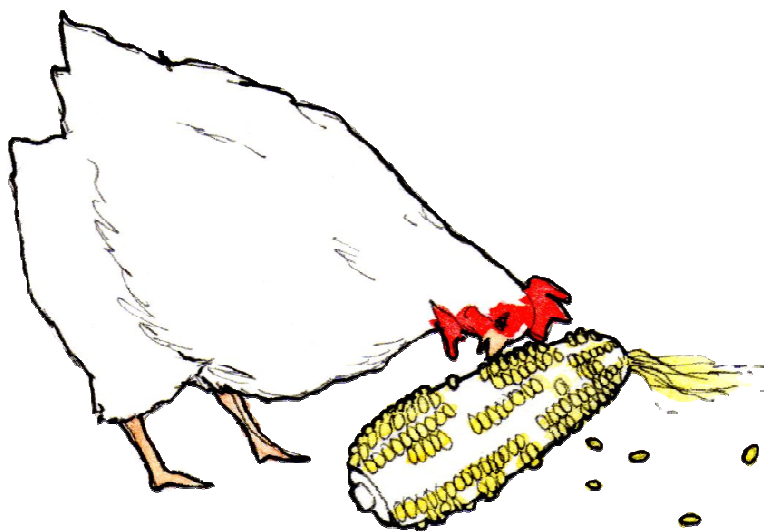
As Galinhas que Lutem!

O Trabalho na Clínica Lacaniana



Frente ao supereu, não há outra resposta possível senão a do desejo. Frente ao supereu que condena o eu à angústia, a um lugar insustentável que só pode levar à exclusão do sujeito de sua própria vida, não há outra saída senão resolver esta angústia numa cadência imperfeita que relança o discurso, permitindo ao sujeito se sentir outra coisa que não um grão de milho à mercê de uma galinha...

Jean-Michel Vivès



ISBN: 978-65-00-54130-4

CBL



9 786500 541304

**As Galinhas que Lutem!
O Trabalho na Clínica Lacaniana**

Ana Magnólia Mendes



Copyright © de **Ana Magnólia Mendes**

Editor Geral: **Emílio Peres Facas**

Imagens da Capa: ***O milho contra-ataca* (Paris, 2021, aquarela sobre papel) de Fernanda Sousa-Duarte**

Revisão: **Ana Paula Morais**

Conselho Editorial da Circuitos Edições

Andrea Pujol

Universidad Nacional de Córdoba

Ana Teresa M. Ferreira Oliveira

Instituto Politécnico de Viana do
Castelo

Caio Sgarbi Antunes

Universidade Federal de Goiás

Éric Hamraoui

Conservatoire National des Arts et
Métiers

Fernanda Sousa-Duarte

Universidade de Brasília

Jean-Michel Vives

Université Côte d'Azur

João Batista Ferreira

Universidade Federal do Rio de
Janeiro

João Areosa

Instituto Politécnico de Setúbal

Joana Alice Ribeiro de Freitas

Universidade Federal de Goiás

Patrick Brown

Universiteit van Amsterdam

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mendes, Ana Magnólia

As galinhas que lutem! [livro eletrônico] :
o trabalho na clínica lacaniana / Ana Magnólia
Mendes. -- Brasília, DF : Circuitos Edições, 2022.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-54130-4

1. Psicologia 2. Lacan, Jacques, 1901-1981
3. Psicanálise 4. Psicanálise - Aspectos sociais
5. Trabalho I. Título.

22-132138

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Lacan, Jacques : Psicanálise 150.195
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

**Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois
ou mais pareceristas ad hoc.**

Sumário

Nota da Autora	05
Texto 1 Pulsão, Trabalho, Sujeito	11
Texto 2 O Gozo é um Operário Padrão?	29
Texto 3 Mais-de-Gozar e HiperCapitalismo	47
Texto 4 Vozes do Supereu e Discurso Capitalista Colonial Digital...	67
Texto 5 Trabalho Morto e Psicopatologias do Laço Social	83
Texto 6 Discurso da Histérica e o Trabalho como Sinthoma	103
Texto 7 Trabalhar: Pulsão de Morte e Sublimação	121
Texto 8 O Saber-Fazer do Analista e a Transferência	135
Texto 9 Por Uma Clínica Lacaniana do Trabalho	153
Posfácio A Galinha e o Psicanalista ou O Trabalho do Desejo	171
Apêndice O Sujeito do Trabalho e o Trabalho do Sujeito	183
Referências	217
Sobre a Autora	223

As galinhas que lutem porque o grão virou milho! A galinha aqui representa o supereu com seu olhar e sua voz mortíferas e o milho é o trabalhador que se torna sujeito, vira o jogo e se senta livremente sobre a galinha. Essa é a simbologia da capa deste livro, feita por uma das mais brilhantes pesquisadora que conheço, Fernanda Sousa-Duarte, que me deu de presente seu desenho em 2021, quando imediatamente pensei: se o milho contra-ataca, *as galinhas que lutem*, e decidi que esse seria o título do meu livro. Esta brincadeira que ela fez foi inspirada na palestra do professor Jean-Michel Vivès em 2019 na Universidade de Brasília no nosso Laboratório. Para falar das vozes do supereu do Alain Didier-Weill, publicada no seu livro *Os três tempos da lei* na página 42, Vivès contou a estória sobre a galinha, o paciente psiquiátrico e o grão de milho. Essa estória também pode ser lida no Posfácio feito pelo próprio Vivès – uma inspiração para mim, obrigada pela confiança e amizade.

Assim, a questão central que norteia essa publicação é como a teoria lacanianiana do sujeito articulada com a crítica social e o trabalho na clínica podem se constituir em saídas para o grão não ser massacrado pela galinha e virar milho. *As galinhas que lutem* é uma expressão que representa uma resposta a essa questão, é uma virada. E são dessas viradas que trata o livro, elaborado em forma de textos originalmente apresentados em seminários online realizados entre março de 2020 e março de 2021 e editados por Ana Paula Morais, a quem muito agradeço. Seminários que gravei com a intenção de publicá-los; um ano se passou, e foi quando vi o desenho do milho em cima da galinha que retomei esse projeto.

É um livro que coloca em questão; não tem respostas, faz perguntas. É uma virada nos meus estudos, uma linha ainda por

fazer-se que encontra-se já desenhada nos escritos de 2018 no livro *Desejar, Falar, Trabalhar* e tem como ponto de partida o caminho já iniciado trinta anos atrás. Esse percurso pode ser lido no apêndice deste livro em um texto que escrevi para o concurso de professora titular na Universidade de Brasília em junho de 2022.

Com esse livro, aposto e arrisco apresentar um pensamento falado, uma elaboração viva, um modo singular, meu próprio, de pensar o entre – o psíquico e o social –, de discutir conceitos da Psicanálise, especialmente a lacaniana, e do trabalho nos modos de produção capitalista com o desejo de criar uma nova perspectiva para o estudos das psicopatologias e do adoecimento. Sobretudo, como está no título, é um desejo de elevar o trabalho a uma categoria fundamental para a clínica como uma possível saída para tratar os trabalhadores em adoecimento. E por esse caminho, colocar as galinhas em risco de perder a soberba, a onipotência e a opressão sobre milho. Ou seja, o livro trata, ora de maneira implícita, ora diretamente das saídas do labirinto que aprisiona o desejo. Desejo que é quem trabalha na clínica lacaniana, embora muitas vezes impedido de trabalhar pela força e função esmagadora do gozo no sistema de produção capitalista, que mortifica o trabalhador seja ele o analista ou o analisante ao transformar todos em objetos pulsionais.

Por isso é uma tarefa quase impossível furar o olhar e ensurdecer da voz do supereu-galinha. É mais que uma tarefa, é um trabalho vivo. Se livrar da galinha dando um outro lugar a ela é uma luta para o trabalhador, para o movimento sindical, para os movimentos sociais e para a sociedade em geral. A selvageria dos modos de reprodução do capital, do neoliberalismo e dos governos tirânicos tem sido implacáveis, ou pior, tem um discurso e práticas tão sedutoras como o *canto da sereia* que encanta, envolve e faz com que exista uma aderência em massa que produz,

reproduz e fortalece esses brutalismo, dando mais força ainda ao supereu que diz “goze desse brutalismo, você pode!”.

Como quebrar esse esquema? Pelo trabalho vivo do desejo! O desejo tem uma força pela própria lei que o rege, a lei da castração, que é capaz de quebrar o esquema do gozo, que não trabalha e só repete, executa, obedece – no caso, o supereu. O gozo é submetido à ordem do supereu. O desejo desobedece, transgredir, cria e faz acontecer, mas não no sentido dos superpoderes falaciosos dado pelo discurso neoliberal. É a potência de existir, é o próprio sujeito em movimento. É a sublimação que transgredir e põe limite no gozo, um autêntico trabalhar no sentido do trabalho vivo, segundo Marx e segundo Freud, por se tratar de transformar a si e ao mundo sem perder a essência; é o perlaborar.

A sublimação opera no gozo e abre espaço para o desejo. Opera no gozo porque ambos circulam juntos, mas separados, no circuito da pulsão invocante. Gozo e sublimação são pulsão; é pulsão de morte, é sexual. Sublimação não dessexualiza os objetos, mas atua na pulsão. Assim como na emancipação que é uma atuação na alienação, dada as contradições da relação capital-trabalho. A sublimação é possível onde tem pulsão, que é sempre sexual, no sentido de que é uma tensão que busca descarga, como dizia Freud. A sublimação é a possibilidade de encontrar a satisfação menos impossível da pulsão. O desejo aparece pelo trabalho da sublimação, tem uma ética. Porque o trabalho do desejo não é visível, porque desejo é o movimento, não se pega, não apegar a nada, não esperar nada e nada pedir. O supereu e o desejo operam fora do circuito da pulsão: um opera como trabalho morto e o outro como trabalho vivo, ambos fazendo o circuito se movimentar, parar ou andar. Já as vozes do discurso capitalista, agente do supereu, produzem distorções no circuito da pulsão invocante. Enquanto isso, o desejo faz o circuito circular pelo

discurso da histérica e do analista. Essas ideias estão mais detalhadas nos textos aqui apresentados.

Uma outra ideia que quero destacar nesta nota é a noção de clínica articulada à categoria trabalho, ou seja, a clínica do trabalho. De que trabalho se fala? Quem fala e de que lugar? De qual clínica se trata? Que escuta é essa? Toda escuta é clínica? Por que e para quem fazer a clínica? São muitas as questões a serem refletidas antes de se falar que se faz clínica do trabalho.

A clínica lacaniana do trabalho que proponho nesse livro tem singularidades epistemológicas em relação à noção de sujeito e de trabalho. É uma clínica voltada para o tratamento de trabalhadores adoecidos pelo trabalho e se ocupa da análise do trabalhador, que não deixa de ser sujeito. Assim, não há distinção entre a clínica do sujeito e a clínica do trabalho. Não é a modalidade coletiva, individual, online, na rua ou no consultório que define a clínica, menos ainda os resultados alcançados. Seria a escuta? Penso que de jeito nenhum. A escuta não é descolada da epistemologia e menos ainda de quem a faz. Existem muitas maneiras de se fazer escuta, como nos grupos focais, nas entrevistas, no acolhimento, na clínica psicológica; mas seria uma clínica do trabalho? Sem uma teoria do sujeito e uma teoria do trabalho há clínica do trabalho?

Escutar a voz do discurso é escutar o supereu, e por isso há um risco de tornar a escuta um instrumento do capital, de adaptação do trabalhador e de que quem a faz ser um produtor e reproduzidor do discurso capitalista colonial digital... e das suas práticas produtivistas, neoliberais e mortíferas para o sujeito. Voz e fala não são o mesmo para teoria lacaniana, em muitas passagens do livro isso está posto.

Falar é uma saída, mas não é nada fácil e nem sempre é possível... diante do opressor e da sua crueldade, como exemplo, dos governos tirânicos, do poder e mistificação das plataformas

numéricas, do desemprego, da fome... No entanto e de modo paradoxal, quando é possível falar, ali está o desejo, e nesse momento as galinhas precisam lutar muito! Esse falar implica na liberdade de poder dizer não, basta, chega! Essa é a única garantia possível do desejo: não-querer, é a lei do desejo e sua ética contra um supereu que tudo-quer, tudo-pode e tudo-sabe. Um supereu que tem voz e manifesta-se no profissional, social, familiar, institucional, fora e dentro de todos nós, avassalador com sua gula, muito bem institucionalizado no discurso capitalista e nos modos do capital de se reproduzir pela acumulação e o consumo.

Esses três últimos anos, mesmo atravessado por tantas desmesuras econômicas, sociais e políticas, foi para mim de muitas descobertas, afirmações, autorizações e alegrias. Muitas travessias com momentos imprevisíveis, vibrantes, intensos, surpreendentes! Momento como esse de finalizar este livro, um prazer; e de poder oferecê-lo com muita gratidão a cada um dos alunos que acompanharam estes seminários. Vocês fazem a diferença! E de modo muito especial, ao prof. Emílio, um dos mais valiosos presentes que a vida me deu!

Pulsão, Trabalho, Sujeito

Pulsão e trabalho é o tema que trataremos neste primeiro encontro destes seminários de 2020. A teoria da pulsão na Psicanálise foi introduzida por Freud no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1908), com o qual gostaria de articular outros dois textos: *A pulsão e suas vicissitudes* (1915) e *Além do princípio do prazer* (1920). Gostaria de destacar três dimensões que Freud trata na teoria da pulsão que são os alvos da pulsão, as características dos alvos e os objetos da pulsão; e à medida que formos avançando nos textos de Freud irei fazendo articulações com o trabalho.

Uma primeira ideia importante de ser compreendida é a de que a fonte da pulsão está entre o psíquico e o somático; não há dicotomia, ela é uma força, um movimento que opera no entre. Então, para Freud todos os seres humanos, todos os bebês, todos nós temos uma excitação interna que é corporal e a pulsão é seu representante psíquico. Atentemo-nos para a cronologia: essa ideia começou a ser desenvolvida por Freud em 1905, trarei o desenvolvimento do conceito que se seguiu em 1915 e em 1920 e depois a releitura por Lacan. A pulsão, que então é originária do orgânico, se instala e ganha representação no psíquico, posteriormente compreendida por Lacan como uma ficção.

A pulsão não é identificável, localizável no sentido de uma estabilidade, porque ela não é estática. É algo da excitação corporal que todos os seres humanos têm e com a qual todos nascem. Imagino que alguns de vocês devam ser mães e pais e podem observar as crianças, um filho que reage de um jeito e outro que reage de outra maneira, um que grita mais e outro menos. Podemos observar que cada um tem sua catexia e sua fonte de excitação corporal que não se exprime sempre da mesma forma.

Então sempre que falarmos em pulsão, poderíamos falar de satisfação. Ou seja, existe uma excitação, que é corporal, para a busca de objetos que serão responsáveis pela satisfação dessa excitação. Freud, em 1905, compreende a pulsão estando no limite entre o somático e o psíquico. Em 1915, no texto *A pulsão e suas vicissitudes*, ele retoma esse conceito sobre a ligação da pulsão com o corpo e vai além ao propor que o corpo é erógeno, sexualizado, um corpo que gera prazer. Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1908), fala da sexualidade infantil e das zonas exógenas da criança, as zonas oral, anal e fálica. Nosso foco não é tratar todo esse percurso conceitual, mas oferecer algumas ideias iniciais para fazer as articulações entre a pulsão e o trabalho, entendendo a pulsão aparece no trabalho produtivo capitalista e quais os seus efeitos e destinos para o laço social, as psicopatologias do trabalho e o adoecimento dos trabalhadores. Ademais, como são as implicações desses destinos que a pulsão assume para a prática clínica.

Os alvos, os objetos da pulsão e a sua finalidade também aparecem em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915). Trabalhando a ideia de que a satisfação é sempre buscada pela pulsão, Freud faz uma diferenciação interessante entre pulsão, necessidade e satisfação. Um dos exemplos que ele dá, sobre esses objetos e que eu também gostaria de desenvolver, é o seio. A necessidade é de alimento, de comer; e a gratificação seria eliminar a sensação de fome. Aqui, o objeto da pulsão não é a comida e sim o seio, sendo este o que permite a satisfação da necessidade de alimentação. Para Lacan isso significa a existência de uma ficção que envolve a gratificação e a satisfação para além do atendimento de uma necessidade. Assim, a pulsão não se insere no campo do corpo orgânico, biológico, mas no limite, num entre. Ela é a representação psíquica que nós fazemos da satisfação da excitação interna do nosso corpo por meio dos objetos.

Nesse sentido, como o psíquico é sempre social para psicanálise, podemos pensar que a pulsão encontra-se também no limite do social e do político, considerando a sua instrumentalização como parte unicamente de um corpo biológico e não erógeno. Ou seja, o capital transforma a pulsão em necessidade ou instinto na radicalidade desta ideia que aqui desenvolvo.

Existem quatro objetos da pulsão importantes que requerem compreensão. Nestes seminários nos deteremos à voz e hoje, primeiramente, a entender o que é a pulsão. Dos objetos iniciais, o seio é o primeiro, as fezes vêm depois no desenvolvimento do bebê (neste caso pela gratificação de ver o seu produto) e a seguir os órgãos genitais são objeto de investimento da pulsão. Posteriormente, Lacan traz o olhar e a voz como objetos da pulsão. É a partir disso que desenvolveremos a voz como sendo o objeto que no espaço de trabalho assalariado capitalista produz as injunções do gozo pela voz do supereu e que faz com que muitos trabalhadores adoeçam, algo que aparece frequentemente nas situações de assédio moral. Discutirei mais a frente essa idéia. O que quis trazer até agora foi uma noção breve e geral sobre a pulsão, para entendermos que ela se sustenta no corpo, possui objetos e sua finalidade será sempre a satisfação.

Em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud trata de um conceito que é fundamental para compreendermos as relações de trabalho a partir da Psicanálise: a compulsão à repetição. Nesse texto, Freud traz a observação de que o prazer não é a única finalidade da pulsão, a partir de consideração anterior de que alvo é para onde a pulsão se destina, objeto é a via que ela escolhe e a fonte é interna. O argumento da lei do princípio do prazer, advindo de sua clínica e escuta, passa a considerar a repetição de queixas que ele identifica e a possibilidade de um prazer em repetir.

Com a ideia do prazer na repetição podemos pensar na questão do trabalho.

Uma distinção importante a se fazer é entre o trabalho na Psicanálise, que tem muitas articulações com a noção de trabalho na teoria de Marx, do que a Psicologia diz sobre o que é o trabalho, que muitas vezes se confunde com os conceitos de vínculo de emprego e da atividade profissional. Esses são os contextos do trabalho no sistema capitalista e não o trabalho na sua dimensão ontológica – agora contextos das plataformas numéricas, ainda em contextos taylorfordistas – que reproduzem paradigmas feudal, escravista e colonizadores, os quais estão vinculados aos modelos de gestão, da qualidade total, da eficiência, da excelência, da espetacularização, da performance, do alto desempenho, da robotização, entre outros. O trabalho baseado nesses modelos é que vai produzir o adoecimento e as psicopatologias do trabalho. O trabalho definido por Freud e por Marx nos salva, quando é trabalho vivo, trabalho do sujeito, trabalho da produção de saber, trabalho de criação. É o trabalho onde nossa pulsão estaria investida e se satisfazendo. Ou seja, é onde sentimos realização, gratificação, reconhecimento fruto do investimento dessa “energia” pulsional, da excitação que nosso corpo produz, e onde obtemos satisfação como resultado. Vale a ressalva que quando pensamos na noção de gozo nos estudos do Lacan, essa fórmula muda de configuração pois a pulsão não se satisfaz, é um movimento de busca e a satisfação pode ser uma das modalidades de gozo, que implica “um corpo sem cabeça”.

Uma das razões de trazer a pulsão para articular com o trabalho e com a clínica como teoria é exatamente a questão sobre que “prazer” é esse. Coloco entre aspas porque nos faz pensar se seria um correspondente ao gozo em Lacan. Já adiantando, sim, porém articulado ao gozo fálico, à sublimação, a um prazer não como resultado mas em si mesmo. Essa é uma questão importante

para pensar o mundo de objetos que o mercado oferta, um sistema de produção onde se vende objetos de satisfação como prazer. É uma relação coisificada, da ordem das necessidades e dos instintos, não da pulsão.

Aqui neste encontro vamos falar do prazer articulado a compulsão à repetição em Freud com base na obra *Além do princípio do prazer* (1920). Há um excesso, um resto da pulsão que não se satisfaz, que se associa com o conceito de compulsão/repetição e com a pulsão de morte. No texto *Além do princípio do prazer*, Freud diz que aparecia em muitos paciente um prazer em repetir, como se a própria repetição fosse gratificante, vivida com a satisfação. Observamos na clínica que o sofrimento aparece como modo de gozo, um “prazer” que se obtém ao repetir situações que lhe geram sofrimento. Desse modo, permanece na queixa, sendo a pulsão aprisionada em um circuito de repetição, sem saídas. Um risco para a dimensão psíquica que sustenta os modelos taylorfordistas, e o atual trabalho em plataforma numérica. Clinicamente, hoje observamos como Freud observou em 1920: o trabalho morto como um círculo de repetições que leva ao gozo ligado ao sofrimento, um além do princípio de prazer que adocece pela angústia que o causa.

Comecei a entender esse sofrimento não como uma consequência do trabalho mas como causa, por isso elegi a pulsão como conceito central para articular o sistema capitalista à compulsão à repetição, que se relaciona com o mais-de-gozar do qual trata Lacan. O que tenho observado nos contextos de trabalho é a predominância dos imperativos, das injunções do supereu e da compulsão à repetição levando a uma vida empobrecida, robotizada, acelerada, quantificável e sem a experiência do inesperado próprio da criação do trabalho vivo. Nos modelos nominados de qualidade total e estratégico, que são na realidade modelos de gestão neoliberais, digitais e capitalistas, a

marca é a compulsão à repetição. Quanto mais o trabalhador repetir o tal protocolo, a prescrição, o manual, as normas e as regras mais esse trabalhador será considerado bom. Assim não há espaço para criar, a pulsão não circula e assume um lugar da atividade constante, que se repete.

Falo disso para tentar esclarecer o que Freud chama de “além do princípio do prazer” e a ligação dessa lógica com o capital, sustentado pelos princípios da acumulação e do consumo. A acumulação e o consumo têm, ao meu ver, uma articulação com essa compulsão à repetição no sentido do sujeito buscar, dentro dos padrões que já são prescritos, a sua satisfação. Essa é de algum modo da ordem do impossível, visto que o que se satisfaz são as necessidades e não a pulsão; infinito e insaciável dado o “gozo perdido”, do qual falarei mais adiante.

Como a atividade da pulsão é inconsciente, o sujeito não tem um protagonismo no seu comando – ela é em si mesma. Faço aqui uma distinção entre sujeito e indivíduo. Indivíduo é um conceito da Psicologia e significa que ele é indivisível, integrado, pleno, uma noção daquele que vai ser um dia completo ou completado, como é estudado por diversos paradigmas e epistemologias. O conceito do sujeito que falo aqui é o da Psicanálise, que entende o sujeito como inacabado, dividido, barrado, castrado, furado, sempre em um movimento de advir e com infinitas possibilidades de ser e de existir.

Retomando, tanto no texto de 1915 quanto no de 1920, e especialmente neste, Freud diz que não existe uma descarga absoluta da pulsão. A descarga absoluta da pulsão ele chamou de estado de nirvana, a morte, por isso ela é da ordem do impossível. No sujeito morto não há mais pulsão, logo, a sua descarga é a inexistência da sua atividade. Dizia que toda essa compulsão à repetição é uma tentativa dos sujeitos de encontrar esse objeto, ainda que um objeto jamais permita toda essa descarga e a

satisfação absoluta. Para Lacan não existe descarga absoluta e sim uma falta, que constitui o sujeito como sujeito do desejo, mas voltaremos a essa discussão em outros momentos.

No texto *Além do princípio do prazer* (1920), a partir da identificação na clínica de que não existe um prazer absoluto, Freud fala pela primeira vez do conceito de pulsão de morte. Ele introduz essa novidade assim:

(...) parece, então, que a pulsão é um impulso inerente à vida orgânica a restaurar um estado anterior de coisas. Impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas. Então, ela tenta voltar a um estado anterior de absoluta descarga ou absoluto prazer e que é obrigado por essas pressões. Ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica. Ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica, que é a morte.

Ele traz o conceito de pulsão de morte sem dizê-lo explicitamente quando menciona que “voltar a um estado anterior orgânico” significa a inércia inerente a essa vida orgânica. Podemos pensar que este estado anterior seria o estado do nascimento do bebê, e o momento do nascimento é o mais traumático para todos os seres humanos pois saímos do conforto. Há aí uma satisfação plena que não é morte: o cordão umbilical. Essa situação de plenitude uterina é o que ele vai chamar de estado originário anterior, satisfação absoluta. O paradoxo da vida pois sabemos que se o bebê não sair dessa situação para ser, ele morre. É preciso nascer para não morrer, nesse sentido ele não tem outra saída.

Essa ideia é importante porque os modelos de gestão da qualidade total nos falam – ainda sem entrar na questão da voz – que a felicidade existe e que a qualidade total é possível, por exemplo. O modelo da qualidade total ao qual me referi, um taylorismo em outras roupagens, prega os conceitos e injunções do

total, do absoluto, do pleno e da perfeição, que vão exatamente na contramão do que a Psicanálise entende como importante para o sujeito existir. Se o sujeito fica no estado de inércia, inerte como quando está no útero, ele não existe. Ele precisa romper isso para existir – o nascimento – e com isso há uma perda irreparável e irrecuperável, ficando no lugar a falta causa do desejo.

Em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915), Freud fala das pulsões do ego de autoconservação e das sexuais, retificando posteriormente que só existe a pulsão sexual pois a origem da pulsão é sempre sexual no sentido do corpo erógeno. A partir da pulsão de morte como um além do princípio do prazer, Lacan propõe a pulsão de morte como uma pulsão por excelência, marcada pelo paradoxo do morrer e do nascer. É pela pulsão de morte que o sujeito se arrisca, se lança, ainda que seja sem garantia alguma. Então a pulsão faz movimento. A questão que se coloca é o destino desse movimento, que pode ser o gozo ou a sublimação. Para Lacan, a pulsão é um circuito; seria ao meu ver como um circuito elétrico onde a energia passa por um fio. Esse circuito, que faz o sujeito existir, pode ser bloqueado pela voz do supereu, da qual falarei mais adiante, e ele acaba interrompido. A compulsão à repetição é a energia que fica se repetindo em uma das partes do circuito bloqueado. Os modelos de trabalho no sistema de produção capitalista convocam a repetição: sempre tudo igual, cortam o circuito da pulsão e a possibilidade do sujeito existir, um atendimento infundável à demanda do Outro que não cessa de prometer a satisfação absoluta.

Assim, enquanto Freud faz a dualidade da pulsão de vida e pulsão de morte, Lacan fala da existência de uma única pulsão e que ela é silenciosa: “seu pulsar é silencioso por não ter como representar. A pulsão de morte seria a pulsão por excelência”. Essa é uma questão importante para clínica. A clínica psicanalítica que fazemos com os trabalhadores trata de um adoecimento pelo

trabalho, do pulsar silencioso, da pulsão de morte, da compulsão à repetição para Freud e do gozo para Lacan. Estamos falando de entender o encontro com o objeto pulsional, do objeto que, de forma ficcional, vai satisfazer plenamente essa pulsão. Ele não existe, é o das Ding de que fala Lacan.

O investimento pulsional do sujeito no objeto impossível, não exclusivamente, é uma das causas dos adoecimentos no trabalho que tenho observado. Não porque o sujeito deliberadamente faz um investimento nesse objeto, mas porque a forma como o capital está estruturado e seu modelo de gestão acessam o nosso inconsciente pela voz – e aí nós vemos a voz como objeto da pulsão – e nos seduz. Não porque nos convence: é o canto da sereia que nos faz acreditar e forja um sujeito liberal que é o sujeito do eu posso, eu faço, eu aconteço, eu sei. As injunções “faça você, resolva você, dê limite no teletrabalho, organize e ponha fronteira entre a vida pessoal e profissional, você tem que fazer seu horário” são o discurso de uma liberdade forjada. Esse modelo de gestão faz com que pensemos que a felicidade existe, que a plenitude existe e que, então, devemos buscá-la. As empresas dão recompensas: a oferta dos objetos que supostamente darão satisfação à pulsão. O capital nos oferta objetos o tempo todo e diz que se investirmos neles conseguiremos essa satisfação. Ora, o que se satisfaz são necessidades e não a pulsão, ela é o resto da excitação que jamais será descarregada, como nos dizia Freud.

Para Freud, a pulsão de morte é uma pulsão sem representação, e nesse sentido ela é uma pura exigência. O objeto impossível é perdido e a repetição é a tentativa de encontrá-lo. Disso decorre que qualquer objeto satisfaz a pulsão, qualquer objeto que aparecer vai satisfazer a pulsão porque o objeto não existe. Independente de ser um smartphone, uma caixa de chocolate, o que quer que seja pode ficar no lugar do objeto

perdido. No jogo do modelo de gestão capitalista várias ofertas são feitas como sendo o objeto perdido e o sujeito investe como se aquele fosse o objeto encontrado – aí está uma primeira relação entre pulsão e trabalho. Uma segunda relação é a da exigência. A pulsão de morte é pura exigência e pura demanda, e nesse sentido ela tem trabalho? Tem uma atividade incansável, um trabalho que é morto. Qual o risco da pulsão de morte intensificar a ação da repetição e trabalhar no lugar do sujeito? O risco é que, por ser exigência e não ter representação, algo que não é representável faz o desaparecimento do sujeito, assume o comando. Comando esse que é uma das causas da produção no sistema capitalista, além das causas históricas, econômicas, sociais e políticas vinculadas opressão, a dominação e a precarização do trabalhador.

Retomo e faço uma rápida síntese para que fique didaticamente compreensível. Freud a princípio fala da dualidade entre pulsão de morte e pulsão de vida. Por muito tempo ele ficou apegado às pulsões do ego, que são de autopreservação, diferenciando-as da pulsão sexual. Depois ele altera o entendimento para o de que todas as pulsões são sexuais, inclusive as do ego. No final de *Além do princípio do prazer* (1920) ele diz que a pulsão única é pulsão de morte, a partir de onde Lacan se apropria para falar do pulsar silencioso e se articula com a compulsão à repetição. Então Lacan discorre que o retorno que essa pulsão propõe não é uma volta ao inanimado, mas é um recomeço. Essa repetição, para o sujeito, é uma sensação de recomeço.

Isso me lembrou o retrabalho e algumas situações de assédio moral quando se diz “esse trabalho não serve, você tem que fazer de novo, e de novo, e de novo”. Com este seminário tento trazer elementos da Psicanálise para compreendermos melhor o mundo do trabalho e a nossa clínica, não só do ponto de vista dos modelos de gestão mas o próprio trabalho. O trabalho a partir da noção de sujeito em Lacan. Assim, o recomeço se

manifesta na repetição que é o circuito, e nesse caso a pulsão não trabalha, ela tem uma atividade de comandar exigência constante ao sujeito. Quem trabalha é o sujeito que resiste a esse comando pela criação de saídas para a repetição.

A energia presa em repetição, fixada no objeto da satisfação, gera o bloqueio do desejo, articulação da pulsão com o desejo que ainda não havia comentado. O sujeito da repetição é um sujeito escravo da busca por esse objeto impossível, da repetição como forma de encontrar o objeto e da suposição de que o encontro trará satisfação. Então a pulsão, o desejo, a satisfação e o gozo são constituintes inexoráveis da cadeia de significante do sujeito. Lembro aqui do mito do crochê na época da guerra onde as mulheres esperavam os maridos fazendo a colcha de dia e desmanchando a noite, na espera desse objeto. O gozo está na espera, não existe mais o movimento e sim um bloqueio no circuito. Se a pulsão circula é possível um encontro com a sublimação, maneira de se encontrar uma parcela de satisfação da pulsão de morte quando o desejo entra em cena, ou seja, o sujeito recusa o gozo mortífero. Falarei de sublimação como um dos destinos da pulsão em outro seminário.

As situações de trabalho assalariado capitalista tendem a fazer bloqueios no circuito da pulsão. E, claro, no próprio desejo pois não lhes interessa sujeitos desejanter porque este é o sujeito que fala, elabora e age politicamente. Então o aprisionamento pela interrupção do circuito da pulsão torna o sujeito um zumbi, forja um sujeito liberal. Uso o termo zumbi no sentido de ser um sujeito sem desejo. A pulsão de morte, como mencionei, envolve risco ao impelir o sujeito a se lançar. Por isso é preciso que o desejo opere, caso contrário o sujeito estará desgovernadamente na mão da pulsão, pode ficar preso no circuito e o desejo é impedido. O sujeito que deseja é o sujeito do possível, que fala e age política e eticamente e assume o comando das suas pulsões, na medida que a

simbolização pela palavra, pela fala permite que o desejo entre em cena. Será isso o que impedirá a busca, muitas vezes frenética, para obter a satisfação da pulsão.

Em minha leitura desses textos observo que além da fixação que Freud e Lacan usam para falar da interrupção do circuito da pulsão, existe também a fixação que pode levar a um gozo, algo excessivo, que extrapola a satisfação. Além disso, entender a perspectiva parcial da pulsão me fez pensar que muitas vezes as situações de trabalho nos apresentam os objetos como totais. A pulsão é parcial, a satisfação nunca terá um descarga completa mas na fantasia temos que será total. Lembrei das avaliações de desempenho que algumas organizações utilizam em que a nota se dá em relação a um dez, como se o dez existisse. Isso vai na contramão do que a Psicanálise entende do absoluto inalcançável.

Lacan ressalta que o aspecto bom da pulsão de morte é a criação. Essa pulsão exige que o que não funciona mais, o que não propicia prazer, seja destruído. O problema é que, por não possuir representação, ela destrói um discurso sem propor nada em substituição. Então a dimensão da criação entra em cena e o sujeito pode encontrar outras formas de prazer depois da destruição. Mesmo sem garantias, é preciso arriscar e pagar para ver. Esse é o movimento da criação da pulsão de morte. Assim, quando algo é representado, deixa de ser pulsão de morte.

A discussão acerca da representação nos leva ao questionamento sobre o lugar que o trabalho ocupa para o sujeito e como esse trabalho permite ou não a construção de laços ou o desenvolvimento de psicopatologias. A potência da clínica psicanalítica é conseguir fazer o circuito voltar a circular depois de bloqueado por determinados trabalhos, onde o sujeito e o trabalho estão formando um laço. Muitas vezes é tão intensa a injunção do supereu e do gozo que esse desenlace construído pelo discurso

capitalista impede o sujeito, sozinho ou nas relações de trabalho existentes, de sair do fechamento de seu circuito. Quando acontecem violência, assédio moral e patologias são desenvolvidas, o sujeito precisa de um trabalho clínico ou de um outro tipo de escuta dentro das organizações.

Confesso que não sei se isso é possível em algumas organizações, como em organizações taylorfordistas. Então a única possibilidade para o sujeito é ficar com o circuito bloqueado. Nesse caso, a fala e a escuta são importantes, assim como a formação, a fundamentação teórica e o conhecimento dos profissionais que atuam nas organizações. Fica a questão de como quem está submetido ao discurso capitalista pode sair da prisão do circuito quando se trabalha em um modelo taylorfordista e o discurso capitalista assume uma força intensa por meio das injunções da voz do supereu. Nesse contexto, a força do desejo, que seria a potência do sujeito para romper com o aprisionamento da pulsão no circuito, é muito pequena, assim como a possibilidade de fazer isso sozinho. Seria preciso criar outras estratégias, mas o próprio modelo de produção capitalista faz com que haja individualismo, competição e isso afasta o sujeito da cena.

No meu livro de 2018 *Desejar, Falar, Trabalhar*, trato do discurso capitalista como um canto da sereia. O canto da sereia é aquele de tal sorte encantador, belo e estridente que, na mitologia de Ulisses, os pescadores desaparecem quando o buscam – a morte do sujeito. Porém Orestes conseguiu desviar o barco e não foi dominado pelo canto da sereia. Há brechas, onde o sujeito pode existir na própria contradição do discurso capitalista ou da força do sistema. Estudo Psicanálise para fazer esse diálogo entre o sujeito e o social pois o foco em apenas um dos dois não estava sendo suficiente para responder às questões. Não é fácil desviar do canto da sereia pois ele é muito intenso, entretanto é possível. Marx coloca que a emancipação se dá na alienação, contradição do

materialismo dialético; mesma dialética da Psicanálise, onde pulsão de vida e de morte são a mesma. A existência ético-política do sujeito no circuito pulsional pode ser bloqueada, mas é no bloqueio que ele pode voltar. Preso na repetição, uma hora o sujeito transborda.

Lacan propõe que a clínica psicanalítica tem uma potência política ao relançar no circuito da pulsão invocante um sujeito que estava preso na compulsão à repetição. Este que está preso provavelmente é o que adocece, faz os outros adoecerem ou cria patologias no ambiente de trabalho. É também ele quem denuncia que houve um bloqueio no circuito naquele ambiente, e a partir do adoecimento ele pode fazer a mudança e romper com a repetição.

A noção de trabalho na experiência clínica é específica. Freud não fala do trabalho assalariado capitalista, ele se refere a atividade profissional, que estaria mais próximo do trabalho morto. Ou seja, seria o trabalho no sistema de produção capitalista, que reflete os paradigmas da separação sujeito-produto, além da mais-valia.

O trabalho vivo em Marx corresponde ao que Freud chama de trabalho em uma nota de rodapé no texto *Mal estar na civilização* de 1930. Ele menciona a atividade profissional como trabalho comum e o *arbeit* para designar o trabalho do sonho, do luto e da elaboração e perlaboração que é feito na escuta psicanalítica. Essas são questões importantes para entender os diferentes vínculos e contextos de trabalho no sistema de produção capitalista e o trabalho vivo do sujeito de pensar, de desejar, de falar, de existir. Fazer uma distinção entre trabalho e atividade: o primeiro relacionado ao desejo e o segundo à demanda, como pensado por Lacan no seminário *A ética da Psicanálise* (1959).

A partir das minhas reflexões e dessas leituras, penso que para entender as psicopatologias e a clínica existem três trabalhos

fundamentais na vida: *o trabalho de transformar, o de desapegar e o de superar*. Elaborei isso pensando no trabalho do sonho que, segundo Freud, é um trabalho de transformação. No sonho, condensamos imagens para a realização do nosso desejo, substituímos o que não é possível pelo que é possível. Essa possibilidade de transformar é um trabalho, um trabalho enorme. O segundo trabalho é o de desapegar, no qual penso estudando a melancolia nas relações de trabalho, e que é o trabalho do luto do qual trata Freud no texto *Luto e melancolia* (1917). Superar é o trabalho de elaboração e perlaboração, que ocorre quando o sujeito já fez o luto e então vai elaborar. Aí Freud diz que há o trabalho de direcionar a pulsão, que penso ser o trabalho do desejo.

Freud fala muito na necessidade de dominar a pulsão, como por exemplo no caso do pequeno Hans. Posteriormente ele e Lacan entendem, assim como eu elaboro, que não é uma questão de dominar mas sim de como direcionar as pulsões. Quais são os destinos da pulsão? Segundo Lacan, a sublimação e o gozo, distintamente o gozo fálico, o mais de gozar e o gozo do Outro. O gozo fálico, que é o gozo da histérica, é o gozo possível sempre na falta de algo que não será possível. Está no resíduo, na excitação que não é descarregada totalmente, que seria a morte, como já mencionei anteriormente. O mais de gozar Lacan articula com o discurso capitalista, equiparando-o à mais-valia do capital na conversa que faz com Marx e Engels no Seminário 17 *O avesso da psicanálise* (1969). Então não é preciso dominar, o neurótico obsessivo gasta muita energia nessa tentativa. A pulsão é indomável porque é insaciável. Como Freud propõe, há o trabalho de encaminhar a pulsão. O destino da pulsão é como podemos satisfazer a nossa pulsão nesse mundo, no mundo externo, e é o desejo, onde é o sujeito quem trabalha. A pulsão tem uma atividade profissional bem definida: fazer o sujeito desaparecer.

A atividade da pulsão é buscar objetos para se satisfazer, de modo incondicional, sendo decepcionante quando se descobre que o investimento pulsional não é capaz ou suficiente para possuir esses objetos ou para ser o objeto de investimento do outro. Tanto a oferta de objetos como a demanda para ser objeto são um engano, um engodo, visto que a pulsão não tem objeto porque o objeto não existe. E mesmo que existisse não seria jamais capaz de satisfazê-la.

No trabalho as falsas promessas veiculadas nos discursos e nas práticas de gestão são relacionadas ao aprisionamento da pulsão ao objeto uma vez que os objetos se apresentam como capazes de satisfazê-la, como por exemplo as promessas das trilhas de carreira, avaliação de desempenho, estabelecimento de metas e critérios de certificações. É um jogo de sedução muito arriscado produzido pelo capital ao qual devemos ficar atentos para não desaparecer no canto enganador da sereia. Mesmo que em algumas situações se fazer objeto e fazer o outro de objeto tenha lá o seu valor, o risco é o caráter perverso que esse jogo pode assumir e seus efeitos para o adoecimento.

A pulsão é livre, ela circula. A relação sujeito-objeto ou objeto-objeto aprisiona o desejo. Esta é uma das armadilhas do capital: relações assimétricas, de opressão, subordinação, sem reciprocidade e sem estabelecer o laço social.

Em termos de trabalho, Lacan fala de um trabalho do qual Freud não fala: o trabalho do psicanalista. O trabalho da escuta, da clínica, da cura e que se articula com o desembaraçar do supereu. A cura se vincula ao desembaraçar da injunção do supereu, do gozo – do mais de gozar, do gozo mortífero – que é a pulsão de morte fazendo da repetição a atividade do sujeito, sujeito sem trabalho. Diria que esse é o quinto trabalho, o trabalho na clínica psicanalítica.

No contexto organizacional tenho feito trabalhos por meio de espaços de escuta. Acredito que é possível uma escuta psicanalítica, e que pode ser feita por professora, supervisora, orientadora e dentro das instituições. O dispositivo da escuta é o que talvez faça a diferença para furar os circuitos bloqueados. É fazer a transmissão desses furos o que desejo ao oferecer essa formação: trazer elementos da teoria e da clínica psicanalítica que nos permitam uma escuta na tentativa de fazer com que a pulsão invocante circule. Isso não é transformar o trabalho pois o capital não se transforma, ele se reproduz historicamente nas diversas configurações que engendram na classe que vive do trabalho; voltarei a essa discussão mais adiante. Para o trabalho da escuta é fundamental o analista ficar em contato com a castração e com as possibilidades. Uma reflexão importante nesse seminário é em que medida o investimento pulsional nos objetos é da ordem do impossível na busca da satisfação – ou não – e em que objetos ofertados pela lógica do consumo e da acumulação da produção capitalista.

Antes de encerrar gostaria de fazer uma colocação importante sobre a clínica. A clínica psicanalítica do trabalho, nesse momento, é algo autoral e original do projeto que criei na Universidade de Brasília - UnB em 2015. Trata-se de uma clínica individual feita no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos, a clínica-escola da UnB de serviço à comunidade. Não atendemos os servidores da Universidade por uma questão ética: são meus colegas e todos os processos de assédio moral, pro exemplo, eu seria obrigada a denunciar. É um projeto para a comunidade, gratuito a qualquer trabalhador e os atendimentos são realizados por estagiários supervisionados por mim e um colega psicanalista. Em decorrência da pandemia os atendimentos estão sendo remotos. Os dispositivos de escuta usados nesse trabalho são os dispositivos da escuta psicanalítica, ainda fundada em Freud mas

tendo como horizonte a clínica lacaniana orientada para o real. É dessa clínica que venho falando e foi a partir dela que propus o modelo do circuito da pulsão invocante no trabalho, do qual trato no livro de 2018 *Desejar, Falar, Trabalhar*.

A clínica psicodinâmica do trabalho continua existindo, ainda que eu não a tenha mais usado como referencial; e também não é objeto deste seminário. Vale uma nota sobre essa clínica como eu mesma escrevi em dezenas de publicações entre os anos de 1994 e 2012. É um caminho alternativo às práticas de gestão cada vez mais severas, um instrumento de escuta dos coletivos de trabalho que funciona como redução de danos à saúde mental dos trabalhadores provocados pelos brutalismos e desmesuras do sistema de produção capitalista.

Encontrar saídas é nosso trabalho ao longo desses seminários, sendo uma possibilidade entre os estudos da psicanálise lacaniana e da crítica social, uma outra proposição para a escuta dos adoecimentos pelo trabalho.

O Gozo é um Operário Padrão?

Trago aqui algumas elaborações que sistematizei sobre o gozo, a partir da leitura do livro 16 do Seminário de Lacan *De um Outro ao outro* (1968-1969), do livro 7 *A ética da psicanálise* (1959-1960), do meu livro e do livro *Gozo* (2007) de Néstor Braunstein. Começo esclarecendo que Lacan trabalha o conceito de gozo, Freud não. Freud trabalha com o que ele chama de além do princípio do prazer, que se articula com a compulsão à repetição e à pulsão de morte. Lacan faz uma releitura dos livros *Além do princípio do prazer* (1920) e *Mal estar na civilização* (1930) e traz o conceito de gozo.

O gozo de que Lacan fala é o gozo pela linguagem. Podemos pensar que o blá-blá-blá corresponde de alguma maneira ao trabalho morto, taylorizado e taylorizante. Assim, atenção, o gozo trabalha a favor do capitalismo, é produtivista, acumulador e consumista, é o operário padrão do capital. É importante entender, inicialmente, que toda satisfação refere-se a uma necessidade para a Psicanálise, como as necessidades que já trouxe aqui: seio, evacuação, órgãos genitais, voz, olhar. Os primeiros objetos de investimento pulsional articulam-se com as necessidades e por isso existe a busca da satisfação. Quando os objetos da pulsão são a voz e o olhar, como Lacan introduz, a necessidade começa a ser problematizada pela entrada da noção de desejo, que é diferente do conceito de gozo. Às vezes o discurso capitalista vende gozo como desejo, atenção a esse canto.

O capital se utiliza dos objetos da pulsão e os vendem como capazes de satisfazer a pulsão, transforma a necessidade num imperativo do supereu. Há a necessidade de trocar de smartphone todo mês? Acredito que não porque a necessidade liga-se a questões do corpo e essa satisfação falaciosa vai produzir

a felicidade tão ilusoriamente desejada. O capital produz demanda como desejo e vende como necessidade com vistas à acumulação e lucro, mas de fato não são necessidades com possibilidade de satisfação com esses objetos. A partir disso surge uma série de problemas pois a necessidade pode ser satisfeita, o desejo nem sempre e a pulsão não se satisfaz. Esse atravessamento que o capital faz na subjetividade leva à criação da ilusão de que a satisfação existe naqueles objetos que são ofertados. Porém não existe satisfação porque não há uma necessidade. A venda não é só de produtos, claramente há sofisticções e abstrações do capital que vendem idéias.

Pensar sobre comprar o que não é preciso é verdadeiro em relação ao consumo e pode nos proteger das estratégias de dominação do capital, mas também é importante nos laços sociais, na questão do gozo e na discussão sobre como modelos de gestão se utilizam desses processos psíquicos para garantir formas de funcionamento perversas. Um funcionamento onde há o aprisionamento do sujeito na ideia de que é possível existir a satisfação da pulsão.

Então uma primeira ideia importante de ser compreendida é a de que a pulsão é uma força constante, um ser mítico, grande em sua indeterminação, uma exigência incessante imposta ao psiquismo por sua ligação com o corpo que estimula além de qualquer forma de domesticação. Ela exerce esse domínio sobre o corpo e é aquilo que o coloca para frente. É algo que pulsa e se repete. Nesse sentido ela não se satisfaz. É com isso que o capital joga e busca implementar uma lógica de acumulação e consumo, identificando que vamos sempre buscar esse bem estar da saciedade.

Lacan diz de uma via muito específica em que há a satisfação da pulsão: a pulsão de morte. Isso porque a pulsão de morte se articula com a repetição. Então, segundo ele, o gozo é a

satisfação da pulsão quando se refere à pulsão de morte. O gozo possui relação direta com o pulsão mas, pelo fato desta não ser saciada, o gozo assume nuances problemáticas para a subjetividade e para os laços sociais. A relação entre o gozo e a pulsão ocorre na medida em que a pulsão deixa um saldo de insatisfação que estimula a repetição. Importante lembrar do conceito de membrana e do nascimento, em que o corpo fica erotizado pela placenta e essa é perdida na hora do nascimento, deixando uma marcação de erotização no corpo.

O saldo de insatisfação, remanescente da perda originária do nascimento, estimula a repetição. Repete-se para buscar de novo, para encontrar aquela satisfação da situação inicial de plenitude anterior ao nascimento. O gozo é o saldo do movimento pulsional ao redor do objeto. É um tropeço com o real, com o impossível. É, como saldo, algo que não foi usado e não existe sem um corpo vivo, do que decorre a afirmação de Néstor Braunstein de que a morte é o que restringe todo gozo possível. É uma força que tende à recuperação do estado anterior à palavra. Há aqui o que Lacan diz sobre a Coisa: o resto do nascimento que marcou no corpo uma erogeneidade e que é irrecuperável, um impossível de ser vivido novamente que nos move. Essa rede conceitual favorece o entendimento sobre limite, falta, aceitação do real e o que chega na clínica.

Lacan faz uma distinção entre o gozo do outro e o gozo fálico. Néstor Braunstein faz uma distinção em três, que usarei por achá-la elucidativa: gozo do ser, gozo do Outro e gozo fálico. O gozo do ser é anterior à palavra, perdido muito primariamente. Há uma plenitude placentária onde o bebê está apenas sendo e, ao nascer, a palavra vinda do outro quando o chama e o insere na linguagem faz com que ele entre no gozo do outro. O gozo do ser articula-se com essa plenitude, esse absoluto que não existe mais pois foi perdido. Uma das primeiras dores é esta de renúncia ao

gozo do ser, e mais a frente veremos que o gozo do ser não permite o existir. Parece um paradoxo, pois como renunciar o gozo do ser e trocá-lo pela dor do existir? Para o Lacan também inicialmente há renúncia no gozo, assim como para Freud ao falar do excesso contido na pulsão de morte.

O segundo tipo de gozo é o que Lacan chama de gozo do Outro e Braunstein chama de gozo secundário. Nesse gozo, instituído através da linguagem, o sujeito começa a existir, há alguém que o chama e isso no futuro se transformará no reconhecimento. Aqui, como no primeiro, o gozo está no corpo porque o sujeito ainda não possui linguagem, não simboliza. O terceiro tipo, o gozo fálico, sim é mediado pela palavra. O fálico é o gozo com limite, fora do corpo, através da simbolização e onde há efetivamente a possibilidade de existir.

O gozo no corpo está relacionado com o gozo do ser com o sujeito do gozo da repetição, onde não há limite em ambos. O gozo do ser/gozo do outro – para Lacan são a mesma coisa, o primário – ocorre em uma situação onde o sujeito está largado, deixado à disposição do outro e ao arbítrio do outro. É possível observar, nos adultos, como há diversas situações de gozo do outro. Há dinâmicas assim nas situações de trabalho onde um chefe requer que trabalhadores estejam à disposição e a arbitrariedade ignora que o trabalhador pensa, fala e elabora. É o ceder o desejo ao outro, operação instrumentalizada pelos modelos de gestão, levando ao infantilismo tão útil ao trabalho produtivo capitalista.

Há situações externas e vinculadas a um discurso evidenciadas em relações de dominação na sociedade que oprimem a tal ponto e com tal força – força que vem dos modos de produção do capital – que lançam o sujeito no lugar do recém-nascido. Deste que está em uma situação desfavorável em relação ao outro onde lhe são ofertadas coisas que ele não entende. Nesse

tipo de relação de objeto, ficar à disposição do outro e seu arbítrio por vezes incorre em arbitrariedades. Essa lógica permite compreender as relações de poder dentro das organizações e os comportamentos diante de figuras de autoridade nos modelos de gestão. Assim, pelo medo do qual falei anteriormente em decorrência da injunção superegoica e diante de um outro que protege mas que também tem o poder de punir, pode haver um modo de gozo mobilizado pelas práticas gerencialistas de gestão.

Existe um medo do outro ao qual se está à disposição e que transforma o sujeito em objeto de gozo pela possibilidade de punição. Na infância, o recém-nascido está sem saída para isso. O adulto já não está encerrado nisso, mas fica porque é um processo psíquico extremamente difícil de se desembaraçar. O medo de punição participa das relações de submissão, de servidão, da subserviência e concerne ao passado histórico e ao discurso colonizador. Freud menciona em *Mal estar na civilização* (1930) que o medo pode ser um disparador de sujeição a arbitrariedades. Na clínica observamos muitos pacientes nesse imbróglio, principalmente nas situações de assédio moral, ainda com a dificuldade de desembaraçar-se do ponto de vista social pela força do brutalismo da opressão e dominação organizacional, econômica e política. Existe uma assimetria de poder desmedida, reflexo da diferença de classe social e distribuição absurdamente desigual de renda no contexto brasileiro, além da história do trabalho escravo.

Voltando à categoria conceitual do gozo, o recém-nascido renuncia o gozo do ser para tornar-se objeto do gozo do Outro pois o gozo do bebê é ser esse objeto. Após renunciar o gozo do outro pode-se passar ao gozo fálico, onde não existe mais indiferenciação entre o eu e o mundo nem a busca pela Coisa. Neste momento, é possível aceitar, em maior ou menor medida, as condições da realidade que modificam essas formas de satisfação. O gozo fálico implica sempre a renúncia do resto que é

irrecuperável, e nesse sentido é o gozo mais neurótico. É o gozo renunciado, incompleto. É, impreterivelmente, o gozo da linguagem visto que já houve ali um chamado, uma invocação, uma intervenção do outro.

Vejam a complexidade disso: a intervenção do outro com a entrada da linguagem é o oposto do gozo do ser porque a linguagem faz com que o gozo saia do corpo e passe a ser o gozo da fala, da palavra, do sujeito, do existir. Há a dor de existir no gozo fálico pela expulsão do paraíso da plenitude, e a existência para a Psicanálise é estruturada nessa perda irrecuperável. A partir disso podemos falar do mais-de-gozar, que eu diria que é pernicioso, e que contribui para a compreensão das patologias do trabalho. De fato o gozo do corpo é complicado por ser simbiótico, remetendo à psicose e ao autismo; enquanto o gozo fálico remete à perversão e à neurose.

Lacan trata do mais-de-gozar no livro 16 do Seminário, *De um Outro ao outro* (1968-1969), e do gozo em *A ética da psicanálise* (1959-1960) e em *O avesso da psicanálise* (1969-1970). O mais-de-gozar sem dúvidas está atrelado ao capital. Porém tenho uma hipótese de que o capital também poderia alcançar o gozo do Outro, este mais originário e simbiótico, por meio de uma sofisticação do discurso que nos chama e incute que a pulsão pode ser plenamente satisfeita. Aqui poderíamos ver o sujeito catatônico, zumbi, o sujeito da repetição, que está no automático. Invoca-se um sujeito que busque os caminhos para a satisfação plena que é proclamada pela injunção do supereu como imperativo do gozo. Sujeito que também é catatônico por oferecer seu corpo à pulsão. Radicalizo essa possibilidade do discurso capitalista que vende desejo como necessidade e que pode produzir o gozo do Outro por vender a ideologia da felicidade plena. É possível que o capital se aproprie do enigma envolto no gozo do Outro,

enigmático porque há um chamado mas não se sabe qual o desejo do Outro.

Farei uma observação sobre o falo para estabelecer uma ponte com o mais-de-gozar. A questão do falo não coincide com as diferenças sexuais entre homens e mulheres, e sim um conjunto de significantes e um sistema que vem do Outro. O falo é uma afirmação de que o conjunto de significante, ou seja, o sistema do outro, é inconsistente. O falo vem para proibir o gozo como absoluto, como algo que nos permite desviar do que é inatingível. O falo é um princípio organizador das pulsões, por isso é importante para entender o desejo. O falo, para Lacan, está deslocado do corpo e relacionado ao gozo na palavra.

O gozo fálico requer anuência do outro; diferente do gozo do ser que é pleno, sozinho, simbiótico e sem limite. Anuência do outro significa presença do outro, e portanto um limite. Na primeira fase de estudos sobre o gozo, Lacan ainda o articula com a entropia e a questão energética, assim como faz Freud ao falar da descarga de tensão que satisfaz a pulsão. Posteriormente, no livro 16 do Seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969), Lacan realiza uma releitura do conceito de gozo introduzindo o mais-de-gozar. Na verdade, não é uma releitura. No primeiro momento ele utiliza uma lógica mais energética do gozo, e no segundo momento introduz o mais-de-gozar como função articulada ao discurso e ao objeto *a*. A formulação traça um caminho que começa no gozo articulado ao corpo do recém-nascido, passa ao corpo do outro (que tem o recém-nascido como objeto) e chega ao gozo fora do corpo quando a linguagem entra em cena. Este é o gozo fálico, que é limitado, renunciado e onde o sujeito se vê precisando do outro para existir.

A existência dói porque sem o outro não há existência, fato que traz uma série de impasses para todos nós. Imagino que quando Lacan observou um gozo ligado à linguagem, à palavra,

pensou que deveria haver algo mais ali. Ele começa a enxergar que existe um excedente, que o gozo não é apenas renúncia. Na primeira formulação o gozo é algo renunciado porque é perdido, na segunda o gozo é um excedente da linguagem, do que é impossível de ser simbolizado e portanto de ser dito.

O gozo excedente se apresenta como não recuperável pelo sujeito na medida em que está, de entrada, perdido. Antes havia algo que não está mais lá, que faltou. O mais-de-gozar é a repetição na busca disso que havia antes, ancorado na exigência incessante ao psiquismo que é a pulsão. Insiste-se na procura por algo que foi perdido e com isso há um excesso nessa repetição, do que decorre o gozo. Gozo vivido na linguagem e no discurso, não mais o gozo do corpo e como renúncia à plenitude. O gozo da repetição nessa busca se manifesta na conversa sem fim, nos neuróticos que se repetem nas organizações, nos pacientes de mesmas falas, quando escutamos a nós mesmos no lenga-lenga. É daí que vem o corte na clínica lacaniana diante do sujeito que tem uma justificação de tudo. O blá-blá-blá que se repete no discurso do adulto é uma tentativa na direção do gozo, de supor que existia algo antes.

Segundo Lacan, o mais-de-gozar é uma condição para entrar no discurso de alguma maneira. São três as formas de gozo: do Outro, fálico e mais-de-gozar. Porém eles não estão, teoricamente, articulados na mesma raiz, no mesmo eixo. O gozo do outro e o gozo fálico estão estruturados em uma lógica diferente do mais-de-gozar, que está completamente estruturado no discurso. Então é na fala que o sujeito goza. Parte disso a articulação que faço, assim como Lacan, para entender as patologias e a clínica por meio da análise do discurso capitalista. Trabalho com a hipótese de que o discurso capitalista faz o sujeito gozar e de que o trabalho clínico destitui o mais-de-gozar e invoca no sujeito novas formas de gozo, ou seja, o sujeito em análise pode se reposicionar frente a função de objeto do gozo do capitalismo.

Os modos de gestão veiculam um discurso e uma prática que sustentam o gozo do capitalismo e fazem o sujeito sofrer e adoecer por este lugar que lhe é forjado.

O contexto de maio de 1968 na França fez Lacan refletir ainda mais sobre o gozo. Pensava que já havia descoberto todas as formas de gozo e que elas eram suficientes para a sua teoria. Entretanto, as questões políticas dessa época o levaram a reler Marx por sua incredulidade na barbárie, na tirania que presenciava. A princípio ele discute, a partir dos quatro discursos – discurso do mestre, discurso da histórica, discurso do universitário e discurso do analista –, o discurso do senhor. O senhor agora é um senhor tirânico, como as ditaduras na América Latina, e parece infundável a capacidade do ser humano para a barbárie. Como Freud pensava em *Mal estar na civilização* (1930), a barbárie é a pulsão de morte elevando e levando o propósito da sua satisfação ao infinito.

Tanto Freud – branco judeu – como Lacan – branco burguês francês em 1968 – pensaram sobre a tirania. Essa contribuição é essencial para entender o laço social, a intersubjetividade e a sociedade atual (ao meu ver cada vez menos civilizada, e não é porque os selvagens foram, e ainda são, eliminados na colonização...) inclusive no capitalismo numérico e as novas formas de reprodução do capital que instauram-se como uma pandemia. Crise, aliás, que não é resultado mas causa do capitalismo; deixemos para outros encontros essa discussão.

Lacan fez a leitura de Marx e trouxe digressão ao discurso do mestre, propondo o discurso do senhor, o qual posteriormente se desdobra no discurso capitalista. Ele estudou o discurso do mestre e fala do discurso do senhor em função das tiranias postas na história da civilização, e que quem assume o lugar do senhor é o capitalista. Com a leitura de Marx, começa a pensar a produção assim como este o fez ao criticar o capital e propor o conceito de mais-valia. Lacan então realiza uma correspondência entre o

discurso e a produção de mais-valia, inventando o mais-de-gozar. Se há um discurso do mestre que é discurso do senhor por conta da tirania e vira discurso do capitalista, então algo deve ser produzido da mesma forma como a mais-valia foi produzida.

Assim como o capital, o discurso produz algo, o que suscita o desenvolvimento da hipótese do gozo. O discurso também produz um excedente, e esse excedente é o mais-de-gozar. A elaboração do conceito de mais-de-gozar não desaparece com o gozo fálico e o gozo do Outro, é apenas uma forma de organizar a conceitualização saindo do modelo energético e buscando uma analogia com a mais-valia. Mais-de-gozar é a tradução para o português, no francês o termo é gozo plus; interessante porque *plus* em francês significa mais, nenhum ou nada.

A ideia de Lacan é ter um outro modelo para o gozo, a partir de sua observação de que o discurso produz um excedente. Nessa lógica, propõe que a repetição fica no lugar do gozo perdido e cria o mais-de-gozar. Néstor Braunstein formula conceitualmente o mais-de-gozar com "eu escuto o sentido". Ou seja, eu escuto o sentido no que diz respeito à semiótica, o sentido da linguagem. Então é um sentido que se escuta em uma linguagem e em um discurso inconsistente do Outro, sendo o gozo escutar um sentido. Formula-se, assim, o gozo do sentido pois é algo inassimilável à linguagem, algo que escapa a ela e que nos retorna à inconsistência do Outro. Por isso diz-se que a palavra mata a coisa.

Considerando o resto que é inassimilável à linguagem, por mais que se fale nunca vai se falar. O fala tudo, escuta tudo, sabe tudo ou tudo sabe não existe, sendo assim a repetição é o gozo pela suposição de que é possível assimilar tudo à linguagem. Quando permaneço no blá-blá-blá, estou escutando o sentido que eu mesmo dou; e há gozo, um frenesi. Isso requer uma atenção no mundo do trabalho taylorizado e suas reuniões intermináveis,

discussões onde se fala por falar e outros exemplos de “gozo de massa”, que os trabalhadores bem sabe porque são práticas de gestão mortificadoras que fazem desaparecer o sujeito, que chega à nossa clínica “mais morto que vivo”. É esse o sujeito que nos fala do seu massacre pelo modelo produtivista neoliberal e que adoce cada vez mais, de modo sutil e invisível pelas boas doses de refinamento perverso.

O frenesi pelo excesso que se produz na fala de alguma forma se opõe ao gozo fálico, porque o gozo fálico diz respeito ao gozo parcial, à criatividade e à sublimação. É gozar do que é possível, dos objetos que são apresentados na realidade. Diferente também do gozo do ser, bastante primário.

A tentativa de assimilar à linguagem um resto inassimilável por meio da falação é algo neurótico, que visa assegurar uma consistência ao Outro. Isso diz respeito à sua inconsistência enigmática vista pelo recém-nascido, da qual falei anteriormente. Invariavelmente o recém-nascido tenta decifrar o outro e o neurótico tenta assegurar uma consistência em busca da garantia do sentido. O Outro é como um ente que garante a totalidade do discurso porque há uma suposição de que ele não é castrado. Possivelmente isso explique que as pessoas acreditem demasiadamente no que lhes é dito no mundo do trabalho, pela empresas, nas áreas de gestão de pessoas, saúde e qualidade de vida no trabalho.

Neuroticamente imagina-se que existe um sentido no que o Outro diz, porém não há sentido que garanta uma totalidade, uma consistência do discurso. Assim, o gozo no discurso e na linguagem volta a se articular com a ideia de perdido e a discussão sobre a verdade do saber é retomada. Não existe o saber absoluto, o saber é algo construído. Os modelos de gestão taylorfordistas, de qualidade total e de gestão estratégica veiculam e fazem

chamamentos de que existe uma única verdade; a ciência também propaga isso.

O imperativo do supereu é exatamente levar o sujeito a acreditar que existe esse sentido total, um absoluto. A injunção superegoica faz com que ele goze no "eu escuto o sentido", nessa suposição da totalidade do discurso e que este vem do outro após o resto que ficou perdido não ser assimilado pela linguagem. Vemos frequentemente essa armadilha do supereu na clínica lacaniana do trabalho que fazemos. Os trabalhadores chegam ao nosso projeto muito adoecidos, extremamente enredados na angústia da busca por esse sentido que não existe.

O gozo encobre a angústia dessa busca pelo impossível, e sem angústia o desamparo toma conta do sujeito. Quanto mais desamparado, mais se torna presa fácil dos jogos perversos do capital. Posso articular assim uma parte dos estudos do Lacan sobre a angústia "que não engana": quanto menos angústia, mais desamparo. Nesse sentido, a felicidade, assim como a psicologia positiva, pode ser útil ao capitalismo. Podemos também pensar que o sofrimento no trabalho, se não estudado como angústia, pode ser um modo de gozo útil mesmo com todas as dimensões da dolorosa realidade de precarização do trabalho, sendo assim objeto de controle e dominação do capital.

O mais-de-gozar é não só causa como também efeito do objeto *a*. Não é possível falar em gozo sem falar em objeto *a*, este que é causa de desejo e que edifica o laço social. O objeto *a* sendo o objeto perdido, o mais-de-gozar e o discurso capitalista serão extremamente perniciosos para a construção dos laços e podem originar diversas patologias sociais e do trabalho. O objeto *a* como objeto perdido é aquilo que insiste em ser, mas nunca foi e nem será. Em alguns momentos poderíamos dizer que é equivalente à Coisa que mencionei anteriormente, ligada à placenta e às perdas.

Através do gozo do sentido, o discurso capitalista e os modelos de gestão tendem a disponibilizar os objetos perdidos enquanto achados. Isso para se colocarem como a causa do movimento da pulsão. Podemos, por exemplo, pensar nas metas como objeto *a*, a questão das metas inatingíveis. Assim como as certificações de qualidade total, as exigências da avaliação de desempenho individuais, a remuneração variada, a distribuição das comissões. Verificam-se eufemismos ligados a esse discurso, como a ideia de família, vestir a camisa, encontro no final de semana para plantar árvores, que são veiculados pelo gestor. Somos um país colonizado mas não é preciso haver um pensamento colonizador nem laços sociais colonizantes.

A problemática da colonização, da dominação, da opressão desliza para a construção das diferentes formas de laços sociais; laços sociais patológicos, visto que o discurso capitalista não faz laço, quem faz é o discurso da histeria. Aqui se encontra uma das bases para o nosso estudo sobre as psicopatologias do trabalho. São laços escamoteados em eufemismos, enganações e farsas. Acidentes de trabalho que se perdem nas normas, regras, valores e cartazes com a missão da empresa. Há muitos objetos a espalhados nos corredores das empresas taylorfordistas que estão sendo ofertados como objetos encontrados ou como objetos que permitem satisfação plena. Porém no Real esses objetos estão sob a ordem do impossível.

O discurso de crescimento na empresa que diz ser possível chegar ao posto de diretor ou presidente é uma falácia, pelo menos no Brasil. Porém alguns trabalhadores e até nós pesquisadores que trabalhamos na área de Recursos Humanos entramos nesse canto da sereia. Nos esforçamos porque é muito sedutor e nos movemos para encontrar o que já foi perdido mas que imaginamos que se está perdido é porque esteve lá. Nessa lógica do impossível, a pulsão se move tendo o objeto *a* como a causa do desejo. Aí que a

falta sustenta o desejo e faz uma aposta arriscada sem destino, esse mesmo objeto *a* que faz nó no RSI (real, simbólico e imaginário), na constituição do sujeito.

Desse modo, o desejo se estrutura exatamente entre o que nunca foi e o que se imagina que era. Por isso Lacan discorre sobre o desejo como falta. Comumente, a demanda nas situações de trabalho se instaura onde se acredita haver sentido em tudo e na totalidade do discurso que não deixa lugar para o desejo. É frequente, nos processos de trabalho em organizações burocráticas, que o neurótico tome o desejo do outro pela demanda do Outro. O mundo do trabalho é uma imensidão de possibilidades – inclusive de não trabalho – e há o trabalho uberizado, informal, precário, voluntário. Muitos dos exemplos que trago aqui são claramente vinculados ao trabalho assalariado capitalista em organizações taylorfordistas porque os trabalhadores que atendemos na Universidade de Brasília vêm deste formato de trabalho, até porque o formato online (nesse momento do isolamento social) não permite acesso aos trabalhadores dos demais formatos que citei.

Prosseguindo, o discurso capitalista utiliza as injunções do supereu em função de dois pilares do capital: a aceleração da produção e a intensificação do comportamento de consumo. Uma parte dos imperativos supergoicos, como imperativo o gozo, ocorrerá em função da aceleração da produção – produção do mercado e produção de sentido dogmáticos – e o consumo. Lacan entende que o discurso capitalista é sustentado nesses dois pilares e que o mais-de-gozar é um efeito destes. Isso porque o mais-de-gozar é uma repetição excessiva da busca de objetos que satisfaçam a pulsão, que não se satisfaz.

O taylorfordismo elimina a improvisação, a criatividade e a inventividade enquanto promove um discurso de saber absoluto e um excesso de produção. Pela sublimação, ou seja, por um outro

caminho que a pulsão toma para a possível satisfação incompleta, é possível o tratamento do mais-de-gozar, desse gozo mortífero, compulsivo. O capital goza do sujeito e o sujeito goza na compulsão, diferente da sublimação e do gozo fálico. Na conciliação entre ser e existir, entre um Outro e o outro, existe uma porta entreaberta para um possível gozo desde que seja preservada a possibilidade de estabelecer laços com seus semelhantes, outros sujeitos, seres humanos (enquanto não existirem os robôs, clones e avatares aqui convivendo com nós)... Os laços sociais, não patológicos, implicam quebra do discurso da verdade e do saber!

Entra na discussão, também, o desamparo. É impraticável a ideia de que o outro vai me dar nesse gozo. Cada um precisa dos seus próprios caminhos de gozar a vida, gozar dentro das possibilidades, parcialmente, com os objetos que estão disponíveis. Porque a busca da simbiose com o outro, que remonta o gozo do ser e o gozo do outro, desemboca no discurso capitalista e no mais-de-gozar. Isso é nefasto para os laços sociais pois pressupõe algo narcisista, onipotente, pleno, total, tirânico, sabe tudo, tudo sabe, absoluto. O laço só se dá na falta, no desejo.

Caso não haja a possibilidade, a porta entreaberta, os laços sociais tornam-se patológicos. Como acontece também nas práticas de assédio moral e nas opressões que os modelos de gestão implementam. Esses tipos de laços sociais dão sustentação para as patologias da normopatía, da melancolização e do medo, além das patologias, que já estudamos há 15 anos (Mendes, 2007), da sobrecarga, da violência e da servidão. As formas patológicas de construção de laço social se dão no jogo entre pulsão, necessidade, desejo, demanda e modos de gozo.

O gozo fálico é o gozo possível, importante e recomendável para nossa existência psíquica, social e política. Porém, nos modelos de organização do trabalho no mundo

capitalista, o discurso capitalista pressupõe um tudo sabe e não deixa espaço para a falta. Sem a falta, ou a renúncia, não existe gozo fálico. Alguns de nós conseguem, mas muitos outros trabalhadores são empurrados para esse modo de gozo maléfico e invadidos pelo mais-de-gozar ou pelo gozo do Outro. Hipotetizo que quanto mais o discurso é operado pela lógica do tudo-sabe e do sabe-tudo e dissimulado por todos dentro de uma organização, mais é neurotizante, faz laços patogênicos e produz o mais-de-gozar. Seria necessário um estudo comparativo para verificar essa hipótese, um estudo para entender como são os discursos acessados por sujeitos em diferentes tipos de trabalhos e como os afetam. Por exemplo, o trabalho de catadores de materiais recicláveis: é um trabalho precário em todos os sentidos, eles são socialmente excluídos mas não temos clareza de como eles se inserem nesse discurso do ponto de vista da subjetividade. Penso que muitos trabalhadores operam na lógica do discurso da histérica ou do analista, mesmo que não no consultório tradicional, embora estes também possam ser tomados pelo discurso capitalista. O importante é o lugar e a função que se ocupa no sistema de produção capitalista que produz neurose. E às vezes, a opressão é tão violenta que não há saída, ou não?

Gostaria de me encaminhar para a conclusão lendo um trecho do livro do Néstor Braunstein (2007) sobre o verbo pulsionar, no sentido do movimento da pulsão:

(...) Pulsionar, rodear a zona, com letra maiúscula, a Coisa. É conhecer que ante ela, ante a Coisa, naufragam as ilusões e chegar ao ponto proposto por Lacan no auge do Seminário sobre a ética, em que o sujeito afronta a realidade da condição humana, esse fundo de angústia em que se perfilha um desamparo, insondável e irreversível. E então, quando confrontado com a sua própria morte, é sacudido pela certeza

de que não pode, nem tem que esperar o socorro de ninguém. Não há proteção nem escudo. (p. 295).

Quero introduzir algo, que vou desenvolver em um dos nossos próximos encontros, que é a questão da sublimação e do desejo. Imaginação, invenção, criatividade frente às resistências; como é possível outro destino para a pulsão diferente do excesso, da repetição e da mortificação do desejo. O outro destino da pulsão é a sublimação, onde é possível ter prazer, criar, inventar, improvisar. Lacan fala da ética do desejo no livro 7 do Seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960). Certamente essa ética vincula a perseverança no ser ao desejo, ao desejo como caminho para o gozo e não a via da demanda, do excesso e da repetição da busca incessante por objetos inatingíveis que se ofertam de modo equivocado como meio de satisfação plena.

O limite a partir do qual é possível o gozo fálico se articula à inscrição do nome do pai e à castração. O nome do pai, que permite a simbolização, é fundamental na nossa discussão e acredito que estamos carentes do falo simbólico. Tenho me interessado bastante pela perversão, e talvez possa falar dela no nosso quinto seminário, articulando-a com o mais-de-gozar. Porque o gozo pleno do corpo, o gozo que não tem limite, parece estar presente no perverso. Esta questão diz respeito à associação entre o psíquico do sujeito e o social, visto que o discurso do capitalista promove o excesso, a repetição, a compulsão e a falta de limite. Se o nome do pai está fora, então onde está a lei? Não existe gozo fálico sem lei, e estamos carentes de autoridades e fartos de tiranias. O autoritarismo não, mas talvez a autoridade sim. Estamos em um movimento antiético de gozo absoluto, gozo no lugar do gozo. Precisamos de outras formas de gozar fora do padrão operário que o capital impõe.

Mais-de-Gozar e HiperCapitalismo

Por que o sujeito repete uma situação onde existe uma tensão na tentativa de que esta tensão seja descarregada completamente? Essa é uma questão que estou tentando traduzir para chegar ao conceito de pulsão de morte. Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920), diz que "se quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos que supor que elas estão associadas, desde o início, à pulsão de vida" (p.67). Neste momento, faltando duas páginas para terminar o texto, ele aponta que não existe só pulsão de vida e que as duas são parte da mesma pulsão, porém diferentes.

Posteriormente Lacan retoma o tema e desfaz a dicotomia entre pulsão de vida e pulsão de morte, propondo que existe uma única pulsão e que a de morte é a pulsão por excelência. A pulsão de morte é a pulsão que faz o sujeito arriscar, criar, ao mesmo tempo em que o risco implica uma situação de "destruição". Já a pulsão de vida é mais conservadora, protetora, pulsão do ego.

A pulsão de morte é a que faz o sujeito desejar, e gozar. A busca incessante pela experiência de descarga e de prazer já vivida leva à repetição, uma tentativa incansável que caracteriza o gozo. Não há satisfação apenas com a descarga de energia, há vontade de insistir para ver se a descarga irá se repetir. O gozo está nessa repetição, no gasto de energia que o sujeito tem para repetir a situação de descarga absoluta e completa. Ademais, Lacan localiza o gozo no discurso, na busca de sentido.

Isso acontece frequentemente com nossos pacientes, trabalhadores adoecidos com o rompimento na cadeia de repetição onde não é mais possível o gozo no discurso do sentido. Quando percebe que não há sentido no discurso que está sendo proferido,

quebra e adoce. Se vê então com a tarefa de encontrar novos modos de gozo; na realidade, poderia ser um gozo fálico ou nenhum gozo e sim o prazer, a sublimação. É isso que a clínica tem como potência para oferecer ao paciente. Depois da quebra, a construção do destino para a pulsão com todas as restrições e renúncias que cabem ao prazer e à sublimação é o que possibilita a criação de um saber singular.

Venho trabalhando na articulação entre a história de vida, a história do trabalho e a história da instituição; e elas se cruzam na clínica. Existe uma história que acompanha a história do país, dos governos e da própria colonização. Por isso trago no livro o conceito de discurso capitalista colonial, para mostrar que a história de um povo influencia no adoecimento do trabalhador lá na frente. Além disso, há a história da instituição, como ela foi construída, por quê, em que bases, quais rupturas houveram ali. E há a história de vida.

A repetição é algo que faz parte do psiquismo para a Psicanálise, e a repetição faz parte do processo de acumulação do capital. Fica a cargo da subjetividade acompanhar o ritmo de uma esteira de produção invisível que passa pelos nossos pés, o que cola perfeitamente no gozo. Há a busca incessante, simultânea à esteira que continua funcionando, de repetir uma experiência de suposta descarga total da pulsão. No projeto da psicologia, Freud se referia a excitação, depois libido e então pulsão. Pulsão, gozo e discurso se relacionam, por isso esta retomada.

O gozo é um destino da pulsão, um caminho que a pulsão toma. Todos nós gozamos e isso é muito bom. Desde que – e então começam os problemas – seja o gozo fálico, aquele que sempre ocorre com uma restrição ligada ao supereu freudiano. A restrição impossibilita a descarga total da energia, o que seria a morte. É essa a restrição para o gozo fálico e que é muito angustiante para o sujeito, pois a ideia da descarga total que se

articula à morte também se articula à vida – o pré-nascimento. O estado que Freud chamava de nirvana acontece no útero e torna o nascimento traumático, porém supõe-se que também há essa experiência de completude na morte. O gozo fálico é o reconhecimento que esse estado não volta mais; e se volta, é a morte do sujeito.

O gozo fálico, ainda que haja restrição da possibilidade de descarga total, é o recomendável. É o preço que se paga na civilização para viver: a própria restrição. Isso é básico na Psicanálise e é o oposto do que o capital faz. Este provoca a morte a conta-gotas no dia a dia, exige que o sujeito fique como morto e vende a ideia de plenitude, de felicidade, de possibilidade de satisfação total. Felicidade que aparece como significante em várias organizações e as injunções do supereu de que se deve e pode ser feliz. Para a Psicanálise a felicidade será sempre restrita, não no sentido moral mas no sentido ético.

Quando Lacan fala da ética do desejo, ele está se referindo ao que é bom para o sujeito. O gozo é a falta de limite que é regulado pelo desejo. Cada sujeito terá suas formas de gozo e sempre há uma justificação para que se continue no excesso. Enquanto isso, o sujeito se perde no seu desejo. Então, o desejo passa pela renúncia do excesso e da repetição. Todos devem buscar e ter prazer na vida, o que é possível e não envolve questões morais. Porém o gozo é um tipo de ruptura que o sujeito faz com seu desejo e que, a partir disso, entra na demanda do Outro.

No modelo taylorfordista nas organizações isso é muito forte com imperativos do gozo como "você pode responder o Whatsapp de madrugada; você pode trabalhar 18 horas", por exemplo. Os inúmeros "você pode, você deve e você consegue" são as injunções do supereu que ordenam "vá lá e goze". Ou seja,

não há limite. Você pode fazer o que você quiser porque depois você resolve, depois faz dessa maneira ou daquela. Continua-se a repetição de um não-limite.

Quando se fala em pulsão de morte não há necessariamente uma ligação com ideação suicida, agressividade ou destruição, embora Freud mencione os tempos de guerra e o que rege a sociedade. Hoje, há uma pulsão de morte desgovernada, completamente sem sujeito, fazendo e acontecendo. Ao meu ver, existe atualmente em nossa sociedade uma forte tendência a modos perversos de gozo.

Retomo Freud para que se compreenda de onde Lacan parte com a pulsão de morte e a partir de onde desenvolve o conceito de gozo. Uma primeira ideia sobre esse conceito é o saldo deixado pela tentativa de satisfação do gozo. Ele diz que o gozo é a satisfação da pulsão mas, como esta não é satisfeita, sempre resta um saldo de insatisfação que estimula a repetição. A pulsão se insatisfaz, como ele escreve. Portanto, o gozo não é satisfação da pulsão.

Freud discorria sobre a pulsão de vida, a pulsão de morte, o prazer como satisfação dessas pulsões, o desprazer. E deixou em aberto a ideia de que existia um além do princípio do prazer, que ele não conseguiu elaborar naquela época. Lacan viu isso: esse além do princípio do prazer é o gozo. A pulsão não é satisfeita e a insatisfação deixa um saldo, por isso repetimos. A repetição é a busca de uma satisfação que jamais será satisfeita, originária da perda da membrana no rompimento para o nascimento. O gozo é o saldo do movimento pulsional ao redor do objeto.

O gozo é o troço com o real, com o impossível. Lembrando o que Freud fala sobre o carretel, o gozo é a repetição ao redor do objeto. A pulsão é satisfeita através de objetos e tem finalidades, sem esquecer que objeto para a Psicanálise pode ser uma pessoa, uma situação ou uma ideia e é uma forma de

representar aquilo que está fora do sujeito. Há que se levantar a pergunta do que estava disponível no início da vida para satisfazer as necessidades. Néstor Braunstein salienta que existe a satisfação das necessidades mas não a satisfação pulsional, porque a pulsão é a representação entre o psíquico e o somático. A pulsão envolve a representação que o sujeito faz do seu corpo erógeno, porque não existe apenas a fome, a mamadeira e a satisfação.

A questão na pulsão e na busca de sua satisfação é como o bebê recebeu esse alimento. Aconteceu com qual olhar? Em qual contexto? De que maneira o seio ou a mão com a mamadeira chegou até ele? Existe uma diversidade em relação à composição das figuras de cuidado e a função da maternagem, e o cuidado e a proteção são mais importantes do que o gênero ou o parentesco com o bebê da pessoa que exerce essas funções. O bebê satisfaz a fome e tem um prazer ao sugar enquanto vê um sorriso, um gesto, uma fala de quem o alimenta. Inclusive, neste momento ele começa a ser reconhecido como sujeito.

Diversas articulações disso com a situação de trabalho podem ser feitas. No trabalho há metas, parafernalia gozantes e falas de trabalhadores sobre, por exemplo, como uma alta carga de trabalho não é sentida assim pela forma como o chefe a coloca. O tipo de voz, olhar e gesto que participam do reconhecimento da criança são traduzidos em afeto, no sentido amoroso ou não-amoroso, e se desdobram nas patologias e na clínica pois fazem muita diferença na repetição e nas experiências de prazer – na articulação das necessidades e do desejo.

O capital faz a transformação da necessidade em desejo, e venho chamando atenção para o capitalismo neoliberal digital que vivemos hoje com a indústria 4.0, o big data, a inteligência artificial, etc. Precisamos de um celular, mas precisamos do último modelo lançado? A necessidade é se comunicar e se ela está sendo atendida, não se deveria mais vender um desejo em cima dessa

necessidade. Porém é isso que a lógica do consumo e da acumulação faz em relação às ofertas de mercado. Quando o capital fala em ofertar produtos, pode-se entender ofertar objetos para satisfação da pulsão. Uma oferta de objetos com a premissa de que essa satisfação da pulsão é possível, entretanto não é.

É imprescindível entender que a necessidade se satisfaz mas a pulsão não, ainda que esta seja o que faz o sujeito desejar que um dia se satisfaça. Esse é o tropeço com o real, com o impossível. No último seminário Lacan retoma a questão do sentido, do discurso e a tradução do real, a nominação do real. Este que é da ordem do inominável, do impossível, o que acontece porque simplesmente acontece. Na vida acontecem tropeços que o real impõe. Há, por outro lado, eventos, adversidades, "sortes", "acazos" que compõem a realidade.

A repetição, além de se vincular ao gozo, é também uma tentativa de se apropriar do real, de traduzi-lo, representá-lo. Decorre disso a ideia do gozo do sentido, um gozo neurótico: tudo precisa ter sentido, uma explicação, uma razão. Porém, por vezes, simplesmente não há. Esse precisar está ligado ao saldo de insatisfação da pulsão, que sempre irá existir. Não adianta tentar preencher, e a busca desse preenchimento é a repetição do gozo.

Clinicamente é importante compreender que quanto mais o sujeito investe sua energia em repetir, mais ele se afasta do seu desejo; e mais ele se afasta da possibilidade de prazer que existe na vida. A repetição ocupa o sujeito e sobrecarrega seu psiquismo. Ao investir grande excitação na repetição, na tentativa de uma descarga total que não existe, o sujeito se afasta do desejo, do prazer e da produção de um saber singular sobre si mesmo. Sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Isso porque ele está totalmente investido na própria repetição, realmente do ponto de vista mecânico do qual falava Freud. Ou seja, aumento de excitação

implica em desprazer e diminuição de excitação significa prazer. Essa ideia se mantém no conceito de gozo. O que Lacan desenvolve é que a tensão que é buscada, ser descarregada ou não, passa a ser experienciada no discurso, na linguagem e na busca de sentido. O blá blá blá do neurótico está ancorado nisso, há um gozo com o discurso da cadeia de significante que se repete.

Outro paradoxo envolvendo o gozo é que este não existe sem um corpo vivo. Obviamente, pois ele está ligado à dimensão psíquica e somática da pulsão, e a morte restringe todo o gozo possível. Então o sujeito repete para encontrar o gozo pleno, entretanto esse gozo pleno sem corpo não é mais gozo. Ao compreendermos teoricamente estas questões, a compreensão clínica do movimento dos pacientes é facilitada.

Falando mais especificamente sobre os modos de gozo, segundo Lacan existem o gozo fálico, o gozo do Outro e o mais-de-gozar. Em sua primeira elaboração, Lacan trata dos dois primeiros, principalmente ao escrever sobre as estruturas da psicose, da neurose e da perversão. Isso porque são os modos de gozo que definem as estruturas clínicas na teoria lacaniana, compreendendo que o modo de gozo dá acesso à estrutura. Ao tratar da psicose e da perversão, ele fala do gozo do Outro e do gozo fálico. O gozo do outro se articula com a psicose a partir da simbiose, pois o sujeito não existe e não pode ser sem estar no lugar do objeto desse Outro; não há diferenciação.

Em 2014, quando comecei a transição da Psicodinâmica do Trabalho para a Psicanálise, pensava nas relações sociais do trabalho e o modelo capitalista considerando a simbiose, o eu ideal e a identificação eu-mundo. Hoje, tenho pensado na perversão como um modo de gozo predominante por ser veiculado pelo discurso capitalista que se articula ao discurso do mestre. Há um modo perverso de gozo que é sem limite, gozo total, onde se observa a denegação da castração. O capitalismo digital está

produzindo a exposição do privado publicamente e um gozo do outro e com o outro.

Com as redes sociais, quem adocece é o neurótico que entra na mão do perverso. Como Freud explicou, em um há a denegação da castração e no outro a recusa, a dificuldade em gozar. No caso do neurótico, há a recusa do gozo porque ele não quer entrar em contato com a falha. O casamento perfeito nos espaços de trabalho hoje: o modo perverso de mãos dadas com o modo neurótico e o capitalismo digital se aproveitando dessas formas de subjetivação. No caso da psicose está envolvida a simbiose e a falta de acesso ao objeto. Não há um objeto para negar ou para recusar porque ele não oferta a satisfação, visto que a simbiose não permite sequer a elaboração da demanda.

Então, se pensarmos nos tempos da pulsão invocante estudada por Jean-Michel Vivès e considerarmos que os primeiros que cuidam fazem uma invocação do sujeito, o Outro não faz esse chamamento inicial do sujeito. E se pensarmos no capital com excesso de vozes e de chamamentos, esse modo de gozo psicótico está fora do mundo do trabalho. Trago essas argumentações para dizer que não é possível falar do gozo do Outro no ambiente social do trabalho, onde a castração já se instaurou. Então esse gozo do Outro, ao qual não vou me ater porque se articula com a psicose e com o autismo, não está no âmbito de uma prática clínica vinculada às questões do trabalho.

Já o gozo fálico sim e nos interessa, visto que o sujeito goza em um contexto de restrição e onde há diferenciação entre o eu, o outro e o objeto que permitirá uma possível satisfação. É o que Freud chamava de eu-real. Assim, o gozo fálico passa pelo princípio do prazer e pelo princípio da realidade. É o gozo acessível ao neurótico e com o qual os modelos de gestão das organizações não se contentam, pois ele implica castração, limite. O gozo fálico se aproxima do prazer, a diferença sendo o prazer

um destino da pulsão vinculado à sublimação e o gozo fálico ainda como um destino da pulsão vinculado ao gozo. Há uma dose de repetição neste tipo porém uma repetição que aceita a existência da castração, ou seja, ela não é tão desmedida como o mais-de-gozar.

O gozo fálico é o gozo do neurótico porque há a recusa de uma castração que ele reconhece existir. Diferentemente da psicose, onde há a forclusão do sujeito: ele não existe, é desaparecido na medida em que o objeto se mistura com o sujeito. Não há a separação objeto-sujeito, como na neurose. É justamente por haver a separação que existe a reivindicação neurótica quanto ao objeto que pode ou não satisfazer e todas as insatisfações, exigências, queixas e perfeccionismo.

A recusa do gozo fálico pressupõe algo que já existiu e a aceitação da suposta castração. Lacan diz que "o gozo fálico é aquele em que o sujeito aceitará, em maior ou menor medida, as coações da realidade que modificam o princípio do prazer". Ou seja, existe um princípio de realidade que vai impedir o sujeito de continuar na tentativa de satisfação, o que vai na contramão do que o discurso capitalista enuncia.

A realidade de agora é a pandemia, o capitalismo digital, o desemprego, a crise econômica. A Coca-Cola foi o símbolo do capital na passagem do capital industrial para o capital financeiro, ligado à reestruturação produtiva nos anos 50 na Inglaterra e nos anos 80 e 90 no Brasil. Nessa época, se instaurou o capital financeiro com o princípio da globalização, da flexibilização e da intensificação do trabalho e precarização dos vínculos. Historicamente as crises do capital produzem novas formas de organização do trabalho e novas formas de subjetivação. Qual será agora? Só depois saberemos...

Pensamos então que essa história do capitalismo produz novas e outras formas de gozo. Assim, os modos de gozo fálico

foram se transformando em mais-de-gozar porque não era mais a modalidade suficiente para manutenção do capital. No trabalho produtivo capitalista, o trabalho não é produtivo para o sujeito, enquanto produção do saber e experiência de si. Como Marx dizia em *O capital* (1867), o trabalho produtivo não deve ser motivo de felicidade mas de azar, já anunciando o produtivismo quando falava da acumulação primitiva. O modelo de gestão produtivista atual se estende para a sociedade, e ser produtivo não é felicidade nenhuma. Ser produtivo é diferente de produzir, visto que o primeiro refere-se ao trabalhador produtivo no modo de produção capitalista e refere-se a gozo, excesso, mais-valia, expropriação e desaparecimento do sujeito.

Aceitar o princípio da realidade foi ficando cada vez mais difícil quando o capital se globalizou e se flexibilizou. Ademais, os modos de gozo foram se alterando. Nos anos 80 houve uma explosão de casos de LER (lesão por esforço repetitivo), e de lá para cá houve uma piora com o assédio moral e a depressão. Observa-se, clinicamente, o que se passa com a história do capital. A LER no capitalismo industrial; o assédio moral na ausência de fronteiras entre o particular e o privado em um modelo mais flexível e produtivista; e a depressão que se articula ao isolamento e à solidão imposta pelo capitalismo digital através da virtualização das relações, com a falsificação da realidade provocando depressão porque não há mais objeto.

Antes havia um objeto muito marcado, depois muita oferta de objeto e agora onde está o objeto? Isso para dizer que o gozo fálico é o que aceita o princípio de realidade e isso se articula com a neurose. Além dos modos de gozo dissertados por Lacan, Néstor fala do gozo narcisista. O gozo narcisista é a satisfação do eu e não da pulsão, uma ideia que se atrela aos arcaicos desejos onipotentes. Esta questão ajuda a compreender o narcisismo como um laço social que se observa nos espaços de trabalho.

Sobre o gozo do Outro, é importante entender que ele ocorre fora da palavra. Há um gozo do corpo fora da palavra, sem simbolização porque aquele sujeito não foi chamado. Não há elaboração de demanda no gozo do outro. O gozo fálico é o egresso desse gozo do corpo para o gozo da castração. Néstor faz aqui uma definição de falo: falo não é um zero, não é uma ausência. Quando se fala do sujeito da falta é em referência ao sujeito que quer esse falo.

Para Lacan o sujeito da falta não é o sujeito fálico, e sim o sujeito da castração. É o sujeito da castração desse resto que foi perdido e nunca mais será alcançado. O falo não é um vazio nem uma ausência. É uma afirmação de que um conjunto de significantes – o sistema do Outro – é inconsciente. Suporta uma ausência que faz dele um conjunto fechado, já que sem essa ausência o conjunto não tem limite e, conseqüentemente, não existiria como conjunto.

Falo e proibição do gozo são correspondentes. Em relação ao Outro existe uma inconsistência, como se a criança passasse a ver que o Outro não é tão completo e grande como pensava. A inconsistência e a ausência naquele Outro o fazem ficar fechado e se apresentar como grande, o grande Outro. O falo é exatamente essa impossibilidade de gozo, e não algo que preenche. Não é, como em *Totem e Tabu* (Freud, 1913) já se explicava, algo que se coloca no lugar. Ele não irá fechar o buraco, ele é o próprio buraco.

Buraco no sentido de que equivale à proibição do gozo, pois se o gozo existir há a morte. O gozo é a morte porque a busca de satisfação plena é a morte do sujeito, que se equipara ao pré-nascimento. Isso não existe; se existe, não vai existir corpo, não vai existir vida. Por isso que o gozo é impossível: ele precisa de um corpo vivo e enquanto existir corpo vivo não é factível gozo pleno.

O gozo absoluto não existe e o falo equivale exatamente a esse absoluto que não existe. O falo é inatingível.

O que faz nascer o desejo é essa divisão entre o gozo passado e o gozo futuro. Ambos inatingíveis: é inexequível voltar ao estado uterino e não se sabe como é o estado de morte. O sujeito não acessar os inatingíveis como significante é que vai produzir o desejo, este que está entre o gozo que já houve e o que se supõe que pode vir a ser semelhante ao do passado. O desejo está nesta lacuna. Acredito que quando o Outro é reconhecido como inconsistente, ou como falho, há a possibilidade do desejo se instaurar. É inconsistente porque não é pleno, absoluto.

Um destino para este vácuo poderia ser o sujeito passar a ser um sujeito do desejo. Ele esquece essa tentativa de completude, de atribuir completude ao grande Outro e segue ou vai ficar no fálico inalcançável e o impossível passará a regê-lo. A onipotência, como já comentei, a princípio não combina com o desejo, e sim com o ego e com o gozo narcisista. O lugar do inatingível não é tranquilo e o sujeito não consegue ser do desejo e deixá-lo vazio. Ao invés disso, o falo se instaura e o sujeito provavelmente terá um gozo narcisista, do ego.

A princípio o falo estava baseado nas diferenças sexuais. Na perspectiva freudiana, a criança imagina que o pênis é algo que cresce em alguns e é perdido em outros, observando que meninos possuem e meninas não. Nesse fundamento do complexo de Édipo, a menina supõe que a mãe possuía e perdeu, mas que vai nascer novamente. Lacan atualiza esse paradigma da teoria freudiana e o torna mais coerente com a presente sociedade. Sua teoria da sexuação possui uma lógica diferente mas que tem origem nessa personalização freudiana.

Para Freud, o falo era isso externo ao corpo do menino, algo que aparece claramente no corpo e associado ao pênis. Na perspectiva lacaniana, o falo não é esse fora do corpo que se

personaliza e sim o inatingível. A partir do inconsciente como linguagem e das concepções de significantes, simbolização, imaginário, simbólico e real, o falo de Lacan é fora do corpo. Não é o objeto que foi perdido e será encontrado, ou incorporado. Ademais, o falo é o gozo na palavra e um gozo que requer a anuência do grande Outro.

No seminário em que trata dos discursos, Lacan liga o falo ao saber tudo e ao tudo-sabe. Nisso está o poder que Freud atribuiu ao falo como objeto que é realmente objeto, o pênis naquele caso. Porém Lacan entende que o falo está na palavra e se articula a esse poder, agora neste caso ao poder do sabe-tudo e do tudo-sabe. Com isso, não há espaço na cadeia de significante, que se tornou estável. Um discurso produzido que é como uma esteira de produção.

É neste sentido que o capital, o capitalismo e os modelos de gestão se tornaram sujeitos fálicos. Perversos, eu diria, porque o perverso é o próprio falo e porque tem o gozo completo pela palavra. Ele sabe tudo, ele tudo sabe. Esse sujeito que não escuta, que não ouve ou que não fala está no gozo, no automático. É o zumbi, o super-herói, a máquina. Com o falo na palavra, na linguagem e sendo o tudo-sabe e sabe-tudo, a cadeia de significante é fechada e não há espaço para produzir um novo saber.

A tirania é fálica neste aspecto, não há espaço em uma antidemocracia. Não há espaço para discussão, falha, falta, construção de um novo saber ou de um saber sobre o que quer que seja. O conhecimento, a norma e a ideologia tirânicos estão vinculados ao sabe-tudo e ao tudo-sabe. Por isso discutir primeiro o gozo, depois o discurso e então articulá-lo ao trabalho. Que discurso é esse que produz um saber tirânico sobre tudo e sobre o outro? Isso é o falo e é o que se observa nas empresas e na

sociedade em falas como "você não é ágil" ou "você não está atendendo ao Whatsapp".

Isto se sustenta no discurso do tudo-sabe e do sabe-tudo em que existe uma única forma de pensar, de viver e de existir; algo inclusive que se traduz na clínica para o paciente. Só existe uma forma e ela é a melhor, a verdadeira. Isso é o falo: quando o sujeito permanece em um lugar onde não existe outra possibilidade de saber ou de existir porque está preso ao sabe-tudo e ao gozo absoluto. Quando ele age como esse sabe-tudo e tudo-sabe, está gozando.

Depois de maio de 1968, Lacan releu Marx e Engels e articulou o conceito de mais-valia ao conceito de gozo. No livro 16 do Seminário, afirma que o gozo fálico é perda dado que há algo que nunca será satisfeito. Acrescenta que o mais-de-gozar relaciona-se ao discurso capitalista pois é um gozo excedente, não se referindo mais à perda e sim ao ganho. Isso remete ao que já havia sido discutido sobre a repetição. Então, este gozo excedente se apresenta como não recuperável pelo sujeito na medida em que está perdido de início. É com o não recuperável que o capital manobra; objetos ou situação de trabalho irre recuperável são o que fazem com que o gozo seja excedente.

Em *O sintoma* (1975), livro 23 do Seminário, Lacan faz o que considero a última elaboração mais clara sobre o conceito de gozo. Ele não opõe o mais-de-gozar ao gozo fálico e entende que aquele é um gozo fálico travestido. Se o gozo fálico é o gozo pela perda, o mais-de-gozar é como uma recusa dessa perda e um excesso de busca de algo que mostre que a perda não existiu. O mais-de-gozar, nesse sentido, é a condição para a entrada no discurso capitalista, que é uma produção de operação mercantil. Ele faz essa equivalência da produção capitalista à produção do discurso. Assim, a produção do discurso também pode ser

taylorizada. Pode ocorrer em uma esteira de produção, ser acelerado, ser da repetição.

A psicanálise lacaniana potencializa o que Freud dizia sobre a realidade psíquica. Este se dedicou ao conceito de pulsão e à energia e Lacan transporta toda a sua lógica para a linguagem e o discurso, propondo que o inconsciente se estrutura como linguagem. A partir disso, conceitua gozo, por exemplo, desenvolve os três registros do imaginário, real e simbólico, enfatiza a pulsão do olhar e da voz. Explicando os processos psíquicos vinculando-os à linguagem, identifica o discurso do mestre no S1, que começa a cadeia de significantes e é a origem do sujeito.

Estudando o discurso do mestre, percebe-o tirânico e denomina-o discurso do senhor, um discurso do mestre amplificado em outras características. Na introdução de *De um Outro ao outro* (1968), livro 16 do Seminário, ele cunha o discurso do capitalista, que não é um quinto discurso e sim uma variação do discurso do senhor. Pensando no discurso do capitalista ele revisa o conceito de gozo, e então propõe a existência do mais-de-gozar equiparando-o à mais-valia e a produção do discurso à produção da operação mercantil-capitalista. Nisso está a chave da articulação entre a Psicanálise e o trabalho, permeada pela própria pulsão.

Com isso ele abandona, em certo sentido, o modelo energético freudiano. Quando cria o conceito de mais-de-gozar, explica que ele não se opõe ao gozo fálico nem ao gozo do Outro, mas é uma conceitualização que abandona o modelo energético freudiano para buscar uma analogia com a mais-valia. Lacan buscava uma estrutura discursiva que a vertente econômica de Marx já havia revelado. Levando o conceito de gozo para o discurso, o mais-de-gozar também é localizado na linguagem. É mais um modo de gozo que se articula inexoravelmente ao discurso, ao laço social e ao modelo de produção capitalista.

Lacan não leva Marx à Psicanálise, nem o contrário. Marx já havia falado do modo de produção e que "assim como há o modo de produção de produtos e serviços, há também um modo de produção do discurso". Como o discurso se produz e se reproduz? Aqui entra realmente a psicanálise lacaniana, inclusive em termos clínicos. Quando Lacan pensa em uma estrutura discursiva, pensa na cadeia de significantes e na linguagem, em como o discurso é produzido, como o sujeito se coloca e onde ele aparece na estrutura discursiva. Disso se dá, inclusive, a questão da alienação.

Somos discurso e este é produzido não só por nós, mas também por um outro. Não se pode dizer "eu sei bem o que estou falando" ou "eu tenho razão"; não sabe. Na pandemia que estamos vivendo há claramente uma produção discursiva sobre a Covid-19, sobre a crise sanitária e sobre a crise econômica. É uma produção de discurso o tempo todo. Vejo nitidamente a estrutura discursiva do sujeito corresponder à estrutura de produção capitalista, enquanto modo de produção econômica. Uma indústria das mídias!

O gozo plus, em francês, foi traduzido como mais-de-gozar para o português. Esse gozo excedente que se articula completamente à estrutura discursiva e ao discurso do capitalista. O gozo plus – nenhum ou nada – é a repetição do que foi perdido e por essa razão liga-se à questão fálica. Vai de algo que não está mais para algo que falta, por isso é importante compreender o falo. Ou seja, é algo que não está mais, é aquele primeiro gozo, pré-nascimento, total, absoluto. Toda repetição é para esse algo que não está mais lá, que falta; ou seja, está perdido.

Se é verdade tudo isso, então antes havia algo. Que algo é esse? É o falo, é o objeto *a*, é o que faz o sujeito repetir. Há essa busca, o mais-de-gozar, de algo que havia antes. É nisto que o

sujeito se engancha: sobre algo que havia no antes. Lacan define objeto *a* como suplemento da perda do gozo, e o mais-de-gozar propõe que leiamos gozo como "eu escuto o sentido". O gozo é "não faz sentido nenhum se faz ou não faz", mas eu escuto um sentido porque ao escutar suponho que havia algo antes. Eu escuto um sentido que pode não ter sentido, que pode nem existir.

Estamos falando de linguagem. Goza-se enquanto há um resto que resiste à significação. Então o gozo é dar sentido àquilo que não tem sentido, simplesmente porque o objeto é perdido, não existe. Todo o emaranhado de suposições faz com que o neurótico busque sentido, é preciso explicar. Por vezes, no discurso, ele escuta um sentido que não existe; a existência ou não irá se associar ao imaginário e ao simbólico. Na análise ele pode entrar em contato com a castração e com, segundo Lacan, a possibilidade do discurso não ter sentido. Porque existe ambivalência, existe paradoxo. Porque não existe um sabe-tudo nem uma única verdade sobre nada. Esta é a castração para Lacan.

Escuto o sentido porque suponho que ele existe, que havia algo no lugar do que não existe mais. Na realidade, será que há mesmo um sentido? O sentido se constrói na cadeia de significante, que se modifica e requer simbolizações do sujeito, levando à construção de novos saberes sobre si e sobre o outro. Então, a cristalização, o enraizamento e a repetição são formas de dar sentido a um discurso que não é fixo, que é aberto e está em constante construção. A castração é a consideração dessa infinitude e da não apreensão completa do discurso.

É confortante não entrar em contato com a castração de que nunca houve algo lá, nem antes nem depois. Nem agora, não existe uma única verdade. O que existe são ambivalências, contradições e a construção de um saber singular sobre tudo mas que é constantemente cerceado em função do discurso. Há um

resto inassimilável que nunca será representado e que persiste como objeto do gozo. Lacan diz que "o não sentido é que faz se desdobrar a demanda em desejo". O neurótico tenta assegurar a consistência de um outro e essa tentativa é adoecedora porque essa consistência não existe, há um inassimilável na linguagem.

Em *A ética da psicanálise* (1959-1960), falando sobre a sublimação, Lacan diz que "não existe significante que represente a essência do sujeito". Disso decorre a ideia de que a palavra mata a coisa. A cadeia de significante está em movimento e o sujeito não é representado pelo discurso ou pelos significantes atribuídos a ele. A clínica tem um papel fundamental em relação à ética do desejo que é o não sentido e a construção no vazio. A castração é diferente de não ter o pênis, não ter o buraco ou o vazio; aceitá-la é não colocar nada no lugar deste não sentido. A recusa da castração é dar um sentido a tudo.

O real é isso, é a vida. Toda tentativa dos modelos de padronizar, quantificar, controlar e avaliar – um funcionamento taylorfordista – inevitavelmente irá produzir uma série de inconsistências porque o trabalho vivo sai de cena e somos seres humanos de trabalho vivo. A requisição de dar conta de tudo que é prescrito, ter todos os controles e saber de tudo é algo em jogo hoje. O discurso veicula que não há inconsistências e que o trabalho prescrito precisa se equiparar ao trabalho real, porém isso não corresponde ao real lacaniano e menos ainda ao saber do discurso que só pode ser produzido no vazio que não se sabe. Isso adocece o trabalhador porque o neurótico quer assegurar um sentido ao grande Outro, representado no modelo de gestão que se diz consistente. Caso se acredite nessa falácia, o sujeito é lançado de maneira abrupta ao desamparo, o desamparo do não sentido.

É na espera da consistência do grande Outro que muitos trabalhadores ficam presos. Nas pesquisas com coletivos de

trabalho que a psicodinâmica do trabalho realiza, os trabalhadores querem que sejamos porta-voz. Isto também é uma busca de sentido e consistência. Há, na fantasia de um porta-voz, que esse grande Outro irá escutar e fazer tudo como se quer, porque esse é o sentido que o sujeito atribui para configurar o objeto salvador. Porém, não existe um salvador assim como não existe a consistência do outro.

A lógica que Lacan usa para tratar da produção discursiva é a mesma que Freud utiliza no complexo de Édipo. Acredito que o objeto não é relevante, e sim imaginar que agora há algo que não está mais aqui. A criança constrói a fantasia de que havia algo ao se deparar com a falta. A castração é exatamente entrar em contato com o fato de que antes não havia nada porque nunca houve, e o falo é a suposição de que existia esse algo. A totalidade do discurso está na recusa à castração, surgindo para encobrir a angústia: gozar na totalidade do discurso encobre a angústia de castração.

Por isso existe um gozo da fala. Lacan discorre sobre o gozo do balbucio, da língua natural prévia à língua aprendida. Refere-se ao blá blá blá, algo presente na queixa dos pacientes: aqueles significantes que são ditos no lugar de um sentido para encobrir a angústia da castração do não sentido. Então, vê-se um gozar a qualquer preço, gozar imediatamente, gozar de qualquer maneira, prescindido do outro, rompendo vínculos que revela um gozo do sentido. Eu faço, eu quero, eu aconteço, eu vou, eu posso porque tem sentido para mim; uma confusão do egocêntrico com o narcisismo e o desejo. Existe uma tirania em discursos assim, algo autoritário e que nega a castração.

A clínica tem potência para que o sujeito saia do lugar de objeto de amor do outro, e de se apresentar ao grande Outro. O trabalhador fica em um lugar se ofertando, também, por uma questão econômica. Por uma questão de sobrevivência, social, antropológica, etc. Não é ele que se coloca no lugar de objeto, só

enquanto possibilidades ligadas à sua história individual que são invocadas no mundo do trabalho. Mas há um lugar de objeto, ofertar-se buscando reconhecimento e amor absoluto. A clínica pode tentar fazê-lo se desligar do lugar de objeto e passar ao lugar de sujeito.

Uma das causas do adoecimento no trabalho é a tentativa de aprisionar o sujeito no discurso, ou de aprisionar o desejo na consistência. A clínica permite essas elaborações teóricas a partir da escuta. Tenho pensado em patologias como a melancolia, uma melancolização em relação ao capitalismo digital em que a voz vai para o sideral anteriormente à própria busca de sentido no não sentido. O sujeito não consegue nem direcionar o discurso por uma quase ausência do grande Outro, porque não há para quem elaborar a demanda. Não é a inconsistência daquele para quem elaborei uma demanda, é não haver para quem elaborar a demanda. A melancolia vem da ausência como resposta à demanda e como possibilidade de construir a própria neurose de atribuir sentido onde não há.

Vozes do Supereu e Discurso Capitalista Colonial Digital...

Hoje vamos falar das vozes do supereu. Antes, gostaria de comentar brevemente sobre os quatro discursos. O discurso da histeria opera na cadeia de significante (dos saberes) como S barrado, aquele que hesita sobre seu saber. Opera pela castração, pelo limite e isso tem a ver com ética do desejo, como falaremos mais adiante. O discurso do mestre representado como S1 é o primeiro saber, do grande Outro; é a origem e por isso Lacan denomina como S1 na fórmula. Já o discurso do analista é operado pelo objeto *a* para o sujeito barrado. O lugar do analista é o um lugar que não existe. Faço essa retomada para dizer que o U, o discurso capitalista que nos interessa aqui, tem um lugar e este é fixo. Um lugar que opera no S2, ou seja, a partir de uma cadeia de significante que é “sabida”, porque imagina, pensa e tem certeza que sabe e sabe o saber que não é sabido. Aí estão os perigos em relação às tiranias praticadas pelo discurso capitalista.

O discurso capitalista se articula ao discurso do mestre que é a origem de tudo, que é o grande Outro, aquele que insere a criança no mundo da linguagem, no próprio discurso e na cadeia de significante. A voz que faz essa inserção é a pulsão invocante, que é onde nasce o sujeito. O sujeito na psicanálise nasce através da pulsão invocante que diz você é um sujeito, você existe. Quando a criança nasce, em tese, não é sujeito. Não nesse sentido, pois ainda não está inserida no mundo da linguagem. Porém rapidamente ela se torna e, por vezes, já é antes de nascer quando a mãe fala com o bebê. As vozes são definitivamente nossa origem enquanto sujeito, enquanto existência; são essas vozes que dizem quem somos, o que somos, que dão nome e são fundamentais na nossa constituição.

Essas vozes, investidas de libido, vão nos produzir satisfação e gratificação, assim como seio, fezes e genitais que atendiam às necessidades. Então, segundo Lacan e Jean-Michel Vivès, o sujeito nasce na voz do outro. É preciso que exista o grande Outro para dizer você existe, para a inserção na cadeia de significante. Essa voz se produz através de uma linguagem, que articula os diversos sujeitos em relação e se insere no sentido, no discurso. Discurso que não é um conjunto de palavras, mas sim a produção de saber. Disso decorrem questões: Que saber é esse que se produz sobre o sujeito? Quem é o sujeito produzido por esse discurso? Quem é o sujeito que nasce a partir da voz do outro? Como é que esse sujeito existe pela voz do trabalho? Ou não existe?

Veremos que ele pode existir ou não existir; pode ser despossuído ou pode ser potência de uma existência ético-política. Isso a partir das vozes que o constituíram. Já adulto, nas relações de trabalho, haverá concordância entre as vozes que escuta no trabalho e as que o constituíram como sujeito. A questão da voz é muito primária, na acepção de primordial, de participar na origem do ser humano.

A conceituação do discurso do capitalista é favorecida pela definição de Lacan do discurso do mestre como a origem da construção de saber vinculada ao sujeito, pela sua discussão de Filosofia e pelo diálogo com Marx em seu Seminário, incluindo os conceitos de mais-valia e capital. Então, o S1 inaugura o grande Outro nos quatro discursos e o sujeito se constitui na rede de saber que é o discurso do mestre. O discurso do mestre passa pelo lugar do discurso do senhor, que Lacan diferencia em senhor antigo e senhor moderno. Para falar do senhor antigo, retoma Hegel. Já o senhor moderno seria o discurso do capitalista.

Sendo assim, não existem dois ou três discursos, existe apenas um. Há o discurso do mestre, que é esse que se apropria do

saber. No início a criança não fala, alguém fala por ela e é daí que a criança imagina que o saber do outro é a verdade. O bebê supõe que existe um saber e uma verdade absoluta dada por esse grande Outro, mas quando crescemos continuamos com essa ideia de que esse saber – S1 inicial do discurso do mestre, do grande Outro – é uma única verdade. Supondo que existe essa verdade, podemos reafirmar de algum modo em diferentes espaços institucionais esse discurso do mestre.

Lacan faz essas articulações em um recorte político-histórico de 1968, refletindo sobre o lugar do saber absoluto no discurso do mestre. Penso que o saber ocupa naquele momento lugares tirânicos, saber de tudo, dado o contexto econômico do capitalismo financeiro e do surgimento dos regimes políticos das ditaduras militares na América Latina, em especial no Brasil. Mais a frente veremos as consequências psicopatológicas da ideia do saber tirânico, que são inúmeras, como o agravamento das neuroses e perversões. O discurso do senhor se dá quando esse saber de tudo coloniza o outro, quando um que sabe se apropria do saber-fazer do outro (servo).

Importante pensar o significante servo, “servidores públicos”; parece uma perpetuação do modelo feudal, que penso conviver aqui no Brasil com as trágicas heranças da escravidão como regime econômico, social e político de sociedade de modo invisível e escondido. É a lógica do trabalho feudal e do trabalho escravo (opressão, brutalismo, desmessuras) que se reproduz hoje nos modelos de gestão produtivistas, gerencialistas, ultraliberais, estratégicas e centradas na qualidade total.

Inicialmente é importante para a criança que haja uma verdade e um saber absoluto para que ela se sinta protegida e segura. A criança precisa que alguém saiba alguma coisa, porque ela não sabe; se ninguém sabe, ela fica no total desamparo. Ainda que o saber absoluto seja fundamental em termos de constituição,

o problema é viver o discurso do mestre para sempre. Os laços sociais e a forma como a sociedade se organiza se apropriam de alguma maneira do discurso do mestre para criar essa derivação que é o discurso do senhor. O que sabe de tudo vai colonizar, e até escravizar (ainda existe trabalho análogo à escravidão no Brasil, trabalho infantil, além do racismo implacável) aquele que não sabe de nada mas que tem um saber-fazer, tem a prática; um saber-fazer do qual precisa se apropriar e que leva à relação do trabalho-escravo.

O interessante é que quem está no lugar de saber de tudo, na realidade, não sabe o que quer. É em referência a isso que Lacan fala da estrutura do discurso do senhor, um senhor que não tem desejo. Ele não sabe o que quer, só quer que o trabalho ande a partir da apropriação do saber-fazer do escravo. Disso entendemos o S2 como origem do discurso do capitalista. O que o discurso do capitalista quer – atualizando os estudos dos quatro discursos de Lacan para este seminário – é produzir, não há desejo. Isso leva, quando há comunicação ambivalente, a ordens diferentes de vários chefes, a uma confusão no trabalhador sobre o que querem dele, sobre o que ele deve fazer. Não adianta procurar um desejo no discurso do senhor porque ele não existe, o que existe é o explorar, expropriar e se apropriar do saber-fazer do servo e do escravo. É preciso compreender essa ausência de desejo no discurso do senhor para depois entender o discurso capitalista, o colonial e o digital; para então perceber o que se passa clinicamente com o paciente mais adiante. Um discurso baseado no saber de tudo não deixa espaço para a falta, não há nada a ser completado, nada a ser feito.

O saber que vai estar articulado ao desejo é encontrado no discurso da histórica, do sujeito castrado, do sujeito que tem limite, do sujeito da falta. É nesse vazio, nessa lacuna do não saber que o sujeito se constitui. É onde pode ser construído um saber que não

tem lugar, que não é fixo. Um saber que salta na cadeia de significante, ou seja, é construído e constituído no laço constantemente. Poderíamos dizer que esse saber que é traduzido no discurso da histérica é o trabalho vivo, enquanto o saber absoluto é o trabalho morto ou prescrito. Este não está mais vivo porque se fixou, porque ocupa um lugar.

O trabalho prescritivo, o trabalho taylorfordista, o modelo da qualidade total e o modelo da gestão estratégica se articulam com o discurso do senhor e à dimensão do saber de tudo. Por quê? O mestre originário necessário à nossa constituição do grande Outro é suposto pelo bebê como alguém que sabe, mas ele não sabe de tudo. A suposição participa da constituição do sujeito.

No discurso do capitalista – a letra "U" (poderíamos pensar como u de único) – a questão deixa de ser o saber de tudo e passa a ser o tudo saber. Isso é importante para o entendimento do conceito do discurso capitalista colonial digital, porque o saber de tudo coloca em xeque o não saber. Ele chama de senhor moderno esse que tudo sabe. Continua, dizendo que o escravo – que podemos ler como o trabalhador – na relação senhor-escravo não é só despossuído do seu saber-fazer como torna-se consumidor e produto consumível, tanto quanto os objetos. Passamos a ser um material humano. Lacan não fala de capitalismo digital nem estuda trabalho, mas traz Marx e Engels para mostrar que há uma expropriação, um excesso do próprio sujeito e fazer uma relação entre a mais-valia e o mais de gozar.

Foi pensando na tirania do saber que Lacan chegou à definição do discurso do capitalista. Anteriormente ele havia proposto o discurso do analista – o discurso da histérica – que envolve um laço que permite a construção de um saber singular, saber próprio possivelmente capaz de mudar o cenário. Porém, ao

se confrontar com as tiranias do saber, articula o conceito do discurso capitalista.

Poderíamos fazer diversas relações entre o discurso da histérica como discurso do neurótico (sujeito castrado e sujeito do desejo) e o discurso capitalista do tudo-sabe e sabe-tudo como discurso da perversão com ausência de culpa e vergonha. Nessa lógica, o trabalho precisa ser um espaço mais neurotizante e menos perverso, o que não tem acontecido nas práticas institucionais. Ao invés disso, tem agravado as posições neuróticas e criado laços sociais perversos, quiza psicóticos. Assim, seria o discurso histérico, como neurose por excelência, uma saída para o aprisionamento na verdade absoluta, em um saber tudo e tudo saber que o modelo capitalista enuncia pelas vozes do supereu? Em outro seminário falaremos do trabalho como criação e das possibilidades de confrontação desse discurso. A questão aqui é a passagem que Lacan faz do discurso do senhor para o discurso do capitalista e a desestruturação ou descolonização deste por meio do discurso da histérica. Há de se pensar que algumas áreas das empresas de Recursos Humanos imaginam ter um saber absoluto, inclusive a área de qualidade de vida, expressando a relação senhor-servo; especialmente no serviço público, onde o trabalhador é chamado de servidor e não empregado.

Os sujeitos despossuídos e consumíveis estão desapropriados de sua existência ético-política. Eles estão presentes mas não existem, há uma invisibilidade. Ainda que com muitas formas de resistência, parecem predominar diversos impedimentos para romper com as tiranias do discurso capitalista nos contextos organizacionais porque ali o sujeito é desaparecido, não existe desejo, este é cedido à demanda do grande Outro e vencido pelas vozes terríficas do supereu. Embora de modo paradoxal, o desejo é a saída para vencer o supereu; falaremos disso mais adiante.

Uma questão se coloca: como, por meio dos gestos, manuais e condutas, essas vozes do discurso capitalista ressoam ou fazem invocação ou evocação do sujeito nos contextos das atividades profissionais? No mundo do trabalho o discurso vai ser proferido pelos colegas, chefes, marca da empresa, uniforme e muitos outros meios.

Como já havia dito, o sujeito nasce pela voz do outro. Jean-Michel Vivès, no livro *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante* (2018), estuda o circuito da pulsão invocante e descreve a voz em três tempos: ser chamado, chamar e se fazer chamar. Esses tempos da pulsão invocante acompanham também a pulsão escópica, relacionada ao estágio do espelho, e seus três tempos: ser olhado, olhar e se fazer olhar.

Em uma conferência que realizou na Universidade de Brasília, Vivès ouviu uma pergunta sobre o que acontece com a pulsão invocante no caso de uma pessoa muda. A partir daí, acredita que é mais esclarecedor falar da pulsão invocante como um endereçamento do que chamamento. Então os tempos ser chamado, chamar e se fazer chamar podem ser compreendidos como ser endereçado, endereçar e se fazer endereçar. Já Lacan, falando da pulsão escópica e invocante, ao pensar que na amamentação o olhar e a voz aparecem juntos, denomina os tempos como ser ouvido, ouvir e se fazer ouvir.

Sobre os tempos, Vivès explica que o primeiro é o da criança ser chamada. Quando nasce, o primeiro movimento não é da criança para o adulto, a criança não tem como fazer uma demanda. Quem faz a demanda primeiro é o Outro, e a criança vai reagir e responder a esse grande Outro. Este é o segundo tempo, o chamar. Diferente do se fazer chamar, porque implica demanda. Depois de ter sido reconhecido com um sujeito que existe é possível chamar, por exemplo com um choro que tem como

resposta o seio. Com isso há a possibilidade de se fazer chamar, demandar, pois aquele primeiro que chamou pode agora escutar.

Digo que precisamos nos fazer chamar nos espaços de trabalho. Mas para se fazer chamar é preciso que alguém escute o chamado. É a partir dessa ideia que estou escrevendo sobre a patologia da melancolização. Discuto que o “surdo” muda o jogo da pulsão invocante, produzindo laços sociais patológicos. Nos espaços de formais de trabalho hoje, incluído o trabalho mediado pelas plataformas, o discurso capitalista sustenta práticas do tudo-sabe, o que não deixa espaço para saber singular. Não há mais como discutir e construir saídas frente a essa tirania do saber. Se tudo sabe, esse tudo-sabe não escuta a demanda. Então, mesmo que o sujeito se faça chamar, não há a quem endereçar e assim não receberá uma resposta. É um surdo que vai gerar um mudo. Percebemos hoje uma aceitação que beira a subjulgação, e também subordinação, servidão, passividade, conformismo presentes no mundo do trabalho.

Não se nasce conformista, o jogo do tudo-sabe é muito forte. Tão pesado que mexe com a constituição do suposto saber por meio da variação do discurso do mestre no discurso capitalista. O bebê e sua imaginação de que o grande Outro sabe (alguém precisa saber de algo para evitar seu desamparo) entram em jogo quando o discurso do senhor ou do capitalista é proferido. Entra-se no jogo para não se sentir desamparado. Como não existe esse tudo saber ou a verdade, essa armadilha bem montada leva o servo consumível a não conseguir – não no sentido cognitivo da consciência, do livre arbítrio – se fazer chamar, fazer uma demanda, pois não existe outro para escutar. Não existe escuta no tudo-sabe do discurso capitalista e o trabalhador não consegue elaborar uma demanda, falar, desejar. Não se trata de uma disputa ente o psíquico e o social para ver quem é mais forte, mas sim de

um jogo intersubjetivo, no qual é inexorável a indissociabilidade entre psíquico e social.

A questão de ter voz, como antes da reestruturação produtiva da crise do capital nos anos 70, não é de dar voz ao trabalhador. É questão de dar ouvido ao trabalhador. Antes havia o servo antigo, depois o consumível do qual Lacan fala em 1968 e hoje existe o sujeito liberal, sujeito forjado pelo discurso do neoliberalismo. Neste momento, podemos pensar o sujeito mascarado que está sendo forjado no discurso digital, aquele que a tela protege e esconde, produzindo efeitos, que ainda não estão claros, para os laços sociais.

O sujeito não elabora a demanda, é impedido de se fazer chamar porque não há alguém para escutá-lo. Isso causa um desamparo que esconde a angústia. O tudo-sabe forja no sujeito uma performance, uma vida de espetacularização, “uma vida espetacular” de plena felicidade, sem angústia, que acaba por não enganar e explode no desamparo que o capital instrumentaliza. Tem-se o sujeito forjado, o sujeito melancólico produzido no laço patológico da melancolização, que se sente impotente diante dos que são incluídos no jogo pela performance articulada ao narcisismo e ao ideal do eu.

O sabe-tudo é referente ainda ao discurso do mestre, do senhor, e é constituinte do sujeito. Já o tudo-sabe, produto do discurso capitalista, colonial e digital é implacável para o sucesso do supereu gozador como estudado por Lacan. O saber tirânico vai forjar sujeitos performáticos, mascarados na angústia e na carne viva do desamparo, que serão incapazes de elaborar uma demanda. É quase uma relação sem objetos, narcisista. E sem demanda é difícil encontrar o caminho para destituir o poder do grande Outro, que ignora o sujeito ali existente.

Esse sujeito não demanda, ou seja, não faz-se chamar, não fala. Um exemplo no trabalho mediado por plataformas é: quem

está no controle do aplicativo? Quem está do outro lado da tela com o microfone desligado é roubado dos seus gestos, dos seus afetos e da sua capacidade de afetar o outro. O corpo erógeno do qual fala a Psicanálise, que tem os gestos, o olhar e a voz compondo não só o corpo orgânico, é aprisionado na plataforma digital. Torna-se um corpo-imagem, mediado, que não sente o cheiro, não vê os olhos, não tem gestos, sem movimento, sem vitalidade, sem a angústia de existir, vivendo como presença ausente.

Penso que o sujeito que está desconectado com o corpo, impedido de viver em toda sua potência o seu corpo vivo, existindo num semi-corpo, corpo pela metade, corpo-cérebro, como por exemplo o trabalhador em teletrabalho, é lançado no desamparo, no abismo das vozes que ecoam, reverberam e não falam porque não tem quem escute. Isso pensando na problemática da angústia no discurso como estruturante dos laços sociais. O discurso do capitalista se articula com o discurso digital e leva a um discurso de tudo saber proferido por vozes que são a família, as instituições, o ambiente de trabalho, os colegas, o chefe, o Estado, as redes sociais, os aplicativos. Essas vozes, que são por excelência as vozes do supereu sempre tirânico, vão impedir o circuito ser chamado, chamar e se fazer chamar, sendo o sujeito portanto excluído do circuito da invocação da pulsão. Assim se adocece ou se faz adoecer, em uma lógica que tem levado a laços sociais patológicos e ao adoecimento pelo trabalho, como observamos na nossa clínica e nas nossas pesquisas.

Qualifico de colonial o discurso capitalista no Brasil em função da nossa história de colonização, uma lógica colonialista que me parece grudada na nossa subjetividade. O discurso colonizador-colonizado tem sido proferido por diversos e diferentes atores nos mais variados contextos de trabalho no Brasil. Comecei a observar a diferença entre os pacientes do Brasil

e da França e outros países. No Brasil, além de não ter tido a voz para chamar por alguém que o escutasse, ele ainda está lançado no desamparo das perdas dos direitos trabalhistas e tomado por uma subjugação social e política naturalizada historicamente. O processo de colonização coloca uma verdade, um saber absoluto em que um é superior e um é inferior quanto a este saber. Então o colonizado não consegue produzir uma demanda diante do discurso e práticas brutais do colonizador. Inclusive, a nossa história de colonização foi extremamente devastadora, sendo apagada porque é contada pelo discurso do colonizador através de sua língua e sua voz. No sentido lacaniano, penso que não existimos. Se nossa história foi contada por um grande Outro e por uma linguagem que não era nossa originalmente, quem somos nós? Penso que colonizado é alguém que não tem existência ético-política, é impedido de ser sujeito.

Gostaria agora de comentar sobre o supereu. O discurso digital do tudo-sabe que temos hoje é “com os aplicativos e plataformas digitais se ganha tempo”. E o que perdemos? É um discurso associado a eficiência e que tem relação com a terceirização, o teletrabalho e a reforma trabalhista. Atualmente o trabalho parece ser mais rápido, mais ágil se em uma plataforma – que nos controla. O que me parece mais grave é o big data, pois trabalha-se de graça para que a performance seja gravada e produza inteligência artificial. Além disso, este discurso capitalista colonial digital não faz laço social e não espera nada de nós, somos apenas um número, um consumidor do sistema. Se tivéssemos demandas-mestres no mundo do trabalho seria mais promissor, existiria algum tipo de laço, de possibilidade para o trabalhar, desejar, falar.

Dos três tempos da pulsão estamos observando na nossa clínica uma problemática no se fazer chamar, porque não há alguém que escute a demanda, e isso se desdobra no adoecimento.

As vozes que são proferidas, se articulam com os tempos da pulsão invocante e permitem o nascimento do sujeito fazem nascer também o supereu. Lacan explica que o supereu nasce com o sujeito porque o supereu nasce com a pulsão invocante. A voz pode ser uma voz sonora, um olhar, um gesto, uma conduta; mas é com ela que nasce o supereu segundo Lacan. Freud, em *Mal estar na civilização* (1930), refere-se ao supereu como estorvo da civilização e para ele o nascimento ocorre de outra maneira.

O supereu são as vozes de dentro e de fora que nascem quando o sujeito é chamado. Freud diz que o supereu é parte do eu. O supereu é a autoridade internalizada e o eu é quem assume a parte que se coloca contra o resto do próprio eu. O eu é essa produção que, tanto para Lacan quanto para Freud, está ligada ao social, à realidade. Portanto, o eu é a instância psíquica que faz a conexão entre questões psíquicas e a realidade, faz as mediações. E o supereu é a autoridade internalizada que entra em conflito com o próprio eu.

Essas palavras, esses significantes são importantes para entender o modelo que criei no meu livro sobre a pulsão invocante no trabalho e os destinos da pulsão. Falaremos dos destinos em outro momento mas adianto um pouco aqui. Para Lacan, a pulsão tem dois destinos: o gozo e a sublimação. Esses dois destinos são os tempos da pulsão invocante com os quais eu articulei o trabalho para um modelo clínico, este sendo inspirado em casos de assédio moral: "O supereu atormenta o ego pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidade para fazê-lo ser punido pelo mundo exterior" como diz Freud no *Mal estar da civilização* (1930). Este é o supereu freudiano, que faz exigências, é severo e de quem nada pode ser escondido.

Imaginem o supereu no capitalismo digital, no teletrabalho, na plataforma digital. Não mais a figura de autoridade externa, mas

a invisível, uma espécie de autoritarismo introjetado. Quando essa severidade e exigência de dentro do sujeito encontram ressonância nas exigências do capital, estabelece-se uma relação entre o psíquico e o social, sendo potente para tal a articulação dos estudos da Psicanálise e do Trabalho. Como havia dito, Freud não estudou o trabalho humano, mas sim Marx, que o criticou. Freud, quando fala do trabalho assalariado capitalista, refere-se a atividade profissional ou tarefa comum, como encontramos em *Mal estar na civilização* (1930). O conceito de trabalho para Freud está relacionado ao trabalho do sonho, o trabalho do luto e o trabalho da elaboração, o que tem correspondência com o trabalho vivo em Marx.

Continuando, o supereu freudiano é ao mesmo tempo individual e social, este sendo criado pelos mesmos processos que criam o individual. O supereu faz exigências ideais estritas e pune a desobediência com o medo. O medo de ser punido pelo grande Outro, de perder aquele amor do que cuida e protege, mesmo que não se saiba qual o desejo desse outro. Isso é anterior ao sentimento de culpa ou remorso, é um medo primário que está na origem de sua construção e que remete à morte caso perca a proteção. Freud refere-se ao supereu como a inclinação constitutiva dos seres humanos para a agressividade mútua, considerando que aquela instância psíquica traz exigências libidinosas pois envolve a pulsão de morte e a pulsão de vida.

O supereu emite uma ordem sem perguntar se é possível obedecê-la. Sua injunção pode ser vista no trabalho que é cercado de verbos no imperativo – venha agora, faça o impossível para conseguir, diga isso, responda imediatamente, você deve. A ordem é emitida através de uma voz carregada de pulsão, de uma voz libidinal. Para Lacan, o supereu assume feições diferentes das do Freud, que o via construído no Complexo de Édipo. Lacan acredita que o supereu é anterior, que nasce com o sujeito através

da voz que invoca e que é o imperativo do gozo. Caso o sujeito consiga atender à ordem, há uma gratificação, a satisfação da pulsão. Uma ordem para ser atendida sem reflexão, de maneira automática, cedendo o desejo ao Outro.

O que ocorre no discurso capitalista para o sujeito que tem também uma autoridade internalizada, ou seja, é muito severo com o próprio eu, goze ao atender às ordens do supereu? Se é possível atender ao que o discurso profere, há gozo. Freud, em *Mal estar na civilização* (1930), diz que "os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle que, com a sua ajuda, não teriam dificuldade em exterminar uns aos outros". O que o supereu, em meio à tirania do saber veiculada pelo discurso capitalista, é capaz de ordenar ao sujeito? Lacan, no livro 17 *O avesso da psicanálise* (1969-1970), diz que "o supereu não perde nada às suas ligações libidinais com a pulsão". Então o gozo é uma busca incansável de tentar satisfazer plenamente a pulsão, que é de vida e de morte.

Todas as vozes que dizem "trabalhe e cale-se", "venha", "siga", "faça" são vozes investidas de libido que nos faz gozar quando atendemos a elas. Acreditamos que somos capazes quando conseguimos atender às vozes tirânicas do supereu. A cura, na clínica psicanalítica, é desembaraçar-se do supereu, um ensurdecer diante dessas vozes. O gozo diz respeito à demanda do Outro e imaginar que haverá uma satisfação absoluta e plena, mas ela não existe. Sempre será uma satisfação parcial, que é o gozo fálico.

O discurso capitalista não é só o discurso, é uma estrutura reproduzida por colonizador e colonizado, por quem é capitalista e por quem é da classe que vive do trabalho. Infelizmente, a colonização das subjetividades está presente em qualquer classe social, mas diria que menos nas classes menos privilegiadas e mais na classe média identificada com o discurso hegemônico da burguesia. É possível ver a injunção do supereu na uberização que

vivemos atualmente, que tem no seu discurso "seja livre, seja ágil, seja econômico". Os sujeitos são invocados por essas vozes, pelo saber tirânico e se o sujeito está nesse tempo da demanda, a pulsão vai assumindo o gozo como destino. Há um sujeito que ainda está na mão do grande Outro (as plataformas digitais) que dita as regras e que sabe. Logo, em nome da segurança e da proteção, por medo de punição ou de perder o amor daquele que protege do desamparo – mesmo que este seja constitutivo – o sujeito atende a tudo e obedece, ainda que não seja esse seu desejo. Cede ao desejo do Outro por forças que vão além das suas possibilidades de reagir, a força da opressão. O supereu é importante porque ele dá sustentação à lógica capital-trabalho. Lacan refere-se à lógica superegoica como uma gula pulsional insaciável e amoral. Se pensarmos nos sujeitos consumíveis, no consumo, na acumulação e na lógica do capital, o supereu é o gestor do discurso capitalista.

Nessa direção, escutando os trabalhadores atendidos na nossa clínica, penso que, além do corpo-imagem, da espetacularização e da performance, o discurso do capitalista colonial digital produz uma (des)vergonha, uma recusa da castração, ou seja, a vergonha que é para Lacan a revelação do não saber é escondida na desvergonha de ser igual a uma máquina. O que me assusta não é o homem querer ser igual à máquina; já existe uma boa parte de nós nos comportando como as máquinas que produzimos e subjetividade tem sido cada vez mais taylorizada. Me assusta a naturalização disso e observar as testemunhas silenciosas das injustiças, do sofrimento, da escassez econômica, e muito pior, da barbárie que acontece nas organizações atuais, resultado da segregação entre os fortes que tudo-podem e tudo-sabem e os fracos defeituosos. É esse o estrago do discurso capitalista colonial digital...e das práticas que ele sustenta e legitima.

Trabalho Morto e Psicopatologias do Laço Social

Hoje vou trazer algumas articulações provisórias, elaborações sobre as patologias do trabalho na perspectiva da Psicanálise e o Trabalho. Articulando o circuito da pulsão invocante com os modos de gozo na neurose e na perversão, tentarei trazer ideias bem breves sobre a fobia, a paranoia e a mania. Denominarei estas de três posições, ou três funcionamentos, ou três modos de gozo pelo trabalho, todas formas neuróticas. Minha hipótese é que os laços são patológicos em contextos de trabalho marcados pelo discurso capitalista e pelo modelo de gestão produtivista-consumista, os quais forjam modos de subjetivação com estas características.

Há uma outra hipótese, muito menos elaborada até o momento, sobre a posição psicótica. A questão é até que ponto os modelos de gestão atuais estão forjando subjetividades esquizo-paranóides e maníaco-depressivo? Embora nossas elaborações sigam mais na direção de problematizar a neurotização (ou agravamento da neurose) e a pervercização pelo trabalho, quem sabe daqui há alguns anos com o “sucesso” do capitalismo digital falaremos de psicotização. São questões que gostaria de discutir hoje. Hipotetizo sobre a forja de sujeitos pensando que alguns não se estruturam como neuróticos, perversos ou psicóticos de fato. O sujeito de estrutura psicótica provavelmente não está no trabalho, já que este é o lugar dos neuróticos por excelência – o trabalho é o gozo do neurótico.

Do ponto de vista da clínica com os trabalhadores que adoecem pelo trabalho, das patologias e dos sujeitos que estão sendo forjados, poderíamos pensar em funcionamentos paranóicos ou maníacos, exigidos como demanda do capital para acelerar e explorar a produtividade. O sujeito vai adoecendo até porque

aquela não é sua estrutura, no sentido de que há um aprisionamento do sujeito forjado. Pensamos que, ao contrário, o sujeito é livre por saltar na cadeia de significante e portanto deslizam em suas estruturas, especialmente se considerarmos os discursos e o inconsciente estruturado como linguagem. A fabricação de paranoicos e fóbicos pelo modelo capitalista é uma hipótese de que esses possíveis modos de subjetivação são resultados de um laço social patológico.

Teoricamente, todos os trabalhadores, considerando as ideias de Freud, teriam uma estrutura neurótica. De onde emerge a fobia, a paranóia, o delírio e a mania nos ambientes de trabalho? Qual é a razão destas subjetividades? Trarei elementos para sustentar a hipótese de uma tendência à fabricação de sujeitos, não só agravando a neurose e trazendo a perversão de uma forma muito presente mas também uma possível inclinação a psicotizar os laços sociais, como exemplo, o infantilismo organizacional.

No começo de seus estudos, Freud diferencia as neuroses das psiconeuroses. Posteriormente discute a neurose de transferência, a neurose atual e as neuroses narcísicas, que depois vêm a ser as psicoses. Essa divisão nosográfica é importante para a psicopatologia e para a clínica. Se Freud dizia que as psicoses eram neuroses narcisistas e hoje claramente temos posições narcisistas como resultado de discurso e práticas ultraliberais vinculadas ao hyper-capitalismo, por que não aconteceria a fabricação de sujeitos com esse funcionamento psicotizado? Para discutir mais sobre essas idéias, trarei, além do Freud, Lacan, a Sociologia e a Filosofia para então chegar nas psicopatologias do trabalho, os modos de adoecimento, as intervenções e o tratamento dos que adoecem. Porque existe os que nunca adoecem, ou seja, os que desaparecem no canto da seria e gozam do e com o laço social patológico. O gozo é sempre uma forma de alienação, e a alienação em Marx se

encontra com a alienação em Freud e Lacan. Essa ideia pode ser desenvolvida em outros seminários.

Retomando, no texto *O estranho* (1919), Freud apresenta que o estranho está sempre relacionado à repetição, à volta de um recalcado, de um trauma infantil que foi aterrorizante. Há algo no texto que penso estar na base das patologias, quando ele diz que o ser humano nunca irá superar totalmente o silêncio, a escuridão e a solidão. Três dimensões que apavoram o ser humano e produzem angústia de castração e desamparo. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud explica que as patologias possuem duas bases. Primeiro, as patologias estão ligadas à angústia, a angústia do desamparo que remete à castração. Segundo, as patologias surgem quando o ego desiste de lutar contra o supereu, a inibição.

Sobre uma visão mais sociológica das patologias, gostaria de discutir sobre o DSM, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Alain Ehrenberg (2004), sociólogo francês, discute a depressão como a doença enganadora e observa que antes a nomenclatura clínica seguia a organização de neurose, perversão e psicose. Entretanto, a clínica do DSM III era sindrômica, feita através de síndromes. Ele também faz uma crítica a personalidades narcísicas em bulímicos e anoréxicos; aos próprios psicanalistas defendem que é preciso voltar à estrutura da neurose. A Psiquiatria e o DSM visam eliminar a angústia, o mal estar e o conflito, aliados aos antidepressivos e ansiolíticos. Ehrenberg propõe que a patologia do conflito coloca em questão o desejo e que as estruturas neuróticas permitiriam isso. Ele adverte que a depressão pode estar associada a qualquer estrutura, que ela não é autônoma em si mesma e que é perigosa a generalização e totalização em relação ao tratamento prescrito a ela em tom biológico.

Ademais, Ehrenberg propõe que existe a patologia da insuficiência, uma patologia social que marca a nossa sociedade

neoliberal. O sujeito liberal é o da ação, o que faz, o acelerado, o intensivo, o que não para e não tem tempo. A insuficiência coloca em questão a ação. Para trabalhar com Psicanálise, cultura e trabalho é preciso entender o que a sociedade diz que é patologia e a normatividade social pois o trabalhador adoecido por vezes é encaminhado com o carimbo de uma síndrome, o que é pernicioso para o tratamento do paciente. Afinal quem é o normal?

A sociedade da qual anteriormente Foucault falava ao discutir obediência, interdição e disciplina é hoje uma sociedade da autonomia. Há um individualismo e uma exigência de suficiência que transformam o sujeito que não bate metas em depressivo, para quem será prescrito antidepressivo combinado com ansiolítico, quando na verdade ele é um sujeito neurótico que sofre do seu desejo, do conflito e da angústia do desamparo, da solidão, da escuridão e do silêncio.

Compartilho essa ideia de Ehrenberg para chamar atenção ao que é considerado patologia para a Medicina, para a Gestão de Pessoas, para a área de qualidade de vida no trabalho, para a Psicologia do Trabalho e para a Psicanálise, inclusive para que seja possível fazer frente às patologias com o tratamento na clínica. A normatividade social tem o objetivo de eliminar o singular e as individualidades. Citando Freud, o sociólogo francês acrescenta que "não há transcendência do sintoma em relação ao sujeito. Não existe. E o Freud é o grande inventor do poder da palavra." Assim, é a partir da fala na clínica que se pode acessar os sintomas do sujeito. Entretanto, alerta para que os psicanalistas não criem diversas estruturas – Ehrenberg é um defensor da neurose.

É a partir da estrutura clínica que as pessoas produzem patologias através do laço social. Dentro das estruturas – neurose, perversão e psicose – o sujeito desliza nos mais variados sintomas, traços e características, sintomatologias acessíveis apenas por meio

da fala. Ehrenberg aponta que a ideia de sofrimento e saúde mental está para a Psicologia assim como o DSM está para a Psiquiatria, pois tudo que é associado ao mental implica no que ele denomina de movimento do bem estar e da qualidade de vida no trabalho, onde cria-se uma nova linguagem de vulnerabilidade individual. Com isso, o problema é de saúde mental, o problema é o sofrimento, como se este não fosse parte da condição humana.

Por que eliminar o sofrimento? Quando se caracteriza a saúde como física e mental, e a Psicologia diz que há um sofrimento ali, existe a produção de uma totalização da pessoa e perda da singularidade, levando a uma normatividade social que cria vulnerabilidade individual. O sujeito passa a ser o fraco, sofredor, incapaz, insuficiente, defeituoso, o que não bate metas, não é assertivo, não consegue se expressar. Seria possível passar a noite (horário do seminário) falando destas formulações e enunciados do discurso de gestão, da mídia, dos veículos institucionais e religiosos que se reproduzem no discurso do capital.

O mundo da autonomia onde o sujeito precisa ser sempre suficiente e útil invoca na pessoa sua totalidade, que vai na contramão da individualidade. Com algum humor, Ehrenberg diz que antes havia nas sociedades mais disciplinadas neuróticos culpados, e hoje há insuficientes deprimidos. A normatividade social é patológica, e não o sujeito carimbado como deprimido. As contribuições da Sociologia e da Filosofia são centrais para a discussão na clínica do trabalho sobre as patologias e o adoecimento.

A psicopatologia é uma impossibilidade de laço social, o que remete à teoria da pulsão e dos quatro discursos em Lacan dos quais já tratamos. Quando o laço social é mal-feito surgem diversas patologias (mesmo que seja um conceito da Medicina, o usamos para falar do efeito de uma psicopatologia, ou seja, a

psicopatologia é do laço social e as patologias são seus efeitos), entre as quais a patologia da sobrecarga, da violência, da servidão e a normopatía que já estudamos desde 2004, bem como a patologia da indiferença escrita no livro *Desejar, Falar, Trabalhar* (Mendes, 2018) e a patologia da melancolização no livro *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho* (Sousa-Duarte, Mendes & Facas, 2021). Meu argumento é de que a patologia difere do adoecimento e que a patologia é parte da condição de um contexto trabalho que faz laços sociais mais ou menos enlaçáveis. O tipo de enlaçamento pode ser patológico. A patologia da insuficiência está muito presente nos contextos institucionais, assim com as patologias que mencionei, e, adicionaria, a patologia do medo.

Para fundamentar a patologia do medo, hoje gostaria de discutir a fobia e levantar questões para pensar mais adiante se é possível falar da patologia da paranóia e da mania. Talvez não, pois a mania faz parte da melancolização, e a paranóia do medo. Penso que mais adiante poderei desenvolver esta articulação. Por enquanto, seguirei com as elaborações que nos ajudam a pensar a relação entre a psicopatologia do laço social, o trabalho morto e o adoecimento, dando pistas para a prática clínica ao estudar as patologias pelo trabalho.

Laço social é o conceito para o estudo das psicopatologias com o qual trabalho e que, para Lacan, significa necessariamente o modo de se enredar do sujeito no discurso via circuito da pulsão invocante. Quando isso acontece surgem as patologias e aí não existe mais espaço para o sujeito, nem o desejo, a fala. Fica imperioso o trabalho morto, sustentado pelo supereu, suas vozes enunciadas no discurso capitalista colonial digita e o gozo, a armadilha bem engendrada pelo capital para aprisionar o sujeito. O gozo é, assim, psíquico, social e político.

O que acontece com o circuito da pulsão invocante sem sujeito e sem desejo? Gozo desgovernado, mais-de-gozar,

perversão enquanto laço social dominante e levanto a hipótese de que também surgem a paranoia e a mania, ligadas à psicotização. Paranoia e mania como uma forma de laço social que vai, por isso, produzir uma patologia e o adoecimento.

O adoecimento acontece quando as patologias se instalam naquele ambiente, seja familiar, institucional, organizacional ou social. Ehrenberg fala da patologia da insuficiência mas quem trabalha mais diretamente nas empresas com modelos de gestão produtivista, e agora com o trabalho plataformizado, observa que a paranoia, a mania e a fobia têm se instaurado como forma de laço. Na clínica, o sujeito que adocece não é o trabalhador que possui uma vulnerabilidade individual porque sofre com algo, e sim por ser devorado pela lógica do laço social ali forjado para o qual ele não consegue ser suficiente. Se ele tem uma estrutura neurótica, e têm sido esses os nossos pacientes, como vão funcionar em laços sociais perversos ou psicóticos? Há muito sofrimento para esse neurótico. O trabalho morto para além de neurotizar, agravando a neurose de todos nós, produz essas lógicas.

Embora o sofrimento não seja uma categoria teórica da Psicanálise, assim como saúde mental, vale usá-las para facilitar a compreensão. Porém seria bom, se vamos nos dedicar à articulação de Psicanálise e Trabalho, nos ocuparmos da angústia e não do sofrimento. Até porque o sofrimento pode ser um modo de gozo apropriado e explorado pelo supereu no discurso capitalista e nas práticas de gestão produtivista, com imperativos como “se não sofrer não aprende” ou “nós sofre, mas nós goza” (bloco de carnaval em Recife nos anos 80), que vai sustentar laços como a servidão e a violência. O desamparo para Lacan é ausência de angústia. Por isso, seria bom nos dedicarmos ao estudo da angústia, que é afeto para ele, e entender como o discurso e as práticas produtivistas, ao tentarem eliminar a angústia, produzem um desamparo que torna o trabalhador presa fácil do ponto de

vista psíquico, agravado pelo desamparo social dada a escassez econômica e a perda de direitos trabalhistas que o neoliberalismo tem imperiosamente implantado.

A normatividade social provoca patologias que referem-se aos laços, produzem linguagens e implicam expectativas. Quando uma patologia se instaura, há uma expectativa em relação ao sujeito, como no caso da insuficiência que leva à depressão; a depressão conforme o DSM III, a Psiquiatria e as Neurociências, não de acordo com a Psicanálise. Esta, antes, precisaria escutar o sujeito e observar como seus sintomas se articulam na sua história singular e na história daquele trabalho que produziu o estado de depressão.

Na mesma linha, do ponto de vista filosófico, há algumas idéias do Heidegger que dão sustentação ao conceito da patologia com algo singular e, ao mesmo tempo, social. Heidegger aponta que uma das mais inquietantes patologias é a ligada à tirania do igual, algo que também está associado à visão do Nietzsche sobre o eterno retorno do mesmo. Na tirania do igual tudo é padronizado, constantemente organizado, ligado à racionalidade e é necessário que tudo seja correto e harmônico; ideias presentes no taylorismo, na gestão por qualidade total e nas empresas em geral.

Heidegger discute hiper-comunicação, hiper-produção, hiper-circulação, hiper-consumo, hiper-retroalimentação. Acrescento um hiper-consenso, onde tudo é hegemonia e harmonia. Não existe o “e”, apenas o “ou”; uma tirania. É inquietante nas tiranias do igual e nas patologias sociais estudadas por filósofos e sociólogos que tudo vire positivo, normal, banal. Nesta positividade há uma intensificação do que Heidegger chama de desgaste, onde se perde a essência do que é realmente o ser. Segundo Oswaldo Giacóia Júnior (2013), filósofo da Unicamp e estudioso de Heidegger, essa positividade é um terrorismo e um delírio de onipotência da eficácia.

A patologia da insuficiência, a sociedade da autonomia e o discurso do capitalista de Lacan ligam-se completamente à positividade e à tirania do igual por ser uma questão de saber absoluto e uma única verdade sobre o que é eficaz. Este é um significante que adocece os trabalhadores que atendemos. Há um ideal de bem estar, prosperidade, segurança e conforto por trás da eficácia, porém Heidegger diz o inverso: é na possibilidade de não-ser e não-fazer que se encontra a liberdade, a dignidade e a essência do ser humano. Na sociedade de produção capitalista não tem sido possível para uma grande parte de trabalhadores não-ser e não-fazer, pelo contrário, imperam é a injunção do supereu e do mais-de-gozar nos comandos “seja o melhor” ou “faça o impossível para ter sucesso” e muitos outros...E a saída desse labirinto? O desejo e sua ética, como? Vamos tratar em outro seminário.

Heidegger entende que a liberdade é ser de modo que não se carece de nada, em um sentido próximo ao da sublimação como possibilidade de satisfação da pulsão que ocorre quando não se pede nada a ninguém. Então, não se espera nada e não se pede nada; ademais, segundo o filósofo, não se carece de nada além do necessário. E o que é desnecessário? Desnecessário é o que vem a partir da coação, algo que não é livre, ou seja, vinculado a demanda. Ele diz “o que é livre é aquilo que não foi tomado para nenhum uso”, o que se articula com o conceito marxista de trabalho vivo e se opõe ao de trabalho morto.

Assim como o desejo, que não é tomado para nenhum uso. O desejo é livre, é uma aposta, um risco. Caso o desejo não esteja na dimensão de liberdade, torna-se demanda e expectativa e participa da psicopatologia do laço social. É importante proteger a liberdade, poupar sua essência para que não seja desgastada com aquilo que não é necessário. Afastá-la da utilidade também pois o

útil requer cálculos, gestão, administração com fins de produção, estocagem e consumo. O útil é exatamente o que aprisiona, uma ideia básica para entender as patologias.

Fazer algo diante disso requer, primeiro, reconhecer que existe uma tirania do útil e do positivo. Há uma saída pelo desejo no circuito da pulsão invocante, uma possibilidade de saída dos laços patológicos para criar laços sociais de construção do saber a partir do nada. A questão que me angustia é como os trabalhadores brasileiros, no contexto histórico de colonização, luta pela sobrevivência, perda dos direitos trabalhistas, desigual distribuição de renda e miséria, irão renunciar a tirania do útil e do positivo? E mais: como o trabalhador que não se reconhecer trabalhador porque é da classe que enriqueceu (a burguesia na França, por exemplo) mas de fato é a classe emergente coloca em questão esta tirania, se eles mesmos são os que a sustentam? Ou pior, como o usuário do trabalho de plataformas vai colocar em questão o “conforto” do capitalismo digital? Questionar isso convoca a discussão do conceito de alienação ao lado do conceito de demanda, o que pode ser elucidado pelo conceito de discurso capitalista, que é tirânico e totalitário e está presente nos laços psicopatológicos.

Heidegger aponta que é preciso estar aberto para o inútil, para o que não é mobilizado, para o que não pode ser submetido à funcionalização e ao desgaste, para o que não pode ser inserido nos cálculos, estratégias e estatísticas da valorização utilitária. Considerando a usura em relação ao tempo, a tecnologia e tudo que a modernidade trouxe – agora, o capitalismo digital – a falta de liberdade será agravada e haverá uma submissão ao que é útil. Além do caminho apontado por ele ser o de não carecer de nada, acrescentaria o não pedir nada como acontece na sublimação, possibilidade da pulsão via desejo.

A dignidade humana, ao menos na Filosofia, acontece quando o homem se despoja da arrogância e do delírio da onipotência, abandonando-se com inteira confiança ao poder do não querer e à plena liberdade de não fazer o que é necessário, acolhendo o inútil. Acredito que esta proposição filosófica seria importante na discussão sobre a carência e a insuficiência em função da depressão, observada nos trabalhadores que recebemos em nosso projeto. Ouvimos na clínica e nas empresas os diversos diagnósticos dados e este seminário visa resgatar as singularidades do sujeito e seus sintomas articulados à universalidade do laço social, lugar onde se produzem patologias.

O sujeito que chega com síndrome do pânico não apresenta um sintoma individual em sua totalidade. Partimos do princípio que esta é uma produção de situação social, cultura e institucional, forjada como laço social que o fez adoecer. Laço dentro do qual estão o assédio moral e também uma patologia, além das já comentadas insuficiência, indiferença, servidão e normopatia, fazendo com que os trabalhadores adoçam e recebam diagnósticos de síndromes do DSM que totalizam o sujeito e disfarçam o desejo, a angústia, o desamparo e a escuridão em nome da ação.

O discurso capitalista é uma digressão do discurso do mestre, um dos quatro discursos propostos por Lacan, produtor de laço social. Proponho articular as injunções do supereu com as estruturas neurótica e perversa e com os tipos de patologias produzidas nos laços sociais, terrenos para o adoecimento. Por exemplo, o medo e a interdição vêm de um supereu mais arcaico, maternal, ligado ao ideal do Eu e que retoma o medo do desamparo por conta da castração. Abre-se à reflexão de como o laço construído a partir do medo e da interdição acontece dentro dos espaços de trabalho. De alguma maneira, o medo e a

interdição remetem à neurose obsessiva, que por sua vez remete à fobia e à paranoia.

Partindo do pressuposto que o laço social produz uma neurose, o laço construído por uma injunção de medo e interdição produz uma neurose obsessiva independente da estrutura. Produz a neurose enquanto patologização daquele contexto e, com ele, laços fóbicos e paranóicos. Minha hipótese é essa, e isso de alguma maneira se articularia ao tempo do desistir da invocação do sujeito. Na neurose, o sujeito cede o seu desejo ao outro, na mão do outro e com a demanda do Outro. Outra reflexão acerca das injunções do supereu é sobre a possibilidade de construir um laço baseado na culpa e na idealização, o que se aproximaria mais da neurose histérica. Na minha hipótese, isso levaria ao desenvolvimento das patologias da melancolização e da mania e estaria articulado ao tempo do insistir, do desejo. Já as patologias do narcisismo e da normopatía seriam produzidas pela perversão, pela falta de lei.

A partir do recalque na neurose, da recusa na perversão e da foracclusão na psicose, existem diversas nuances mas um terreno pantanoso no qual não me sinto segura de adentrar, especialmente considerando a foracclusão do nome-do-pai e a psicose. A respeito da neurose obsessiva, da neurose histérica e da perversão, tenho firmeza de que existe uma neurotização e perversão a partir do laço social que é construído pelo discurso capitalista. Nesse caso, o supereu como imperativo do gozo e as vozes proferidas nos contextos de trabalho provocam as injunções de medo, interdição, culpa e idealização. Para Freud, sua origem é pré-edipiano e envolve pulsão de vida e pulsão de morte. Para Lacan, há um único supereu como imperativo do gozo e quem participa é a pulsão de morte.

Gostaria de deixar claro que a fobia, a mania e a paranoia estariam vinculadas a um laço neurótico e não a um laço psicótico, pois não existe laço na psicose. Ficamos então no laço neurótico,

que acredito ser o que o modelo capitalista produz e suscita uma série de patologias. Evidentemente, existem saídas para elas nas quais é preciso não apenas insistir como persistir. Saídas trazidas pela clínica psicanalítica, lacaniana como temos feito, que podem ser construídas a partir do discurso do analista com produção do saber próprio e singular do sujeito sobre sua história, um discurso da histérica.

Ainda que a mania e a paranoia estejam ligadas à estrutura da psicose, levei em consideração a prática clínica para refletir sobre os tipos de laços patológicos vinculados a essas sintomatologias, funcionamentos e modos de gozo. Como mencionei, penso que a mania faz parte da melancolização e a paranóia da patologia do medo, ainda assim e também por isso mesmo penso que vale um aprofundamento teórico sobre elas. A fobia foi estudada primeiramente por Freud ligada tanto à neurose obsessiva quanto à histeria de angústia. O texto freudiano mais clássico a respeito é o que apresenta o pequeno Hans, onde ele faz uma discussão da neurose obsessiva e da fobia e a partir do qual pensei inicialmente ser possível uma a patologia da fobia como laço social no espaço de trabalho. Entretanto, penso que de fato a patologia do trabalho é o medo.

A primeira ideia que me ajuda a sustentar essa hipótese é o entendimento de Freud da fobia como um sintoma tanto da neurose quanto da psicose e sem tratar a fobia como neurose fóbica, mas sim como um processo patológico independente. Classicamente a fobia está associada à neurose obsessiva porém, em determinado momento de sua obra, Freud a assemelha à histeria de conversão fazendo a analogia de que a libido recalçada na neurose seria uma libido convertida na histeria de conversão. No caso da fobia ela não é convertida no corpo, mas permanece sob forma de angústia.

É importante entender os mecanismos para que não se banalize o que é grave. Escuta-se frequentemente que fulano é paranoico e ele pode estar vivendo uma situação de assédio moral no ambiente de trabalho, fala que pode provocar uma siderização social, uma desconsideração do trabalhador de seu delírio e a falta discussão do que é uma patologia que considere o modelo de produção capitalista.

Freud faz menção a diversas histerias no começo de sua obra e trata a fobia como sintoma central da histeria de angústia, mas fobia e histeria não são sinônimos. Afirma que a neurose obsessiva é um dialeto da histeria, então não existiria a divisão entre neurose obsessiva e neurose histérica. Há uma certa divisão entre neurose, perversão e psicose, porém não dentro da neurose. No caso da fobia, o deslocamento do objeto é secundário ao aparecimento da angústia. O afeto que foi recalçado volta e fica livre como angústia na fobia, e a liberação da angústia liga-se aos objetos fóbicos. Por exemplo, em uma pessoa que tem medo de altura não é a altura que a faz ter medo, é a a angústia que a faz considerar altura algo aterrorizante.

É comum pacientes que viveram assédio moral no trabalho não quererem voltar àquele lugar, ou ouvir dos trabalhadores de uma instituição que ninguém quer trabalhar naquele setor. Isso se relaciona também com estresse pós-traumático e pode ser lido como uma fobia. Há espaços que ocupam o lugar do objeto fóbico dentro das instituições e, nesse sentido, produz-se um laço patogênico que sustenta a segregação e a divisão dos trabalhadores dentro das organizações. Reflitamos: como é para uma pessoa trabalhar em um espaço que está no lugar de objeto fóbico e se proteger das suas angústias que a colocam ali, enquanto a instituição tenta negar e eliminar a angústia?

Pelo que Freud discute a respeito do pequeno Hans (Freud, 1909), não é o medo que causa a angústia, mas a angústia

aparece antes do medo. É importante que isto fique claro. Quando eu proponho que as injunções do supereu pelo medo e pela interdição se articulam à fobia e à neurose obsessiva, aponto o medo de arriscar, de errar, de fracassar, de ser excluído, de não ser reconhecido, de perder o cargo ou o trabalho. Hoje há o medo de não ser suficiente e útil e nisto há uma angústia ligada à castração freudiana; ou seja, para que a angústia de castração que volta do recalcado não seja excruciante, surge o medo.

Ocorre-me a questão da Covid-19. O que veio primeiro, o medo do vírus ou a angústia do desamparo frente a algo desconhecido? Há um real que não se pode controlar, um vírus que não se conhece e que pode matar produzindo uma angústia de castração pelo limite do corpo que é mortal. No lugar da angústia passou-se a ouvir "não toque nos corrimões, troque a roupa, não coloque a mão no nariz" e diversos objetos secundariamente passaram a ser fóbicos. Penso nesses exemplos para dar sustentação à minha argumentação de que a fobia pode ser uma forma de laço social e uma patologia que adoce as pessoas. Então, na lógica da fobia freudiana, para fazer desaparecer a angústia da castração, produz-se o medo.

Lacan, ao fazer a releitura a respeito do pequeno Hans, considera que a dinâmica do neurótico é ter ou ser o falo, independente se é neurose histérica ou obsessiva. A partir disso, entende que na fobia existe uma recusa de renunciar a posição de portador do falo. O fóbico possui uma problemática em relação ao imaginário. Do ponto de vista do registro simbólico há uma desenvoltura, uma inteligência, uma liberdade e uma inventividade incrível, assim como na fala. Porém é extremamente deficiente no registro do imaginário, da representação do mundo, o que o torna mais descolado da realidade. O mundo no qual se encontra é limitador, cheio de áreas proibidas e de espaços furados nos quais

se pode cair a qualquer momento; em seu imaginário tudo é interdito e a realidade é totalmente perigosa.

Na fobia, o sujeito sofre os efeitos da castração no imaginário, de onde decorrem os medos e as proibições. Ele não acessa a castração simbólica porque nela o mundo tem áreas realmente proibidas, mas também há áreas que não são proibidas, porém existem impedimentos neuróticos. Segundo Lacan, o preço que o fóbico paga para não entrar na castração simbólica, através da palavra, é sofrer os efeitos da castração no imaginário: angústia livre e insuportável que se liga a objetos secundários através do medo.

A angústia de castração do fóbico ameaça o desejo de desaparecimento ao entregar para o outro o seu desejo. Já sabemos que na neurose há a problemática do desejo, mas na neurose obsessiva e na fobia esta aparece mais intensamente. Enquanto o sujeito está fazendo todo esse investimento da pulsão direcionada a se afastar dos objetos fóbicos, o desejo desaparece. Isso vai ao encontro da eliminação da pulsão invocante que o modelo capitalista de produção e gestão pretende. O sujeito do desejo é ético-político e transgride, subverte, questiona e produz um discurso que não interessa ao modelo pois fóbicos que temem não acessam a castração simbólica e não renunciam o lugar do falo fazem o desejo desvanecer.

Todos possuem objetos fóbicos e é preciso que existam para que a angústia não fique livre, faz bem possuir alguns. O problema ocorre quando isso se torna uma normatividade social ou laço psicopatológico dentro do espaço de trabalho, produzindo inclusive fobia das pessoas. As pessoas se tornam objetos fóbicos, como na homofobia, questões de gênero, questões étnicas e religiosas; também os terceirizados nas empresas. O isolamento social pelo vírus da Covid-19 chamou minha atenção para os laços fóbicos, então lendo para fazer este seminário veio o interesse no

medo que ocupa o lugar da angústia de castração. O medo coloca o sujeito no desamparo, o que é manobrado pelos jogos de saber do discurso capitalista, as falácias e as falsas promessas que fazem o sujeito ter no medo sua proteção. O medo protege o sujeito do desejo, que implica inexoravelmente a castração, o limite do não-saber.

A paranoia está menos esclarecida para mim, até porque envolve a questão da psicose. Na análise do caso do homem dos lobos, Freud oscila entre a paranoia e a neurose obsessiva. Confesso que não me sinto totalmente segura em afirmar sobre uma patologia da paranoia sustentada nos argumentos que apresentei hoje pois ela sempre estará ligada, para Freud e Lacan, à psicose. Do ponto de vista clínico, o que a caracteriza é o delírio de perseguição sistemático e interpretativo, geralmente envolvendo ciúme, grandeza, erotomania e questões eróticas. Analisando o caso Schreber, Freud (1911) diz que a paranoia é a negação da homossexualidade, o que abandona posteriormente. Lacan fala da relação da criança com espelho ao estudar a paranoia.

Penso que algumas características podem se apresentar nas instituições como os delírios, podendo ser modos de laço social, como também fazer parte da patologia da melancolização e do medo. Ou seja, o delírio, em especial a perseguição, está presente em qualquer psicopatologia do laço social e se agrava muito nos modelos tirânicos e opressores de gestão, políticos e sociais. Diversos modelos de organização do trabalho são delirantes, ou seja, não são os trabalhadores, atenção! Gostaria de estudar mais profundamente a paranoia nessa perspectiva, mas há um impedimento teórico pois a paranoia liga-se à psicose em Freud e Lacan, então deixarei um pouco de lado por enquanto.

Apenas quero reforçar o cuidado com as injunções do supereu que fazem acusações dentro das organizações de que o sujeito é paranoico nos casos de assédio moral. E também dizer

que os discursos e práticas delirantes são causa e efeito do modelo neoliberal sobre metas, competição, avaliação, controles e vigilância gerencial. Hoje o chefe perde sua função de coordenar e dar um norte a equipe para ser o que vigia e controla as pessoas. Se esta funcionalidade do modelo de gerar delírios coletivos produtivistas é uma patologia da paranoia, não sei, não tenho clareza para afirmar.

Quanto à fobia tenho clareza da sua ligação com a patologia do medo e a importância de estudá-la articulada à neurose obsessiva para entender as psicopatologias do laço social no trabalho. A fobia é extremamente perniciosa em relação ao laço social, inclusive porque o objeto fóbico pode ser as pessoas. A respeito da mania há um duplo problema. Freud, em *Luto e melancolia* (1917), discorre sobre a mania ser o contraponto da melancolia, como um par. Porém a mania é vinculada à psicose maníaco-depressiva no DSM III e para Lacan seria vista ora como um sintoma, ora como uma manifestação das estruturas neurótica, perversa e psicótica. Então, a mania, a fobia e a melancolia para Freud e Lacan podem aparecer em qualquer das três estruturas, diferente da paranoia que está restrita à psicose. Assim, penso a mania como podendo ser estudada junto com a patologia da melancolização.

É preciso mais fundamentação tanto para concordar que a paranoia diz respeito exclusivamente à estrutura psicótica quanto para falar em termos de dialetos, enunciados ou manifestações das estruturas neurótica e perversa. Entretanto, na prática de trabalho nas instituições e nos consultórios sabe-se que a paranoia existe do ponto de vista clínico e de possibilidades de tratamento. Do ponto de vista teórico-conceitual, a paranoia não possui o status da fobia, da melancolia e da mania.

Sobre a mania podemos falar um pouco. Ela é a perda do sentido do impossível. Isso se conecta com a neurose histérica,

com a idealização e com a injunção do superego à qual Vivès chama atenção que é a identificação com a potência do pai e a sua introjeção no ideal do eu. Articula-se também com a melancolia, ambas vindas de uma mesma injunção mas aparecendo de maneiras distintas. Na mania há uma riqueza de pensamentos e ações inadequadas, além de uma característica distinguível que é a aceleração. Algo também muito próprio dos modelos de produção capitalista e perceptível nas organizações, a hiperaceleração acaba produzindo sujeitos maníacos. Falas de gestores como "o céu é o limite, nada é impossível, não há limites" podem criar laços caracterizados pela mania.

De acordo com Freud, na melancolia o eu sucumbe, enquanto na mania o eu domina. Considerando a segunda tópica freudiana sobre id, ego e superego, a neurose acontece quando o superego vence o ego. Na mania, o ego domina e há uma onipotência. Dessa forma, o eu e o ideal de eu se fundem e o eu torna-se o ideal do eu. Ademais, Freud indica que a mania é uma defesa contra a melancolia; há uma constante celebração na mania. Se o fóbico tem problemas no registro do imaginário e o mundo lhe é perigoso, o maníaco não tem nenhuma proibição e no nível imaginário realiza o ideal do eu pois ele pode tudo. No caso da mania, o sujeito tem uma certa "pobreza" na expressão verbal e ações inadequadas, mas ignora todos os constrangimentos no imaginário e faz o que não tem sentido.

Na mania ignora-se a realidade, tudo é possível e realizável. Nesse sentido, há uma relação bem sucedida com o Outro porque o sujeito é ele próprio o Outro, como aquele que torna tudo possível. Isso remete a algo desenfreado, a produzir uma nova realidade idealizada. Na devotação pelo Outro, o desejo também desaparece; este desaparecimento é importante para entender tanto a melancolização quanto a mania e a fobia.

Finalizando por hoje, termino dizendo que o adoecimento não é sinônimo de patologia e que diagnósticos tendem a encerrar ao invés de expandir as possibilidades de laço social. A psicopatologia para a Psicanálise não é sinônimo de doença mental, é um modo de funcionamento, uma forma de laço social. É com esta lógica que trato as patologias no trabalho: a patologia é causa do adoecimento porque ela é fruto do laço social. Laço que é estabelecido em uma instituição por meio de vozes que a elevam à condição de existência para todos naquele lugar onde se trabalha e é causa do trabalho morto. Penso que nos próximos seminários vou retomar essas patologias em relação a nossa clínica.

Discurso da Histérica e o Trabalho como Sinthoma

Poderíamos dizer, na radicalidade, que o laço social que nos constitui como sujeitos, a partir de um discurso, é um laço histórico e é um laço neurótico. Quem faz laço social é o discurso da histérica.

O discurso da histérica é submetido a um discurso dominante, que é o discurso do capitalista, o discurso do senhor e o discurso do mestre. Imperativos do supereu como "não fale nada", "não insista" e "você vai perseverar" faz laços psicopatológicos que não são simbolizados no contexto de trabalho que é morto. Não há escritos sobre laço social e o trabalho como sinthoma, que seria o trabalho vivo, então, nesse seminário vou descrever ideias para sustentar essa articulação, de um lado. De outro, discutirei as bases conceituais em Freud e Lacan para maior compreensão do discurso da histérica e da neurose histérica como "direito" de todos nós, considerando os modos perversos de reprodução do capital que usam estratégias para eliminar o sintoma histórico dos ambientes de trabalho. E sem sintoma não tem sinthoma!

Lacan discorre sobre quatro laços sociais, que são os laços relacionados ao discurso do mestre, discurso do universitário, discurso da histérica e discurso do analista. O discurso do senhor e o discurso capitalista são variações do discurso do mestre. No livro *O avesso da psicanálise* (1969-1970) ele explica qual o agente principal em cada um destes discursos, nos quais há fórmulas que se referem ao sujeito castrado, objeto *a* e significante S1 – todos os discursos, entretanto, se relacionam ao saber e à verdade. O agente principal no discurso da histérica é o sintoma, sem o qual não é possível

entender o laço social. No discurso do mestre, o que domina é o saber.

No discurso do universitário, o agente é o sujeito sapiente, que produz a escrita ou algum saber e é explorado pelo discurso do mestre. A respeito, Lacan diz que "O sujeito entra na universidade achando que sabe tudo e sai, consciente, de que não sabe nada." Todos já passaram pois isso que instaura o discurso do universitário, que ocupa o lugar "continue, não pare, busque mais, você vai saber sempre mais".

Gostaria de enfatizar o discurso da histérica. O sintoma que aparece como dominante no discurso da histérica é uma forma de laço. Este discurso se dirige ao outro, o outro diferente daquele Outro que se vincula ao significante S1 do discurso do mestre. Um outro que precisa do sintoma para se constituir e o discurso que tem como efeito produzir um saber. Essa estrutura do discurso histórico seria a base do laço social neurótico, o qual o modo de produção capitalista mobiliza na subjetividade dos trabalhadores.

O sintoma como dominante e a necessidade deste para o outro se constituir apresenta um vínculo de dependência entre o outro e o sintoma. O efeito do discurso da histérica é a produção da verdade, ainda que não exista e haja sempre um semi-dito porque ela não pode ser totalmente dita. Isso relaciona-se com a castração, aquela do não saber. O não saber – ou o saber – está vinculado a um conceito central para a Psicanálise: o inconsciente. Então, jamais será possível a totalidade do dito, nunca será possível essa verdade. O momento onde isto mais se aproxima é no discurso do analisando em relação ao que ele produz para o analista no processo analítico.

Esta produção de saber acontece em busca de uma verdade, que é sempre semi-dita – o acesso ao inconsciente – e que não tem possibilidade de ser total, estabelecendo um vínculo de

dependência entre o sintoma e o outro. Ou seja, um não se constitui sem o outro, o que vai caracterizar, de forma bem ampla, o discurso da histérica. Portanto, o laço social será sempre sintomático. A histérica sabe-se dividida, e o sintoma solicita uma interpretação. Não estamos falando da psicose ou do autismo, mas da neurose. O que a princípio é da histérica posteriormente é reformulado pela expressão histerilização do discurso como o discurso histórico estruturante de todos os neuróticos.

O sintoma dominante solicita interpretação e a histérica reconhece a falta, se é uma estrutura mais organizada do discurso histórico, sem patologias. Nosso tema hoje não são as patologias; elas se iniciam quando os três tempos da lei – a injunção do supereu – se instauram como modo de laço social. Estamos falando aqui do que é constitutivo. Então, esse discurso da histérica reconhece a falta e procura incessantemente preenchê-la, o que caracteriza todos os neuróticos. Nesta procura, busca colocar alguém como mestre.

Quando a histérica demanda uma resposta do analista, coloca-o no lugar de objeto *a*, na posição de uma verdade ou de alguém que irá decifrar a verdade. Há a tentativa de constituir alguém como mestre mas, em seguida, retira-o colocando em dissonância a questão do saber e da verdade. Ao meu ver, há muitos fenômenos sociais na nossa atualidade passíveis de entendimento a partir da estrutura do discurso histórico, desde os modelos de gestão até as eleições.

Essa procura incessante de preencher a falta reconhecida cria alguém como mestre, alguém que dará a resposta a essa busca e que se supõe saber da verdade. A verdade é que ela precisa ser objeto *a* para ser desejada. Isso é uma grande oportunidade para o capitalismo, que a todo momento tenta retirar o sujeito do lugar de sujeito e colocá-lo na condição de objeto para então se ofertar como algo a ser desejado. Disto decorre a problemática do

reconhecimento no trabalho: o reconhecimento é uma dimensão histórica e neurótica. Há uma busca incessante pelo saber, sendo que a verdade da histérica é que ela precisa ser o objeto *a* para ser desejada.

Qual seria o caminho da desneurotização? Não é necessário ser objeto *a* para ser desejada. Ser desejada como se é, como sujeito sinônimo de desejo, sujeito desejante. De onde vem a ideia de ser um objeto *a* para desejar, em que o objeto *a* não é sujeito e sim causa do desejo? Isto é ficar no lugar para que o outro deseje. Freud coloca a histeria como uma questão histórica, cultural no sentido de ser a neurose formulada pelo sintoma como dominante. A solicitação que requer interpretação, o reconhecimento da falta, a procura incessante de preenchimento e a constituição de alguém como mestre para fazer uma demanda e ter um saber sobre a verdade: ser objeto *a* para ser desejado.

Essa dinâmica do discurso é uma estrutura do neurótico, tanto que Lacan afirma que é a única estrutura existente. As outras estruturas, em relação à neurose, são dialetos da histeria. Se a histeria é o que permite o contato com a realidade, logo o laço social é feito a partir do discurso da histérica. É o laço por excelência, que vai ser constituído socialmente com as possibilidades de se tornar patológico quando o gozo assume o comando a partir das injunções do supereu. Caso contrário, os laços serão sempre formados a partir desta instância.

O paradigma neoliberal, humanista e sistêmico da harmonia e ausência de conflito, do indivíduo pleno e completo, é totalmente desvelado como engodo quando Lacan afirma que a estrutura do discurso histórico é o que estrutura os laços sociais. Estes serão sempre formados no reconhecimento da falta e na procura incessante de preencher a falta, e o modo de produção capitalista pela procura e oferta diz que pode preenchê-la. Provavelmente adere-se ao consumo desenfreado em decorrência

dessa busca e da suposição de que há uma verdade sobre isto, ou seja, sobre o gozo.

A questão sobre o que a histérica quer é importante para compreender a neurose até chegar ao sintoma. A histérica quer um mestre sobre o qual ela reine, e ao mesmo tempo, que reine sobre ela. Quando há uma demanda feita para o analista, o que ele deve questionar é o que há de desejo na pergunta feita. O discurso da histérica e do analista formam um par, o que permite pensar nas intervenções em instituições em uma abordagem lacaniana. A pergunta que o analista se faz relaciona-se com a histérica querer um mestre sobre o qual ela reine, lembrando que desejar é diferente de querer. Na pergunta "O que há de desejo na demanda?" existe a possibilidade de mudança de posição para transformar o desejo em agente do discurso.

A saída sempre será o desejo. A pergunta quebra a cadeia de significantes da estrutura do discurso histórico. O desejo coloca em questão a própria posição e transforma-o no agente do discurso, não mais o sintoma. Para isso, o sujeito precisa confrontar-se com a sua falta, com a falta de saber. Como havia dito, esse saber jamais será assimilável pois é da ordem do inconsciente. É o básico da castração e do recalque em Freud, que apenas retorna na análise, no sintoma, nos atos falhos, sonhos, chistes e lapsos porque nunca se tem a verdade total sobre o próprio inconsciente. Sem considerar isso como fundante, a Psicanálise não é a ciência que conseguirá responder as inquietações do profissional ou do pesquisador.

O saber demandará a respeito do que se é e qual é o desejo que existe na estrutura do discurso da histérica. Apenas havendo essa demanda é possível perguntar sobre o desejo e mudar a posição com vistas à transformação do agente do discurso. A análise possibilita a produção de um saber sobre a verdade, um

saber que é diferente do universitário porque é um saber sobre o inconsciente. Esta lógica pode ser usada ao se fazer uma escuta psicanalítica de uma instituição, entendendo os discursos ali proferidos e as injunções do supereu com as quais se articulam para tentar quebrar as cadeias de significantes ligadas às repetição e à compulsão.

A verdade é sempre provisória, semi-dita e jamais será completa. O que coloca em cheque os modelos de gestão gerencialista e produtivista no sistema de produção capitalista que constantemente proclamam que tudo é pleno, padronizado, prescrito, protocolado e normatizado. O espaço da inventividade e da produção do saber é usurpado e excluído dos espaços de produção. Considerar que não existe verdade nem a possibilidade de saber tudo requer trabalhar com a potência. Potência é a alternativa diante daquela realidade e não idealizações, pois estas são injunções do supereu. Ser ideal, ter medo, se interditar, ter culpa e almejar o perfeito ligam-se às patologias.

A Psicanálise é a peste por ser subversiva e apontar que somos seres sexuados, mortais e castrados. Reconhecer que há uma falta e que não existe saber absoluto ou verdade pois somos constituídos por um inconsciente de acesso impossível é um outro paradigma para a compreensão dos laços sociais e das relações de trabalho. O discurso do analista, par do discurso da histérica, é um discurso onde há sempre uma renúncia ao domínio. Por isso Lacan diz que o discurso do mestre é o avesso da psicanálise, nome do seu livro 17 do Seminário. A Psicanálise e o analista são, nesse sentido, um modo de pensar onde há a renúncia a todo discurso de domínio, hegemônico, tirânico e opressor.

Portanto, para trabalhar em instituição retrato do sistema de produção capitalista, o analista não faz psicanálise se não fizer a subversão. Quando se adere a todo e qualquer discurso de domínio, a Psicanálise está tropeçando na sua própria lógica que a

constitui como paradigma. A partir do discurso da histérica deveriam se instituir os laços sociais, mas não é assim que acontece. Atualmente eles têm se instituído pelo discurso do mestre e se amplificam no discurso capitalista, as injunções do supereu e o supereu como imperativo do gozo – os três tempos da lei. As injunções do discurso do mestre colocam o sujeito no lugar de servo, a partir de onde se discute a servidão voluntária, e não no discurso da histérica.

O agente no discurso do analista é o objeto *a*, que se articula ao desejo. O analista tem desejo, desejo sobre o qual não se sabe pois é inconsciente mas que é algo fundamental para atuar como psicanalista. De fato, o agente do discurso do analista é um questionamento dos significantes mestres. Com isso entende-se como o discurso da histérica é minado para que o discurso do mestre seja predominante nos laços sociais. O saber inconsciente é o tal lugar da verdade. Como onde há inconsciente não há verdade, é sempre o lugar do enigma. A decifração do inconsciente acontece pela intervenção analítica e, ainda assim, não é possível saber tudo, não é suficiente, é um resto do gozo impossível de representar, permanece, e é essa ideia que se articula ao *sinthoma*.

A partir disto Lacan entende que as estruturas clínicas são efeitos dessa lógica de que não se pode saber tudo, pois o inconsciente é o não todo. As estruturas clínicas são posições do sujeito em relação à castração, castração que é isto para o Lacan. Essa ideia é importante porque desvencilha-se da castração relacionada ao falo. O inconsciente é sempre um dito pela metade que aparecem em lapsos, sonhos e sintomas proferidos pelo discurso, motivo pelo qual Lacan afirma que o inconsciente é estruturado como linguagem.

Sendo a castração o não saber tudo, o trabalho analítico tenta, ao produzir a histerilização do discurso, promover um saber

singular a partir de "quem eu sou e o que querem de mim?" Estas perguntas do discurso da histérica fazem uma demanda, instituindo alguém como senhor para obter respostas. Com essas perguntas as estruturas clínicas serão organizadas, por meio da posição do sujeito em relação à castração do Outro e sua própria castração. O grande Outro, porque quando se institui o outro como alguém que pode ter as respostas para as perguntas, este que se supõe que tem as respostas também não sabe. Então, a castração lacaniana está vinculada às inconsistências do discurso, mesmo porque não é possível que um discurso fale tudo sobre o sujeito pois se estrutura como a linguagem do inconsciente.

É a estrutura do discurso que produz o laço, o que significa que muitos laços sociais são estruturados em cima da demanda. Diversas perguntas são feitas e demanda-se que o outro responda, mas ele também não sabe ainda que se imagine que sim. Essa é a relação neurótica e o laço social constituinte de todos. Dentro das organizações isso é negado pois tenta-se construir silêncios e insistências. Laços sociais construídos a partir das injunções do supereu são patológicos, portanto só seria possível construir na perspectiva do discurso da histérica. Desejar e não esperar nada de ninguém, como na sublimação, seriam exemplos de alternativas para o laço social.

O modelo de produção capitalista no qual estamos inseridos, tanto em termos de sociedade quanto de instituições de trabalho, faz nós patogênicos. Nós e não laços, porque laço é algo que se desmancha e faz novamente, sucessivas vezes. Enquanto que o nó, produzido pelas injunções do supereu, entra no que é o sintoma. Há um busca incessante por respostas mas não se sabe o que se procura. O que se procura é o saber, saber inconsciente que é impossível de saber. Isto regula o vínculo social: a histérica e o seu sintoma. O sintoma ignora a razão pelo qual se mantém

fazendo a pergunta e a demanda ao outro, esperando que venha resposta e supondo a produção de um saber, especial sobre o gozo.

Busca-se resposta onde já se saber que não há resposta, mas existe um gozo na procura. O gozo faz barreira à produção do saber articulada ao desejo porque a partir do gozo inicia-se a busca de objetos para preencher a falta, a lacuna do não saber. A compulsão e a repetição surgem para preencher a angústia inevitável do vazio, do não acesso ao inconsciente e da verdade sobre quem sou e o que fizeram de mim. O gozo, enquanto busca esse saber, impede a produção de um saber sobre si e sobre o outro.

A produção do saber à qual Lacan se refere no discurso da histórica é sempre algo absolutamente da ordem do inesperado. É surpreendente, não se sabe o que será produzido. Para aplacar a angústia de não saber o que será produzido é que o gozo se instaura na procura do próprio saber e toda a pulsão está investida nisso. Enquanto isso, a inventividade e a produção do saber não acontecem. A consequência de permanecer na busca que se articula com a negação da castração do Outro é o infantil como sintoma. Segundo Lacan, "a infância só existe falada pelo adulto, é uma invenção". O adulto quer, em vão, decifrá-la, fixando-se nela. A infância é o seu ponto real, é o seu sintoma. Ou seja, o sintoma é a nossa própria constituição.

O sintoma não é um conjunto de queixas. Há uma diferença no entendimento de sintoma entre Freud e Lacan. Segundo Freud, sintoma é uma formação do inconsciente porque é uma forma de realizar o desejo. Para o Lacan, como disse, é algo da natureza humana, é o ponto que faz o sujeito real. Sintoma é o que o sujeito é. É esse infantil, o que há de mais real e no qual se fixa tentando decifrar. O que quebra isso e possibilita outras saídas

é sempre o desejo. Sendo da ordem do inesperado, o desejo vai falar mais de nós mesmos do que o discurso pois é assintomático. O discurso que fazemos sobre nós mesmos é sempre sintomático porque é fruto de uma infância inventada.

Todo discurso é sintomático porque o que se opõe, ou se sobrepõe, ou fura o que Lacan chama de linha reta em *O sintoma* (1975) é o infinito. É o desejo, que são flashes na cadeia de significantes que realmente falam de nós mesmos. Por isso sujeito e desejo são sinônimos. É possível algo diferente através do desejo, com vistas à verdade do sujeito e não em busca de uma verdade absoluta, um caminho onde o sintoma não será quebrado mas modificado pelo desejo. Se o sintoma é o que nos constitui e o sujeito é igual ao desejo, logo o desejo é o que fura o discurso do próprio sintoma.

Para Freud, o sintoma é uma mescla de restrição e gozo. Uma pantomima do desejo, a arte de narrar com o corpo. Seria incorreto dizer que Lacan não considera o que Freud propõe, a questão é que ele faz uma releitura onde entende o inconsciente estruturado como linguagem. Freud, na primeira tópica, trata o inconsciente como um lugar; posteriormente, como um isso. Quem inspira Freud a ver o sintoma como a arte de narrar com o corpo são as histéricas, o que permitiu a compreensão da neurose e dos dialetos fóbico, obsessivo e compulsivo.

Pantomima seria a deformação da realização do desejo, o que Freud denomina sintoma. O sintoma é um problema e uma solução, porque incapacita o neurótico a aproveitar sua vida porém é a resposta a esta incapacidade, garantindo ao neurótico uma forma específica de satisfação. Isso considerando a neurose enquanto constituição, não como patologia. Em alto grau uma neurose grave requer tratamento para que o desejo seja agente, ainda que nem sempre a análise seja suficiente. Constantemente

coloca-se o desejo como saída, mas reconhece-se que o sintoma é quem se é.

Pensando com Freud o caso das histéricas e da psicossomática, desde a conversão até sintomas mais contemporâneos são maneiras de solucionar um problema. Os sintomas invadem o sujeito quando ele cede ao próprio desejo devido a interdições, culpa e o supereu; vêm resgatar o sujeito de agir pelo desejo. O sintoma é sempre um paradoxo, permite uma satisfação pulsional e, ao mesmo tempo, traz sofrimento. Ele produz sofrimento mas resolve uma situação de desejo interditado, seja pela culpa ou por uma satisfação sexual recalcada. A satisfação acontece, de uma maneira ou de outra; inclusive através do sintoma.

O entendimento de Freud sobre o sintoma segue a tópica do inconsciente como isso, a lógica da energia libidinal e da economia psíquica. Já Lacan afirma que o sintoma é o discurso da histérica baseando-se no inconsciente estruturado como linguagem. Para Freud o sintoma – paradoxal e ambivalente – é formação do inconsciente junto com os atos falhos, sonhos e lapsos. Formação do desejo recalcado e, em certo sentido, sempre um enigma que precisa ser decifrado. Sobre a decifração, Lacan acreditava-a impossível pois seria uma meia verdade, visto que não se sabe tudo sobre o inconsciente.

Nos estudos sobre neurose, Freud entende que o sintoma é a pantomina do desejo. Pantomina é representar através de gestos e atitudes, é fazer uma representação dramática de uma história através do corpo. É desta forma que o desejo sai, com dramatização, gestos, atitudes, movimentos e expressão facial. O sintoma é um simulacro que carrega consigo uma mensagem cifrada. Por exemplo, o medo em si não é o sintoma, o sintoma é o deslocamento de algo para o objeto do medo. O inconsciente é

formado pelo recalque e pelos processos de deslocamento e condensação, assim como indica no estudo sobre os sonhos.

Nas *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916), Freud afirma que o sintoma é uma expressão deformada do desejo infantil. Acreditava que o neurótico é escravo do sintoma mas que deveria tornar-se senhor dos sintomas, pois seria possível solucionar os sintomas. Posteriormente, se deu conta de que mesmo tentando decifrar os deslocamentos e os objetos havia algo que não cedia à decifração. Ele tentou decifrar em diversos pacientes, com a hipnose inclusive, o trauma e a infância. Porém observava uma aderência à fixação e que os pacientes não queriam abrir mão dos sintomas mesmo que lhe gerassem dor. A conclusão, a partir da escuta clínica, foi que a aderência à fixação é o ponto de gozo libidinal.

Assim, todo sintoma – realização de um desejo ou descarga pulsional – remete à sexualidade infantil, ao enigma da infância inventada e contém sempre um prazer. Um braço paralisado, por exemplo, traz sofrimento pela restrição para aproveitar a vida e um gozo em estar naquela condição. O sintoma é a realização de um desejo sexual infantil, por isso há um ponto de gozo libidinal que envolve a compulsão à repetição e não cede à decifração simbólica. A expressão "meter os pés pelas mãos" é um exemplo da repetição incessante do sintoma.

Voltando a Lacan e sua articulação do laço social com o discurso da histérica, o sintoma está situado como agente dominante do discurso da histérica pois enquanto provoca interdição também produz o saber. Assim, não é possível pensar o sintoma como algo negativo que deve ser eliminado. Ele é constituinte, é o que há de mais real. Não é necessário decifrá-lo e sim perceber como o desejo fura a repetição sintomática. Isso no caso dos neuróticos e sem considerar a patologia, que seria o seu

agravamento. O sintoma, como realidade humana, não pode ser erradicado pelo tratamento ou pela interpretação pois é efeito estrutural do sujeito.

A hipótese de que todo laço social é sintomático decorre da reflexão teórica que propõe o sintoma como agente do discurso histórico e aquilo que há de mais real, o efeito estrutural do sujeito. Lacan grafa sintoma com ph, como nomeia o livro 23 do seu Seminário – *O sinthoma* (1975) – e buscando diferenciar do sintoma freudiano. Fazendo sua especificação, Lacan diz que o sinthoma é uma prótese: usada para suprir a falta ou para restaurar uma função, porém algo artificial. Essa ideia é boa para pensar o planeta web em que vivemos atualmente e seus laços sociais. Laços, que na minha concepção, estão se constituindo de forma patológica porque estão afastados do discurso da histórica, de um saber a ser produzido porque não se sabe. Um mundo e laços baseados no discurso capitalista que tudo sabe e onde as pessoas são equiparadas a máquinas que não falham.

A prótese é a imagem fiel à sua fantasia. Assim, o sinthoma é a imagem fiel à sua fantasia fornecido a si próprio. Lacan, em seu último seminário, faz referência a James Joyce ao dizer que para este a escrita é como o sinthoma: a atividade de escritor produz um Eu substituto, uma prótese, e fornece a ele mesmo uma imagem fiel de sua fantasia. Acredito que é possível fazer bastante com essa ideia quando se pensa na diferença entre trabalho e atividade. Trabalho como categoria ontológica, trabalho vivo como definido por Marx e trabalho do luto, do sonho e da elaboração como especificado por Freud são diferentes de atividade. Marx diz que as formigas têm atividade mas não trabalham porque o trabalho pressupõe um sujeito; sujeito que se constitui pelo trabalho para Marx e é sinônimo de desejo para Lacan. Reflito se o trabalho seria o sinthoma e a atividade seria o sintoma.

Um Eu substituto é o molde de uma imagem que garante ao sujeito uma forma desviada de satisfação, próprio dessa condição sintomática do que é mais real. O que Lacan quer dizer é que o que há de mais real é a imagem fiel que se faz da própria fantasia. Por isso ouvem-se psicanalistas dizerem que não se pode tirar os sintomas dos pacientes, pois seria colocar em risco o sintoma que é a prótese exercendo uma função. Se o sintoma supre uma falta, o que fica em seu lugar quando retirado? Provavelmente outros sintomas. Cada sujeito se institui sob o peso real do seu sintoma, ou seja, o saber viver é um modo de ser do próprio sintoma. O saber viver é o modo sintomático de ser para o Lacan porque nós simplesmente não sabemos viver, no sentido radical no qual o inconsciente é estruturado como linguagem e sempre dito pela metade. Não se sabe viver, é preciso viver para saber.

Freud falava da ambivalência do sintoma: prazer e dor, satisfação e sofrimento. Há uma satisfação libidinal ao suprir a falta e restaurar a função, ou seja, negar a castração. Lidar com a angústia, ao mesmo tempo, impede de andar com as próprias pernas. Esse é um nó do sintoma. O desejo é que permite andar com as próprias pernas, o desejo sem garantia e sem destino certo. É uma aposta, é viver para saber. A prótese lacaniana e a formação de compromisso freudiana tentam conciliar a restrição e o gozo, porém há a fixação, a adesão do neurótico que produz o impulso a repetir.

O sintoma não cessa de aparecer, de se inscrever. Não é possível erradicá-lo, eliminá-lo pois existe uma compulsão onde o sintoma tenta corrigir e solucionar algo do passado, porém ele sempre fracassa em alcançar o suposto gozo que o passado haveria de ofertar. Um gozo que jamais foi, na realidade, atingido. O incansável sintoma resulta em gozo, porque há repetição na busca de uma satisfação plena. O sintoma fracassa porque sempre há

uma perda desse gozo – o gozo se perdeu na hora do nascimento, na saída da plenitude uterina.

O modo produtivo capitalista tem produzido laços sociais psicopatológicos. O sintoma como agente do discurso da histérica concede lugar ao desejo a partir do processo de análise ou da transformação da posição subjetiva, uma transformação do sintoma em desejo que o discurso capitalista usurpa. Seu discurso dominante bloqueia a produção de saber a partir do desejo, imperando o sintoma.

O sintoma é sempre paradoxal e enigmático porque algo foi perdido, algo do qual não se tem acesso e não se sabe porque é inconsciente – seja o inconsciente em Freud ou em Lacan. Isto que foi perdido é a infância. Assim, ela é uma invenção do adulto: a fantasia infantil diz respeito a uma infância que existe apenas quando falada pelo adulto. Então, para o Lacan, o sintoma é uma satisfação à maneira infantil, o que há de mais real, imagem fiel à própria fantasia.

Essa ideia pode ser interessante para pensar que os modelos de gestão produtivista têm produzido infantilismo. O modo de produção capitalista faz um recalque da infância e em seu lugar cria o infantilismo, um recalque da inventividade que bate de frente com a produção do saber pelo desejo. Essa hipótese é interessante para compreender como o laço social está sendo construído hoje nos espaços organizacionais. Ao meu ver, um laço infantilizado. Um laço onde não há sujeito, desejo, existência ético-política, reivindicação.

No laço infantilizado existe dependência, medo e insegurança. Surge a pergunta "quem sou eu?" de uma forma mais evidente, como na infância, e tudo mais que o sujeito não conhece porque é da ordem do inconsciente. Essa infantilização patologiza os laços sociais, que amplifica e agrava a neurotização pelo

trabalho produtivista, morto. São esses tipos de laços, que estão articulados aos sintomas, que produzem as psicopatologias. No caso das patologias do trabalho, elas são tão amplamente disseminadas porque ligam-se ao que há de mais real, à infância inventada através da fala.

As patologias mobilizam bastante aderência, além do gozo contido em tentar decifrar o enigma da sexualidade infantil. Demandas são feitas incessantemente através de perguntas e, entre querer saber nada e querer saber tudo, fica um sintoma. Um modo específico de sintoma, uma prótese, qual seja uma adesão fixada e compulsiva a uma infantilidade – ou infantilismo – exacerbada. O discurso capitalista e os modelos de gestão amplificam e agravam formas bizarras de se manter fixado ao outro materno, a relações primordiais, a modos de gozo; satisfações ditas possíveis que tendem a obturar o buraco da clivagem, do trauma inicial, da separação e da castração.

O infantilismo parece ser, para muitos adultos, prótese ou o Eu substituto que o inscreveria no mundo a fim de corrigir ou solucionar o trauma deixado pela experiência de heterogeneidade do outro. Com isso, acredito que o infantilismo surge como um sintoma. Há um laço que não se solta, um preso ao outro, para o qual são endereçadas demandas e queixas.

A questão do sintoma é realmente complicada, pois ele tem uma função para o sujeito. Isso cria um paradoxo: precisamos dos nossos sintomas, mas não tanto. O sintoma desaparece quando o sujeito pode ser o que ele é – o *sinthoma*, o que ele tem de mais real. O discurso do analista, ou algo equivalente a ele, ao fazer par com o discurso da histérica produz um deslocamento da posição do sujeito, há uma mudança de agente do sintoma para o desejo. Mas há um forte impedimento para se fazer o laço entre o discurso do analista e da histérica em um contexto onde o discurso do capitalista domina de modo tão brutalmente opressor que faz o

sujeito desaparecer no tudo-sabe e sabe-tudo, e acrescento, no tudo-pode e pode-tudo. Não tem sujeito, não tem desejo, tem sintoma demais e a mais exercendo uma atividade para além da sua função, que se desdobra nos laços sociais psicopatológicos. É urgente operar no discurso da histérica para produzir sintoma. O trabalho morto não produz sintoma, assim, não tem espaço para o sinthoma. É preciso trabalho vivo.

Trabalhar: Pulsão de Morte e Sublimação

O tema de hoje é pulsão de morte e sublimação como condições para o trabalhar. Começarei falando de quatro pressupostos para entender a articulação entre elas, focando mais na articulação do que no conceito de pulsão e sublimação, que tratamos em outros seminários.

O primeiro pressuposto é a pulsão de morte, entendida por Lacan como uma força de criação capaz de suspender o medo da morte. Esse é um primeiro paradoxo da pulsão de morte, do qual tratarei para compreender como ele é usado pelo modelo produtivo capitalista no mundo e nas relações de trabalho e seus impactos nos sujeitos. Estamos envolvidos nesses modelos, ficamos na repetição e no gozo e isso é um impedimento para a produção do saber e para a criação.

A segunda ideia é que a satisfação almejada pela pulsão de morte é sempre o gozo. O gozo é uma forma desenfreada de buscar satisfação plena e ele sempre se refere à repetição, ao excesso. Gera um desprazer, na verdade, e uma sensação devastadora que coloca em cheque o equilíbrio. Essa negatividade do gozo ressalta a importância do gozo fálico, aquele que não é pleno, absoluto, completo mas sim ligado à possibilidade de castração.

Outra ideia importante é a de fusão. A princípio, Freud discorria sobre a pulsão de vida e pulsão de morte em uma lógica energética, de carga e descarga. Lacan não só trata de uma tensão que vai se descarregar como também traz o conceito de fusão pulsional, ou seja, só existe uma única pulsão e a pulsão por excelência é a pulsão de morte. Por ser força criativa capaz de suspender o medo da morte, não possui um caráter apenas de destruição e agressividade. Há um lado mortífero, de mortificação

do sujeito; e há uma dimensão de mesma energia, não separada, que faz recomeçar e criar a partir do nada. A pulsão de morte é a sustentação do circuito pulsional.

A quarta ideia é que a pulsão de morte é sempre a pulsão do supereu. Essa conceituação lacaniana indica que a indomável pulsão de morte sempre se manifesta pela repetição e não é temperada pelo princípio do prazer. É uma repetição do próprio sujeito ou do próprio saber na cadeia de significantes, é uma repetição que se relaciona com o sintoma. A força de criação é a que impulsiona o sujeito a fazer diferente e sair do labirinto, onde mais uma vez se verifica o paradoxo: a pulsão de morte precisa existir para poder fazer da morte a saída para vida.

A palavra produtivo será importante hoje devido à discussão sobre o que é a produção, que tem efeito na compreensão sobre as relações de trabalho pela articulação com o conceito de sublimação. Lacan trata da sublimação como sendo a mais importante operação para a produção do sujeito, o que se opõe completamente ao produtivismo ou produtividade como no trabalho capitalista. A produção é o trabalhar, um sentido diferente contido naquele de produção do saber, produção de criação, produção da diferença, produção para saída do labirinto montado pelo supereu.

Nessa lógica, a pulsão de morte pode ter como destino a sublimação ou o gozo. No caso da sublimação, abre-se espaço para o desejo mover o circuito, movimentando o sujeito que salta na cadeia de significante e não fica aprisionado. O paradoxo da pulsão de morte sempre irá oferecer risco para o sujeito pois refere-se a uma força desgovernada em busca de satisfação, um risco tanto de destruição quanto de criação. Enquanto pulsão, essa força pode ser produtora de criação ou destruição; neste último caso, a repetição não leva à criação e sim à morte do sujeito. O desejo que está fora do circuito da pulsão invocante – porque desejo não é pulsão – faz

mover o circuito impedindo o aprisionamento da pulsão no gozo pelo supereu.

A pulsão não existe apenas na perspectiva energética, como Freud propunha. A pulsão tem um sentido histórico e este possibilita o alcance que a pulsão possui. A dimensão história é aquela marca de uma memória que insiste em algo que foi memorizado e perdido, do qual fala Lacan no livro 11 do Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). A lâmina, a membrana que foi perdida do objeto da pulsão é o protótipo dessa memória que é memorável porque foi memorizada, e de onde parte a rememoração que é a historização da pulsão no psiquismo. Isso que fica gravado como experiência e faz com que a força continue impulsionando para uma volta a esse estado inicial histórico, onde houve a marca da experiência tanto de criação quanto de destruição. A questão problemática é o aprisionamento da pulsão, ou seja, prendê-la aos objetos e finalidades, como tratei em seminário prévio.

Como vimos anteriormente, o nascimento é traumático e produz para o sujeito a angústia do desamparo, do aniquilamento. Então o registro da destruição fica marcado nesses traços mnêmicos, assim como o registro da construção que é o nascimento. A Psicanálise sempre volta a esse paradoxo do nascimento como trauma, como possibilidade de morte, a partir de algo que nasceu e algo que morreu. Se o rompimento da membrana é necessário para o sujeito nascer e não morrer na placenta, é inexorável uma perda que faz o sujeito nascer para não morrer. Esse paradoxo biológico, claro, toma dimensões na ordem psíquica por meio do discurso.

A partir da introdução da linguagem e de como o sujeito se coloca na cadeia de significantes, as representações históricas dessa memória pulsional fazem com que o sujeito retome ou não essas marcas. Ou seja, a partir da fala e da inserção em uma cadeia de

significantes é possível mudar o destino. É sempre na cadeia de significante, no processo de simbolização, que o sujeito pode sair do lugar onde foi fixado pela voz do outro depois da marca pulsional da perda da experiência de satisfação e reescrever sua história. A clínica que realizamos com os trabalhadores se propõe como potência de reconstruir essa dimensão histórica das marcas pulsionais que ficaram registradas na memória.

Esta marca também se relaciona com o gozo como algo inacessível ao sujeito, opaco. Isso porque o gozo não é satisfação de necessidade, e sim satisfação de uma pulsão que nunca se satisfaz. A experiência de criação e destruição é o paradoxo que leva à demanda de criação dos modelos de gestão, que têm por trás a demanda de felicidade. A demanda de felicidade vincula-se à demanda do gozo, diluída em milhões de eufemismos dentro dos espaços organizacionais a respeito dos processos criativos. Um criacionismo, a tal inovação organizacional, muito diferente do processo de produção criativa do qual fala Lacan quando a vê como possibilidade de pulsão de morte articulada à sublimação. Acredito que o criacionismo é uma das falácias da gestão, é atachado à prescrição, à exigência e está frequentemente repleto das injunções do supereu que são os imperativos do gozo.

Existem alguns pilares que sustentam a pulsão de morte. Um deles é o sentido energético atribuído por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920): a tendência à restituição do equilíbrio. Esta tendência produz uma vontade de destruição, para que o equilíbrio retorne. Dentro de uma empresa ouvem-se expressões como "botar as manguinhas de fora", falas como "está criando demais" ou "está inventando muito" e a desestruturação de coletivos por meio de remanejamentos devido ao medo de "motim". Toda a relação com a criação – criação também de um ato político – é excluída do espaço de trabalho.

Assim sendo, a pulsão de morte passa a assumir uma dimensão mortífera, de mortificação do sujeito dentro dos espaços de trabalho em função da repetição pelo trabalho morto. Então ouve-se "não pode fazer desse jeito, tem que ser feito desse outro jeito aqui" porque há uma definição da prescrição. Por conta de metas e indicadores, quando o sujeito vai produzir um saber singular logo é recolocado no lugar da repetição, sustentada pelas falsas promessas, pela perversão dos modelos de gestão. O retorno ao equilíbrio leva à destruição daquilo que é para ser diferente, do que pode ser mudado.

O outro pilar é a vontade, simultânea, de recomeçar. Portanto, destruir e recomeçar é o paradoxo da própria pulsão de morte, algo com qual joga o modelo capitalista. Ele tende a uma des fusão da própria pulsão, fazendo uma dicotomia e criando maniqueísmos entre construção e destruição, bem e mal, fortes e francos e outros artifícios de poder do modelo de gestão. Isso se sustenta na des fusão do sujeito e produz laços sociais psicopatológicos.

Em *O eu e o id* (1923) Freud discorre sobre fusão e des fusão e em *Mal estar na civilização* (1930) e *Além do princípio do prazer* (1920) que a pulsão de morte é destruição mas também vontade de criação. Por ser a pulsão de morte criação e destruição, não é possível eliminar totalmente um ou outro. As empresas que visam falar só do que é bom e promover boas práticas tentam a des fusão da pulsão de morte para que não haja espaço para destruição, porém não há espaço também para criação. O resultado é um aprisionamento pois eliminar o elemento destrutivo da pulsão de morte significa eliminar ela própria. Tentar eliminar o conflito não encobre o discurso e as práticas destrutivas nas organizações, visto que des fundar as pulsões gera muita agressividade, situações de assédio e violências.

Então, as forças destrutivas e criadoras fazem parte da nossa constituição de sujeito, uma concepção importante para a Psicanálise e que a Psicologia ou outras áreas do conhecimento tentam suprimir. A fusão pulsional é o que caracteriza a pulsão de morte e quando separa-se vida e morte há uma desfusão. Essa dissociação cria um ambiente que é maniqueísta, onde o mal vai destruir o bem ou é preciso eliminar o mal para se ter o bem.

Não se trata de domar a pulsão de morte, a pulsão é livre. Trata-se de estudar e operar nos seus destinos que são a sublimação e o gozo. E não é nada fácil a sublimação operar no gozo para lhe dar limites em um contexto onde a pulsão não é livre e sim domesticada com objetos ofertados pelas práticas de gestão produtivista. Ofertar objetos e garantir a satisfação por meio deles é o que o discurso capitalista e suas práticas fazem, é o canto da sereia.

Ouve-se nas organizações sobre "engolir sapo" ou "você não pode falar o que pensa, o que sente". Lembro de diversas pessoas que já escutei, gestores de recursos humanos, profissionais da área da saúde e colegas psicólogos dizendo "por favor não fala isso, não vamos falar disso, porque isso aqui pode produzir uma explosão". Exatamente: sem explosão não há criação. Então é importante para quem trabalha fazendo intervenções em organizações a dimensão da destruição e da necessidade de que algo morra para recomeçar. Lembrando que essa invenção da sublimação é a partir do nada. Esse nada é o Real do trabalho! E é devido a esse paradoxo que essa abordagem não é interessante para as organizações, pois querem se basear na existência de felicidade.

É a partir do desgoverno que Freud desenvolve o conceito de sublimação articulado à pulsão de morte. Ele explana que diante do abismo intransponível – a coisa que o sujeito não sabe para

além do princípio do prazer, que é o gozo segundo Lacan – há uma possibilidade de transformação do mortífero do gozo por meio da sublimação. Assim, como já mencionei, a pulsão tem dois destinos: o gozo, e suas modalidades de gozo do outro, mais-degozar e gozo fálico; e a sublimação, que é possibilidade de prazer, renúncia, castração e princípio da realidade. Princípio do prazer é a suposição da perpetuação do prazer, que constitui o gozo e sempre será mortificante para o sujeito. O único gozo possível é o fálico por ser restrito, já que o gozo pleno está na dimensão do absoluto e impede o desejo de movimentar o circuito.

Freud tem duas concepções sobre a sublimação, à qual Lacan alerta para sua vinculação com o criacionismo. Associa-se a sublimação à divindade, beleza, sublime, enquanto o desenvolvimento lacaniano da fusão pulsional coloca a sublimação como herogenizada pois a pulsão aponta para um investimento libidinal nos objetos. Mesmo que seja livre por excelência, sempre está em busca de objetos para se satisfazer – muitos paradoxos e armadilhas. Qual é o risco da sublimação ser destrutiva quando existe a desfusão pulsional e como esta é importante para entender as psicopatologias?

Retomo brevemente o modelo criacionista de sublimação para que o abandonemos e deixemos as apologias a inovações e criatividade como medidas adotadas pelas organizações. Lacan faz uma crítica ao pensamento evolucionista da criação porque a dimensão histórica da pulsão – aquela da marca da memória que fica para o sujeito sobre o paradoxo do próprio nascimento e que não tem significante – cria o que é denominado por ele como ponto do nada. O nada é a possibilidade de criação, enquanto o criacionismo supõe que existiu um ponto de partida para criar. Disso decorre o problema da prescrição nos espaços de trabalho onde só se pode criar dentro de um projeto, com diretrizes e de uma maneira específica.

A criatividade nesses espaços parte de um ponto de referência de algo que já existe, no sentido evolucionista, enquanto Lacan teoriza sobre o processo de criação da pulsão de morte ligada à sublimação que parte do nada. É um desafio pensar essa sublimação como destino da pulsão na perspectiva lacaniana nos espaços produtivistas baseados na prescrição. Sem uma crítica radical ao modelo capitalista não é possível pensar a sublimação nos espaços de trabalho. Seria um risco a sublimação pensada como pulsão de vida, assim como sem o risco da pulsão de morte não haveria sublimação.

É possível sublimação neste modelo onde sempre há um ponto de partida e o nada é impossibilitado? São as contradições que o próprio modelo pode impor, mas o trabalho de escuta pode possibilitar um furo no processo produtivista. Assim, produz-se um saber singular, uma criação. Entretanto, para isso é preciso que a pulsão de morte não seja desfusionada em duas. Classicamente, o que a pulsão de morte visa alcançar como satisfação é o gozo. A sublimação é o furo no sentido de uma descontinuidade que faz a diferença e se articula com o desejo para que haja uma produção do saber particular.

A conceituação de sublimação na primeira tópica de Freud a caracterizava como dessexualizada. Essa concepção da sublimação é perigosa, arriscada para produzir desfusão, porque se não é sexualizada não há pulsão, e esta é impulso para os giros. Quando Lacan fala da fusão da pulsão e da pulsão de morte como criação e destruição na mesma essência, significa que o sujeito investe libidinalmente nos objetos. Não existe ali uma dessexualização. A pulsão tem objetos, a questão é que eles não são passíveis de satisfazer; ou seja, precisamos da pulsão para viver, mas livre da prisão dos objetos.

No nosso psiquismo a pulsão não é necessidade, e sim uma força psíquica. O que se busca na satisfação pulsional é o amor do

outro, e um smartphone ou plataforma não providenciarão esse amor. A pulsão é sempre uma demanda de satisfação – de amor, de ser amado e de modo absoluto. Não existe apenas a necessidade e a satisfação não vem só da mamadeira que sacia a fome, o que desfaz qualquer simplicidade na questão. Os pilares do capital, consumo e acumulação, mexem com a nossa pulsão que busca a satisfação em ser amado.

A pulsão, exigência psíquica nunca satisfeita, pede por amor. Porém esse é um pedido de amor absoluto que não existe, por isso sua satisfação, que é sexualizada, é impossível. A oferta de objetos pelo capital coloca algumas necessidades como primordiais mas para as quais não há satisfação porque não se tratam de necessidade. Então, há relações dentro dos espaços de trabalho que são falaciosas, forjadas porque é veiculado pelas vozes do supereu no discurso produtivista que a necessidade ao ser atendida vai dar conta de satisfazer a pulsão. Nessa direção, não há um estado permanente de sublimação. É nas brechas da cadeia de significante que ela pode furar o esquema do gozo no circuito da pulsão invocante.

Continuando, a questão do produzir e ser produtivo é importante para o processo de criação e para a sublimação. Produção é um termo utilizado por Freud, Marx e Lacan e apropriado pela Psicologia do Trabalho e pela Ergonomia. Também pelo capital, que transformou produção em produtivismo e com uma distorção do discurso tenta enunciar para os trabalhadores que produzir e ser produtivo são sinônimos. Como Marx disse, ser produtivo não é felicidade e sim azar. Isso porque é o produzir no sentido da produção do saber para Psicanálise que se articula ao trabalho como categoria ontológica, ou seja, a produção do discurso da histórica e do saber é a partir do nada, de onde a sublimação opera como destino da pulsão de morte.

O sistema de produção capitalista se apropria disso e coloca a produtividade como sinônimo de produção e a partir daí, os modelos de gestão estabelecem a correlação entre produtividade e produtivismo. Todos esses são significantes que estão no discurso, e são diferentes como a diferença entre trabalho e emprego. No entanto, são tratados como sinônimos, uma forma de encobrir os conflitos que marcam as contradições da relação capital-trabalho.

O trabalho humano é trabalhar, é o trabalho intelectual, o trabalho de pensar, do luto, de elaborar, de escutar. Quando se diz que o sujeito produz na análise é em referência a essa produção. Como vivemos hoje em uma sociedade do discurso tirânico, de um saber que tudo-sabe, pensamento único, absoluto, é estranho pensar nessa produção singular. A produção que é do domínio da criação no nada é uma produção do pensamento em sua essência e requer espaço simbólico, o que é encontro de sujeitos.

A defusão da pulsão produz uma série de patologias. Assim como Freud diz em *Mal estar na civilização* (1930), a destruição pela destruição é uma defusão. Destruir por destruir já é uma patologia. Sem pulsão de morte o desejo corre risco. Embora a pulsão de morte busque o gozo, é por meio dela, via sublimação, que o desejo atravessa o circuito e, fusionada, permite recomeçar, mudar e sair da repetição. Freud explica que a cultura pura da pulsão de morte empurra o ego para a morte caso ele não se afaste do seu tirano, o supereu. É apenas quando há uma superação do medo da morte literal, biológica, física, que o sujeito pode recomeçar no nada.

Quando o sujeito entra na armadilha que equipara o significante ser produtivo com produzir, vê-se o engodo e a falácia do modelo que faz com que o sujeito passe a ser produtivo supondo que está produzindo. Fica distante da produção que refere-se ao sujeito, à singularidade, ao desejo. Ele está sendo

produtivo para o outro, para o sistema que traz uma demanda e goza dele, e ele goza com isso porque supõe alcançar o tão esperado ser amado. Supondo que se for produtivo finalmente ganhará o amor absoluto do outro, o sujeito se exaure de produzir e de fazer os outros produzirem.

Essa é a esteira de produção que corre embaixo dos nossos pés, onde corremos sem nem nos darmos conta da corrida. O discurso capitalista faz o sujeito ler "seja produtivo" diferente do discurso da histórica, que produz saber singular. A singularidade produz a quebra da repetição da cadeia de significante do sujeito "robô" ou "super" que não pode falhar, que deve saber tudo. Em uma determinada organização taylorfordista, ele já está fadado a ser excluído se recusa ser o sujeito produtivo e busca o nada para criar. É importante ter atenção ao significante ser produtivo e ao falso ser produtor.

Ser produtivo pelo outro e para o outro traz uma dimensão referente à questão do gozo e da sublimação como destino da pulsão. O gozo é repetição e a sublimação é criação, uma satisfação de dentro. O gozo ocorre dentro no sentido do ego, é quase autoerógeno. Não há outro, representação, palavra; é uma falaciosa satisfação erógena-narcísica com os objetos que o capital oferta. O produtivismo é um modo de gozo e pode se desdobrar em diversas patologias.

A quantificação das avaliações de desempenho é um exemplo emblemático da supressão do nada que possibilita a sublimação, em uma articulação com a pulsão de morte. A sublimação é um destino da pulsão de morte não mortífera. Quando existe sublimação não é por meio de uma dessexualização, como na primeira tópica freudiana. O que as organizações tendem a fazer é essa dessexualização, o que pode levar à patologia da indiferença e à normopatía.

As organizações são sustentadas por um gozo que provoca, de alguma maneira, ruptura nos laços sociais por meio da evitação dos conflitos e do sujeito que se protege assim das contradições. É o narcisismo das pequenas diferenças, o eu mínimo que Freud estudou. Esse destino pulsional – o gozo – que ocorre dentro do sujeito é exatamente atender à demanda do Outro imaginando que haverá satisfação por ser objeto de amor absoluto. Então, talvez, a escuta clínica possibilite furos na cadeia de significante para a produção e não mais a injunção do supereu ser produtivo.

A produção é algo que se articula com a Coisa, é da ordem do irrepresentável, do inominável, porque remete ao nada. Quando se faz uma produção, projeta-se algo para além do que já está na origem da cadeia de significante. A sublimação aprece quando o sujeito consegue se projetar para além do que lá estava, originalmente, na cadeia de significantes.

Freud diz algo interessante quando fala de sublimação como dessexualização: o melhor é inimigo do bem. A questão do melhor é muito forte dentro dos espaços de trabalho e, como diz Caetano Veloso sobre o verdadeiro não ser bonito de se ver, geralmente há uma camuflagem. Se pensarmos no esplendor e no brilho que de tão ofuscante esconde o verdadeiro, o belo pode realmente produzir uma falsa imagem.

O excesso de imagens da sociedade atual é algo forte porque produz uma desfusão pulsional, uma dessexualização do investimento libidinal nos objetos na medida em que o investimento é narcísico. A pulsão de morte se torna mortífera quando atua isoladamente fora do jogo sublimação e gozo, ou seja, sem o desejo. Quando isso ocorre, a pulsão de morte é desgovernada, não representada, não simbolizada; vai empurrando a pessoa sem freio “ladeira abaixo”, como a expressão diz. No momento em que o sujeito fala e a pulsão passa a ser representada, há pulsão de vida, produção e possibilidade de sublimação.

Uma intervenção na análise ou do psicanalista em outro contexto mostra que ali está havendo o uso excedente de uma energia. Como, por exemplo, diante de um relato de cansaço, o apontamento de uma insistência – ainda que considerando a existência também de um cansaço real das exigências e estupidez do modelo produtivista. Sujeito e desejo são sinônimos na linguagem. Então quando o sujeito da produção se vê às voltas com o supereu e o gozo, o desejo vem para fazer um corte. O psicanalista faz uma "caça" ao desejo para encontrar o sujeito, pois onde há um o outro também está.

A interpretação que o analista faz quebra a repetição na cadeia de significante e possibilita o retorno da fusão pulsional. Onde há criação, há a destruição do que não interessa mais para se criar o que se deseja. O desafio é saber qual é o desejo, visto que os sujeitos são produzidos pelo discurso, que hoje é tirânico capitalista. Se somos uma narrativa do que o outro faz de nós, onde está o desejo? Até o sujeito saber que ele é sujeito faz-se necessário passar por um processo de elaboração, pois o desejo é uma produção de saber sobre si mesmo. O discurso da histórica junto ao discurso do analista permite essa produção singular do desejo que não se sabe *a priori*.

Assim sendo, sempre que a sublimação for dessexualizada existirá uma desfusão pulsional, que penso ser diferente da descontinuidade da cadeia de significante em relação à repetição. Por outro lado, se há uma dessexualização, volta-se ao gozo narcísico dentro do sujeito pela imagem. Visto que há demanda de um amor absoluto, é preciso de alguma maneira "se importar" porque queremos ser amados. Isto é a constituição de sujeito, que envolve revolta, ressentimento e frustração; a destruição para que aconteça o recomeço. Não haverá amor absoluto, mas poderá ser amado e amar. Então a pulsão precisa estar junto da sexualização,

que significa o investimento libidinal nos objetos para que ela se mova da destruição para a criação. Assim, a pulsão fica a serviço da sublimação, e não do gozo. Sublimação que abre portas para o desejo e gozo que fecha as portas, ficando isolado sob a ordem do supereu.

Quando a libido não é usada para produção mas sim para o ser produtivo, o que impera é a repetição e isso pode ser mortífero para o sujeito. O que rompe com isso é o desejo, que é sinônimo de sujeito, é um há de vir. Não veio ainda, é o falta ser. A quebra pelo desejo que vem da falta é o que faz com que a pulsão de morte não trabalhe sozinha, e sim junto à sublimação. Lacan diz que se existe alguma possibilidade de satisfação pulsional, essa satisfação ocorre via sublimação. Em certo sentido, quem faz o caminho para o sujeito se instituir na cadeia de significante e para a fusão entre destruição e criação é o desejo.

É interessante que sublimação e pulsão de morte estejam de mãos dadas. A sublimação sozinha é perigosa pois dessexualiza as relações objetais e pode produzir destruição. A pulsão de morte sozinha é mortífera porque a criação relativa à pulsão de vida ou à sexualização de investimento libidinal está desfusionada. O desejo opera na fusão da destruição e da construção, pois para desejar algo precisa morrer.

Saber-fazer do Analista e a Transferência

É importante tratar do tema da transferência no âmbito teórico para profissionais que são psicanalistas e também para os que são de outras áreas, nesta perspectiva interdisciplinar que o seminário possui. O fenômeno da transferência ocorre em todas as relações humanas, inclusive nas relações profissionais. Proponho-me ao desafio de falar sobre a transferência para que entendamos como nos preparar para ter a Psicanálise como referencial teórico e, para alguns, também como referencial clínico. Ademais, para pensarmos como nos posicionar nas instituições e entendermos o conceito nas relações de trabalho. Para apresentar a transferência, tratarei a definição, retomarei um seminário realizado em 2014 com a professora Paola Mieli sobre a cura na Psicanálise e discutirei as noções de Lacan a respeito.

O que diferencia a transferência analítica – o leito do amor, segundo Lacan – da transferência nas relações profissionais, hierárquicas e amorosas é que nessas as pessoas estão presas. Cada uma do seu lado da transferência, da qual, na maior parte das vezes, não se tem consciência. Já na relação analítica existe uma organização para a interpretação da transferência, da qual faz parte o lugar que o analista ocupa quando no suposto saber. O fenômeno da transferência é terrificante nas relações profissionais porque nelas não há quem ocupe o lugar daquele que vai interpretar a transferência. Quem sabe esse lugar não possa ser ocupado pelos pesquisadores e profissionais que atuam na gestão de pessoas, na saúde, no Direito, no Serviço Social e na Pedagogia, assumindo o discurso do analista e mobilizando o discurso da histórica.

Freud fala da transferência em diversos momentos da sua obra, mas há quatro ideias que são centrais para a compreensão do

conceito. Primeiro, a transferência é uma atualização de desejos inconscientes. Não é possível entender o conceito de transferência desarticulado de inconsciente e desejo. Então há uma atualização de desejos inconscientes sobre determinados objetos que se manifesta na relação com o analista. A transferência é o próprio tratamento, sem transferência não há tratamento. É também uma repetição de protótipos infantis com a sensação de atualidade.

A transferência também é um deslocamento do afeto, de uma representação a outra no nível do inconsciente. Um afeto dissociado de uma ideia é recalçado e fica solto, deslocando-se para outras representações. Isso acontece na transferência e envolve sempre uma relação libidinal, motivo pelo qual Lacan refere-se à transferência como um leito de amor, uma situação que está por vir. Ou seja, não se sabe sobre a transferência até vivê-la no processo analítico. Sobre a questão da situação, ela é a mais falsa possível porque evidentemente não haverá sexo entre o analista e o paciente.

Lacan avança em relação à transferência porém ele é extremamente freudiano. Então, para ele, a transferência é um vínculo que se instaura de uma forma automática e atual onde são atualizados os significantes que sustentam os pedidos de amor na infância e testemunha-se a organização subjetiva do sujeito ser comandada por um objeto – objeto *a* para Lacan. O fim da análise, a cura, seria a queda do objeto *a*. O analisando faz cair o objeto *a*, que é o lugar que o analista ocupa para que a transferência aconteça e, ao mesmo tempo, ele não ocupa para permitir que o analisando o destitua de causa do desejo. Assim, o objeto *a* e a própria transferência sempre estão ligados a um desejo do Outro: o nosso desejo é sempre o desejo do outro. No final da análise, o objeto que o paciente produzia para o analista ele passa a produzir para si mesmo, como sujeito. Por isso não é fácil manejar a transferência fora de uma situação de análise, porque o tratamento

leva à queda do objeto *a*; em tese, isso significa a sublimação, a única possibilidade de satisfação da pulsão.

A queda do objeto *a* é o desejo livre, como uma aposta sem que se espere uma resposta do outro, o que diferencia o desejo da demanda. É um vínculo afetivo intenso, automático e independente do contexto de realidade. A transferência não acontece na realidade, e sim no inconsciente, nas fantasias, nos fantasmas. Quando está baseada na realidade, passa a ser identificação e não transferência. A identificação é outro fenômeno psicológico, estudado por Freud na psicologia das massas e por Dejours com a psicodinâmica a respeito do coletivo de trabalho.

Enquanto a clínica do trabalho tem como foco a identificação, a clínica psicanalítica está voltada sempre para a transferência. Seu objetivo jamais é criar laços pela identificação, e sim romper as identificações. Tal porque quando se maneja a transferência é possível se afastar dos modelos ideais, visto que o objeto *a* remete ao lugar do analista ligado ao ideal do eu e o ideal do eu é uma das injunções do próprio supereu. Na identificação, o trabalho não ocorre no nível da fantasia ou do inconsciente. A transferência é uma desidealização das identificações dos modelos parentais de ideal do eu, o distanciamento das identificações.

O analista fica no lugar do objeto *a*, ideal e perdido que dará respostas, que salvará, resolverá. Porém a queda do objeto *a* é a cura no sentido de que a transferência permite a desconstrução da idealização. O analista ocupa o lugar do ideal de eu para que a transferência exista mas o próprio tratamento faz cair esse ideal. Sem uma transferência não é possível uma demanda de amor para o analista – que envolve perguntas como quem sou eu, para onde vou e o que querem de mim? – e a análise fica impedida. Entretanto, alguns analistas dizem que existem pessoas inaptas à transferência porque elas não teriam uma demanda de análise, o que levaria à discussão sobre os psicóticos, autistas e perversos.

Não concordo com essa afirmativa pois acredito que todos são aptos a transferir e que existem analistas inaptos a ficar no lugar de objeto *a*.

Se existe um responsável pela transferência é o analista, não o analisando. Quem tem acesso ao paciente, seja ele psicótico, perverso ou neurótico, é o analista, então a responsabilidade está na mão do profissional. Ele viabiliza a transferência ao ocupar o lugar de suposto saber. Com identificação o trabalho não anda, mas a relação amorosa que é a transferência permite movimentações.

Freud fala da interpretação da transferência. Já Lacan afirma que a transferência não se interpreta nem se compreende, é algo vivido. Há algumas divergências mas é possível, por exemplo, interpretar que o analisando faz em sessão o mesmo que faz com a mãe. Interpretar um protótipo infantil é uma das muitas formas de manejar a transferência, indicada por Freud nos estudos sobre a histeria. Porém o papel do analista não é o de interpretar, seu lugar é o de objeto *a*. Significa que ele será a causa do desejo do paciente, o paciente começará a desejar e produzir para o analista porque supõe que este sabe respostas que ele não sabe. Então, o analista no lugar de suposto saber e objeto *a* faz com que o analisando produza elaborações, significantes, narrativas como se quanto mais o analisando se colocasse mais respostas o analista daria. Enquanto isso o analista faz apenas um semblante, razão pela qual Lacan diz que é a relação mais falsa possível em relação ao leito de amor por vir.

O lugar em que o analista precisa ficar é o de que não sabe, até porque por sua própria análise ele é castrado do seu saber. Ele de fato não sabe. E esse não saber e não querer saber levam o outro a fazer cair o objeto *a* e a começar a produzir um saber sobre si mesmo vinculado ao seu desejo. Eventualmente ele vai interpretar, interromper a sessão e manejar a transferência. Mais do

que falar de situações práticas clínicas, o foco hoje é entender os conceitos para refletir sobre as atuações nas instituições. A pergunta é sobre o lugar que se ocupa: é o lugar do que sabe tudo ou de quem não sabe e está por um vir a ser no vínculo ali construído?

No estudo teórico da transferência, a questão que me interessa refere-se ao lugar que ocupamos na relação com o outro. Independente da relação, seja ela amorosa, profissional ou hierárquica. Pode haver uma relação entre sujeitos ou entre objetos *a*, um caos de sintomas e neurose mas uma relação de aprisionamento na transferência. São relações aprisionadas na própria transferência que levam a uma alienação, uma projeção de protótipos infantis e um infantilismo. Então, além da ideia de que a transferência está na mão do analista, a Paola Miele retoma Freud e Lacan, que faz referência ao Banquete de Platão. A transferência permite o jogo entre o amado, que seria o objeto *a*, e o amante. No final da análise, a queda do objeto *a* é a possibilidade de amar e não mais a demanda de ser amado.

Outra ideia importante é que não existe a contratransferência para a Psicanálise, o que existe é um analista que não está no lugar de analista. Ou, como diria Jean-Michel Vivès, no lugar de analista, aquele que vai controlar. No lugar de objeto *a*, o analista fica com sua presença suspensa: coloca seus conhecimentos e pré julgamentos entre parênteses e trabalha com atenção flutuante sem tomar nota. Como diz Paola Miele (2014), "se você acreditar no inconsciente, você não fica anotando na hora da análise". Lacan, falando do analista, diz claramente que a única posição factível de ser ocupada na análise é a do analisando. Então o analista não tem nenhuma posição, ele é um nada, um vazio; quando se consegue ficar no lugar do nada, é admissível ser psicanalista.

A suspensão liga-se à dialética do não saber, porque ele estudou mas entra em um não saber para que a suposição do saber aconteça. A questão da transferência é uma questão do analista, é como ele responde e age. Assim, não há uma inaptidão para a transferência, porém há um analista que não age e responde do lugar do nada, do vazio. O analista não tem papel, posição ou lugar, ele é o vazio. Ele faz uma suposição de saber para que o analisando o coloque no lugar de objeto *a*, imagine que ele possui a resposta para as suas questões e comece a elaborar e produzir. À medida que elabora, percebe que não recebe respostas e que precisa construir as suas próprias.

Freud fundamenta a respeito da transferência em textos como *Observação sobre o amor transferencial* (1915), *Recordar, repetir e elaborar* (1914) e *Sobre o início do tratamento* (1913). Ele aponta que sem transferência não há tratamento porque a demanda é sempre endereçada ao analista. Nesse sentido, a posição subjetiva do paciente muda pela transferência. O analisando se pergunta o que o analista quer dele e a partir dela, por meio do investimento pulsional-libidinal, começa a produzir e pode alcançar a cura se conseguir mudar sua posição subjetiva. Mudança de posição subjetiva significa mudar a relação com os sintomas, porque os sintomas não são eliminados mas a relação subjetiva com os fantasmas e fantasias pode ser confrontada na psicanálise. Outra ideia importante para o Freud sobre a transferência é que ela é sempre uma repetição e, como repetição, um modo de resistência do próprio inconsciente. Porém há sempre algo novo, a repetição nunca é a mesma; por isso é difícil manejar a transferência.

Em algumas profissões, embora a transferência de quem procura o médico, o advogado e o juiz seja automática, por exemplo, os profissionais não atuam na transferência. Suas atuações são baseadas na identificação, assim como no caso de alguém que faz uma escuta de um coletivo do qual faz parte. Em

outras questões sociais também cabe uma discussão a respeito. Em regimes tirânicos como o fascismo e o nazismo, há uma relação de transferência e identificação com o poder, com o ditador.

A questão do amor, além do ideal, é importante para falar de transferência. Existe o amor transferencial, e Lacan afirma que o amor é querer dar a alguém o que não se tem. Assim como a transferência, o amor também é uma projeção. Há de se refletir sobre a transferência como aprisionamento e a relação amorosa como liberdade, ou como libertação do sujeito e não como aprisionamento no objeto *a*. Então, o amor denota essa ilusão de que alguém pode ser o objeto do desejo, mesmo que na verdade o desejo não tenha objeto, seja livre. O analisando coloca o analista no lugar de objeto *a*, coloca-o como objeto do desejo, algo que não existe. Há uma substituição desse objeto pela repetição do objeto do desejo primário, pois nos primórdios acreditou-se haver um objeto do desejo. Com o declínio do complexo de Édipo e o desenvolvimento da sexualidade infantil essa ideia inicial fica para trás, mas na transferência é atualizada.

Por mais que o analista não tenha lugar, o manejo da transferência e a interpretação – não recomendada por Lacan – estabelecem uma relação assimétrica entre analista e analisando. A assimetria ocorre porque a posição dos dois sujeitos naquele enquadre, naquele setting não é equivalente. Isso não significa que o analista precise ficar no lugar do saber ou entrar em uma relação de poder. Lacan afirma que a transferência se estabelece a partir do encontro entre o desejo do sujeito que está em análise e o desejo do analista. O desejo do analista se dá, primeiramente, a partir da sua própria análise e experiência do inconsciente; ou seja, ele não sabe qual é o desejo e é possuído do desejo de não saber, mais forte do que os outros desejos que estariam na causa daquele tratamento.

Caso o analista não tenha feito sua própria análise, não terá experiência com seu próprio inconsciente e seus desejos podem vir às vias de fato. Tomar o paciente nos braços ou atirá-lo pela janela são desejos que não dominam o analista que faz sua própria análise. Outro aspecto do desejo do analista é que ele aparece como o desejo do grande Outro na perspectiva do analisando, fazendo o paciente se perguntar o que quer dele o desejo do outro. O desejo do outro contido no grande Outro pode ser percebido no discurso capitalista, nas instituições, na sociedade, na mídia, na família, na religião; a cultura à qual a Psicanálise se refere. O desejo do outro não é de um outro qualquer, esse outro é a sociedade, a cultura que é formada pelos primeiros significantes para a criança por meio de seus cuidadores.

O analista é o nada, não está em nenhum lugar. É colocado pelo analisando em um lugar e é importante que esteja apropriado de seu inconsciente para que não seja possuído pelo seu desejo nem se identifique com o lugar do outro. A identificação pode torná-lo um juiz, o que não é o analista, o psicólogo, o professor, o profissional de Recursos Humanos. Ao invés de ocupar um lugar, o analista cria uma vacância para o analisando ter o seu próprio desejo. O desejo do analista existe mas não está presente. Há a função do suposto saber: o analisando se pergunta o que o analista quer pois tem a convicção de que ele sabe, e mesmo que o analista não saiba parece que ele sabe. Essa é a operação que acontece na transferência e no tratamento.

Pensando no circuito da pulsão invocante, o analista oferece esse lugar para poder invocar o desejo. Ele não se identifica com o grande Outro, naturalmente, e o grande desafio é o manejo da transferência na análise. Processo de análise que é a situação mais falsa possível pensando no leito de amor que está por vir. Lacan conceitua dessa forma e é freudiano na questão da transferência, discutindo o amor. Então a maior parte do seu

seminário sobre transferência é sobre o amor, referenciando *O Banquete* (380 a.C.) de Platão, analisando o jogo entre o amante e o amado e argumentando sobre a queda do objeto *a*. Essa é a queda das ilusões, existentes nas relações amorosas e na paixão, a queda dos objetos que são fantasmas e fantasias.

Freud referia-se à posição do amor na sociedade como precária, ameaçada, clandestina e, no consultório, paradoxal. Toda relação é amorosa se pensada pela transferência, mas aqui ele fala especificamente da relação amorosa. Não há algo pronto, feito, definitivo na relação amorosa; acredito que estas são prisões que as transferências realizam. Na relação analítica o que está em jogo é sempre o suposto, pelo fato de que ali existe alguém que se vale das repostas e daquilo que lhe falta. É arriscado e temível que o analista acredite que tem a resposta e que vai dar ao outro o que ele não tem.

A partir da transferência o analisando vai aprender a amar amando. O analista está ali para o seu bem mas, acima de tudo, para que ele ame. Esta é a posição subjetiva que muda com a transferência: do lugar de ser amado ou de fazer uma demanda de amor para a posição de amar. Isso também seria a cura para a Psicanálise. O analista precisa ensinar o analisando a amar? O que é amar? Confunde-se amar com amor na análise, na qual o amor é absolutamente acoplado ao ódio. Discutido há milhares de anos por filósofos e poetas, ainda não temos uma resposta sobre o que é o amor.

Lacan releu *O Banquete* (380 a.C.) de Platão para entender melhor qual é a função do analista de ensinar a amar. O sujeito sai da análise quando ele é capaz de amar, porém amar e amor não são o mesmo. Na relação transferencial, ele vai aprender a amar amando. Há um jogo entre amante e amado, onde o primeiro é o sujeito do desejo e o segundo é o único a ter algo para oferecer à falta que existe no amante. O que me falta eu suponho que aquele

objeto, sujeito transformado em objeto do desejo, irá me conceder. O amado é o par do amante, porém aquele não possui o que o amante supõe que irá dar. Esse é o começo de todas as problemáticas da relação de amor, pois ninguém possui.

Isso se refere ao falo e à castração já discutidos aqui, que participam da relação desejo-objeto que Sócrates chama de amor. Lacan analisa a questão do amor na literatura, na filosofia e na cultura e afirma que a relação entre desejo, objeto, amante e amado é fundamental para compreender a transferência. Ademais, diz que é impossível comparar a transferência e o amor e medir o que cada um tem de ilusão e de verdade. Lacan vai na contramão do "conhece-te a ti mesmo" e coloca a Psicanálise como a nova ciência onde não se sabe quem é ti mesmo. O amante não sabe o que lhe falta, é inconsciente. E, considerando haver um recalque, ninguém sabe qual é esse objeto perdido primário que foi recalcado. Então o amante não sabe o que lhe falta e o amado não sabe o que tem de oculto. Ou seja, o que falta a um é o que há escondido no outro.

Esse é o problema do amor, e para entendê-lo é importante considerar esse desencontro. Para Lacan o amor é um desencontro entre aquele que tem uma falta e aquele que tem algo escondido, e nenhum dos dois sabe o que lhe falta e o que tem. Um desencontro pois ambos são sujeitos, não são prisioneiros em relação transferencial visto que o que aprisiona é a certeza de que o outro tem algo. Entretanto, é a suposição de que o outro tem algo que permite a análise ao colocar o outro no lugar de objeto de desejo e posteriormente fazê-lo cair.

O desejo não possui objeto e o próprio sujeito se reconhece como detido, fixado na função de objeto *a*. O desejo é enraizado no sentido do sujeito colocar um objeto para o desejo, a substituição da falta por diversos objetos que tomam o lugar do

objeto primário perdido do desejo. O amado fica no lugar de único que pode fornecer substituição à falta. Lacan diz que a transferência é uma relação de amor mas não equivale as duas. A relação de amor é mútua, ambos amam. É na relação transferencial que existe amante, amado, sujeito e objeto, a relação entre sujeito e objeto *a* e o desenraizamento do desejo ao final.

A queda do objeto *a* é uma depreciação que o sujeito sofre por sair de um lugar fixo onde elegeram-se um objeto de desejo para que se pudesse desaparecer como sujeito. Ou mais: para passar a ser um sujeito submisso ao deslizamento infinito da cadeia de significantes. Há uma saída do alojamento para que o sujeito se torne livre na cadeia de significantes, não submetido, enquanto o objeto *a* é supervalorizado. O amado tem a função de salvar a dignidade do sujeito fixado protegendo-o da exposição a um deslizamento infinito na cadeia de significantes. Isso quer dizer que o significante não tem um sentido fixo, que o sujeito existe em função do predicado – significante – que lhe é dado. Então os predicados são significantes que vão constituindo o sujeito e nenhum dos predicados diz o que é a essência; é a isto que se refere ao falar do deslizamento infinito no significante. O sujeito é um infinito em relação à sua própria narrativa.

Além de ser uma ficção, Lacan aponta que a transferência se manifesta na relação com alguém a quem se fala. Se a transferência é o vínculo do suposto saber afetivo e libidinal que faz com que o sujeito produza, avance e mobilize, como ficam os processos transferenciais no modo de trabalho capitalista e modelo de gestão produtivista? Se a transferência se estabelece dessa maneira, com quem estamos falando? Nas relações de trabalho hoje, acredito que há muito mais condições antitransferenciais ou de destituição da transferência do que transferenciais, o que pode gerar um efeito nefasto no laço social. O que existe é um conjunto de repetições no trabalho padronizado e taylorizado, que permite a

repetição da transferência do protótipo infantil sem a possibilidade de aparição do sujeito e do desejo. Acredito que a relação transferencial exista nos ambientes de trabalho mas ela é negada e recusada.

A transferência é automática, constante e inevitável em qualquer relação humana, se manifesta com alguém a quem se fala. Mas o que os modos produtivistas têm feito com essas relações? O modo de organização do trabalho produtivista elimina a possibilidade de transferência por meio do trabalho automatizado e robotizado e interfere no laço social que é constituinte da relação humana. Funcionar como uma máquina tem como desdobramento para a civilização a eliminação da transferência a partir do silêncio, da não resposta, da impossibilidade de fala. Inclusive penso que é isso que as plataformas fazem com o impedimento de ver as pessoas. Como, por exemplo, se estabelece a relação transferencial entre professor e aluno mediada por uma plataforma digital? Como fica a transferência fundamental para a transmissão do conhecimento?

Voltando ao analista, ele se desloca do lugar de amante para o lugar de amado porque torna-se objeto *a* do analisando, e é sua responsabilidade não deixar que seu desejo impeça a queda do objeto *a*. Além disso, o analista deve sempre duvidar do que compreende e assim ocupar o lugar da vacância. O lugar do tudo-sabe, sabe-tudo, onipotente, onisciente e onipresente profere o discurso das injunções do supereu. O discurso do analista é diferente do discurso capitalista que não mobiliza desejo nem o sujeito a construir sua própria narrativa. A questão que se coloca é se há possibilidade de fazer a transposição dos discursos nos ambientes educacionais e nos tribunais, por exemplo.

A noção de transferência pode reposicionar os lugares e ampliar a discussão sobre as relações assimétricas. O analista ficar no lugar da vacância, do nada, não significa que ele irá interpretar o

jogo amante-amado da transferência ou assumir uma posição de poder. Do ponto de vista dos laços sociais e das instituições, seria interessante discutir que a assimetria não é sinônimo de relação de poder ou de hierarquização. Acredito que o modo produtivista do capital tenha transformado as relações assimétricas em relações de poder. Espaços onde a transferência seria uma potência transformadora do laço social, como no ensino, na saúde e no direito, estão sendo destruídos.

Gostaria de diferenciar o amor transferencial da transferência de trabalho, o que pode ser uma saída para as relações sociais de forma geral no sentido dos aprisionamentos que o amor transferencial produz. O amor transferencial aprisiona para libertar, é a dialética da análise. Na relação amorosa não deveria haver transferência. O amor transferencial existe para que exista tratamento e cura, mas sem a queda do objeto *a* o analisando ficaria em análise para o resto da vida. Quando as relações amorosas e profissionais são estabelecidas com base no amor transferencial, elas são aprisionadoras; elas precisam ser permeadas pelo amor na relação amorosa e pelo trabalho na relação de trabalho.

A transferência de trabalho vai substituir o amor de transferência, uma saída para as relações de trabalho. Já a relação amorosa é sobre amor e dois sujeitos. No amor transferencial a relação acontece entre sujeito e objeto e existe um amante e um amado, não dois sujeitos que se amam. A relação entre sujeito e objeto é aprisionadora, diferentemente da relação entre sujeitos no amor. Então, é uma armadilha sedutora a relação amorosa ser um amor transferencial, é uma forma de se atrair pelo outro. Pode haver, em um primeiro momento, a atração com um amor transferencial, porém o objeto *a* precisa cair. É a queda do objeto *a* que possibilita amar.

O fim do tratamento é marcado pela transferência de trabalho, que substitui o amor de transferência. Lacan dizia que os psicanalistas não fazem nada, são preguiçosos. O que isso significa nos estudos de Lacan e como está relacionado à transferência de trabalho? Em certo sentido, eu diria que deveríamos ser preguiçosos e não os trabalhadores aos quais Marx faz alusão quando diz que não é felicidade alguma ser um trabalhador produtivo. Então, a transferência de trabalho, que não ocorre pelo o amor de transferência, possibilita a libertação do sujeito no sentido marxista e no sentido lacaniano. No sentido do trabalho vivo, do sujeito que deseja, que trabalha, que fala, que se desprende das prisões das injunções e vozes do supereu. A respeito da preguiça no analista, Lacan explica que se não formos preguiçosos e trabalharmos, o trabalho é sempre a fundo perdido. Isso porque há o inconsciente, e ele trabalha.

Tratando da transferência de trabalho em articulação com os conceitos de trabalho e trabalhar, recorro a Marx que afirma que o gozo, no trabalho, sempre vem com uma decepção. A decepção de não ter conseguido trabalhar porque em trabalha é o inconsciente, e o trabalho do inconsciente é infundável pois ele nunca conseguiria apreender o objeto que o anima. Caso o analista não fosse preguiçoso e trabalhasse, repetiria esse malogro, prejuízo, dano, ausência de lucro que é trabalho a fundo perdido em função do inconsciente.

O trabalho no modo de produção capitalista visa lucro, resultado, ganho, utilidade, solução; está na contramão do trabalho do inconsciente, que é infundável, não espera nada, não tem resultado e não possui resposta certa. Até porque não é possível apreender, o que realmente faz com que o inconsciente trabalhe. Tentar essa apreensão é viver na decepção. O analista preguiçoso significa que se o analista trabalhar no modo de produção capitalista, sempre ficará no prejuízo pois o inconsciente é quem

trabalha. O que ele precisa fazer é emprestar seu inconsciente para o trabalho.

Charles Melman (1991), psicanalista francês, discute no texto *O que é transferência de trabalho?* sobre as injunções a trabalhar. O que nos faz trabalhar? Quem se beneficia com esse trabalho? Trabalhar relaciona-se com o discurso do senhor, o significante do mestre, o discurso capitalista e o mais-de-gozar. Este é o laço que podemos fazer com estes seminários: trabalhar no modo de produção capitalista é aceitar as injunções do discurso capitalista através das vozes do supereu, e goza-se disso.

Por que oferecer o amor na transferência? Para o esforço de trabalhar. Lacan fala em amar reciprocamente, por isso a transferência pode ser o motor do tratamento e também o obstáculo. O amar reciprocamente produz resistência enquanto o tratamento obriga o inconsciente a trabalhar. Nesse cenário, os analistas devem ser preguiçosos e não assumir os comandos e injunções do trabalho no modo produtivista do capital. Amar reciprocamente permite um encontro entre sujeitos e isto coloca um obstáculo à transferência porque ela é uma oferta: oferece-se como um objeto. O analista é colocado no lugar de objeto *a* e por vezes o analisando também se coloca no lugar de objeto.

O amor de transferência transforma-se em transferência de trabalho ao longo de um tratamento, operação realizada pelo trabalho do inconsciente. Esse sai da preguiça ao desalojar-se do amor pelo qual tenta descansar sua fadiga, pelo qual tenta responder à exigência do grande outro. O inconsciente preguiçoso está à mercê do desejo do outro, tentando atender à exigência do outro porém ir ao encontro dessas exigências não é trabalho. É o desejo do sujeito que faz o inconsciente trabalhar. No caso da análise, fazer o inconsciente trabalhar através da preguiça do analista, que fica no lugar do nada, é desalojar o sujeito do lugar de

atender às demandas do outro e se reapropriar do seu trabalho que é desejar.

O modelo capitalista diz que atingir as metas está ligado ao trabalho, o que é falso para o Lacan e para a Psicanálise. Trabalha-se quanto mais se deseja; é o inconsciente preguiçoso que fica atendendo às exigências do outro. A reapropriação de trabalho do inconsciente não acontece ao alienar o seu trabalho para o outro, mas trabalhando para si mesmo. O modelo capitalista aliena o trabalho para o outro, coloca o desejo na mão do grande Outro para que demandas sejam respondidas. Em contrapartida, o trabalho que se faz para si mesmo seria o trabalho vivo ao qual Marx se refere.

Lacan diz que a transmissão da Psicanálise serve para nos desembaraçarmos da dominação que sofremos, da qual somos efeito a partir da linguagem. Então este seminário é uma forma de tentar desembaraçar e de produzir transferência de trabalho. Gostaria de produzir um desalojamento do inconsciente preguiçoso que apenas atende a demandas e que vocês possam reproduzir esta transmissão, esta transferência de trabalho em outros lugares. Ele explica que o desembaraçar-se da dominação é uma maneira de encontrar-se frente ao trabalho em uma relação que não é neurótica nem alienada, essa é a questão da transferência de trabalho.

Transferência em uma relação de trabalho no sentido do trabalho do inconsciente, desalojar-se da demanda do grande Outro, da exigência do outro. Uma relação entre sujeitos desejantes e falantes que possuem um inconsciente que não é preguiçoso. Isso é diferente do amor transferencial e da relação de transferência. O amor transferencial precisa existir para que sejam possíveis o tratamento e a cura na análise, mas é próprio do setting analítico e não das nossas relações. As relações nos tribunais e nas universidades, por exemplo, são relações de trabalho. Não são mas

transformam-se em relações de transferência, e por meio do amor de transferência limites são ultrapassados.

O amor transferencial, de acordo com Freud e Lacan, deve ficar restrito ao setting pois é o instrumento que permite a análise e o seu fim. Um dos fins da análise para Lacan é a substituição do amor de transferência pela transferência de trabalho, o que se relaciona com desembaraçar também as vozes do supereu e dos discursos. O amor de transferência – neurose de transferência segundo Freud – é também uma resistência, uma via para que o neurótico convoque o grande Outro para essa parceria amorosa, ignorando o saber sobre a castração. Ou seja, a transferência amorosa traz a dimensão da impossibilidade da relação amorosa no amor transferencial porque não existe objeto do desejo se o sujeito confronta-se com a castração. E também é resistência porque ir a fundo nessa transferência de amor implica um saber sobre a própria castração do sujeito, o que leva ao fim do tratamento. O amor lacaniano é uma resposta ao desencontro entre o que falta, o desejo e o objeto, menos ligado ao encontro.

Lacan diz que o fim da análise é um entusiasmo. Depois de anos de análise, do amor dado ao analista no processo da transferência, há um entusiasmo por conseguir levar o resto de amor que ficou deste amor de transferência investido na análise. Ele coloca que o entusiasmo é viver a vida apesar das suas dificuldades e incontornáveis tragédias, entusiasmo que impulsiona a criar e realizar desejos, longe de objeto. É um resto de amor de transferência digno de despertar o desejo. O fim da análise é marcado por entusiasmo e alegria.

Por uma Clínica Lacaniana do Trabalho

Esse seminário é o mais inacabado, e ao mesmo tempo, o mais familiar para mim em função do meu percurso com a clínica do trabalho desde 1992.

Minha fala será baseada na minha prática como supervisora clínica no projeto que coordeno na Universidade de Brasília – UnB, inicialmente quando criado em 2015, nominado Práticas em Clínica do Trabalho e realizado no espaço da clínica-escola de Psicologia. Esse projeto passou a ser nominado Clínica Lacaniana do Trabalho em 2018, ainda com muita hesitação da minha parte, mas me preparando para este seminário me sinto satisfeita com esse nome, embora pense que muito ainda está por vir. Hoje o projeto não funciona mais na clínica-escola devido a muitas regras institucionais. Queria um projeto mais livre, portanto, é executado pelo Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social que coordeno na UnB e pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde e Trabalho – GEPSAT. Temos feito o projeto na modalidade online, mas voltaremos ao presencial assim que for possível.

Nesse projeto a clínica lacaniana é usada como dispositivo para a pesquisa clínica e para o tratamento dos trabalhadores que nos procuram. Os atendimentos são realizados por estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia e também por psicólogos convidados no Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, mas quero ampliar para outros campos de saber e quem sabe levar estes seminários para uma futura formação que envolva atendimento, supervisão e estudos de casos clínicos. Desejos e projetos...

A clínica, que é sempre do sujeito, embora atenda os que sofrem ou adoecem pelo trabalho nos modos de produção capitalista, tem como princípio que onde existe sujeito existe

trabalho e onde existe trabalho existe sujeito. Por isso, sem um trabalho na clínica não existe clínica. Trabalho que é vivo, e portanto realizado nas contradições capital-trabalho tanto do ponto de vista do trabalho na clínica como do trabalho “profissional” do analista. O trabalho de análise pode ser morto? E o trabalho do analista, é sempre vivo?

Este seminário é o primeiro sobre a questão do trabalho na clínica, que nada mais é que o trabalho de escuta. Meu desejo é trazer o real do trabalho em toda sua materialidade, como estudado por Marx e os autores da crítica social, para a Clínica Lacaniana e não o inverso. Pois Freud estuda o trabalho vivo, como é o trabalho do luto, dos sonhos e da elaboração, e Lacan não estuda o trabalho como categoria teórico-conceitual, embora fale da transferência de trabalho no final da análise. Eu penso que na teoria do sujeito por ele proposta o RSI (real, simbólico e imaginário) é trabalho vivo, ou seja, sujeito sem trabalho vivo não é sujeito, trabalho vivo que é desejar. Como falei no meu livro *Desejar, Falar, Trabalhar* em 2018, quem trabalha é o desejo, no sentido do trabalho vivo. No entanto, o capitalismo produz trabalho morto, daí a crítica ao capital feita por Marx que pensava o trabalho como vivo.

É considerando o jogo que o capitalismo engendra que se posiciona a Clínica Lacaniana do Trabalho, orientada para o Real como definida na segunda fase dos estudos de Lacan. Feita esta introdução, gostaria de focar no trabalho de escuta. Vou me referir a clínica psicanalítica, com referência a Freud, mas com feições da clínica lacaniana e as distinções que ela assume na prática a partir de alguns conceitos que já discutimos aqui, como discurso, supereu, pulsão e psicopatologias do trabalho.

O trabalho de escuta implica o trabalho do analista e a transferência. O único que o analista pode oferecer em seu trabalho de escuta é o seu não saber. Ele pode oferecer também o

seu desejo. Para falar do analista no lugar do suposto saber é importante entender o que Freud conceituava como transferência, fundamental para a clínica psicanalítica. Vale uma breve observação sobre a diferença entre a Psicanálise, a Psicologia e outras formas de escuta, denominada escuta qualificada. Diversos significados são atribuídos à escuta associados a outras bases teóricas como Pedagogia, Sociologia, Serviço Social, Medicina, Enfermagem, Direito e Psicologia.

A escuta psicanalítica é um trabalho outro, com dispositivos particulares e, sobretudo, articulada a uma epistemologia e teoria próprias. Teoria e clínica são indissociáveis para a Psicanálise. E a clínica psicanalítica, ainda que nesse caminho paradigmático, assume feições diferentes para Freud e Lacan com base no referencial teórico-conceitual por eles desenvolvidos, bem como para outros psicanalistas como Melaine Klein, que não vou tratar aqui.

A elaboração é um dos três trabalhos considerados por Freud, junto ao trabalho do sonho e trabalho do luto. A elaboração não é possível quando não existe a escuta. Por isso acontece o adoecimento causado pelo trabalho exercido sob o domínio dos modelos de gestão produtivistas. Existe espaço de voz e até de fala, mas que não é escutada. Então, escutar não é ouvir. Acima de tudo, a escuta é um trabalho por produzir efeito de transformação, é sempre um risco: o risco de nunca sabermos o que vamos escutar, um encontro com o inesperado.

Quais são as possibilidades de um trabalho de escuta? Adianto que não é preciso divã para fazer psicanálise mas é necessário o trabalho do analista, que implica ocupar o lugar do suposto saber, fazer semblante e se fazer de objeto *a*. Um trabalho vivo, no sentido marxista, porque há transformação a partir do fazer. O trabalho de análise faz ele se constituir como sujeito e ele se oferece como sujeito para fazer esse trabalho. É por essa razão

que o significante trabalho na clínica pode ser vinculado ao conceito de Marx sobre trabalho, entendido como categoria ontológica.

No início dos seus escritos, Freud aponta que a técnica central da Psicanálise é a interpretação e que ela se articula com o trabalho do analista no sentido de que é a partir dela que a elaboração pode se dar. A partir dos sonhos e da sistematização da técnica psicanalítica, Freud falou também da interpretação de lapsos e atos falhos. Deixando o método hipnótico, estabelece quatro regras fundamentais para um processo psicanalítico: associação livre, neutralidade, abstinência e atenção flutuante. Será que com a abstinência Freud já estava pensando no lugar do não saber do analista?

O analista coloca à disposição do outro o seu inconsciente. Em referência a isso Freud fala da atenção flutuante como flutuar no que está sendo escutado para fazer a tradução do que não está sendo dito. Quem fala nem sempre compreende o que está a dizer no dito, e essa tradução é a interpretação. A tradução é sempre arriscada e pode não produzir efeito de sentido para o outro que disse. É preciso que o analista esteja aberto ao inesperado para que as interpretações aconteçam sem se ocupar com o efeito que ela produzirá, caso contrário ele está na lógica do trabalho morto. Ele é analista quando pressupõe que aquilo dito tem que ser o que o outro pensa que seria.

Quero lembrar que estou tratando a clínica com um cuidado especial para tentar uma transmissão o mais didática possível, considerando que este seminário faz parte da formação de psicanalistas, mas também para qualquer um, psicanalista ou não, que se interesse pelas patologias e o adoecimento pelo trabalho a partir da crítica social. Outros lugares serão necessários para a construção do saber sobre a clínica lacaniana do trabalho, inclusive a análise de cada um, não só estes seminários. Muitos

caminhos podem ser percorridos, é um percurso entre a teoria do sujeito e a crítica social, uma experiência de si com o Real, uma posição ética e política.

Retomando, a atenção flutuante é ficar flutuando no outro e conectado com algo que não se sabe bem o que é. A atenção flutuante se relaciona com o inconsciente, tanto do analista quanto do outro. Quando o analista se ausenta como ego, está ali o sujeito do inconsciente e então é possível a escuta entre inconscientes. Caso o analista, o clínico do trabalho, não tenha acesso ao próprio inconsciente, como poderá emprestar seu inconsciente para escutar o inconsciente do outro? Estará já pensando no que responder, no que dizer, em qual resultado vai chegar. Estará funcionando na mesma lógica da racionalidade econômica do capitalismo, do taylorismo e do trabalho morto.

Passar pela experiência de acessar o próprio inconsciente em análise e fazer a prática de escuta estão além da teoria. A transferência não é transmitida apenas teoricamente, é algo que precisa ser vivido. Quantos analistas, e nem estou falando de psicólogos, reconhecem a função da própria análise? Será que todos? Ou seja, existe psicanalista que não tenha sido analisante?

Neste contexto, trago o texto *Análise terminável e interminável* (1937) de Freud, onde ele diz que a análise é um processo interminável. Assim, a questão não é haver ou não um divã nas instituições, se é possível fazer psicanálise na rua ou online. A questão é como o trabalho de escuta é feito, quem está fazendo essa escuta e a partir de qual lugar, se de um lugar de saber ou de não saber. Trata-se de operar no discurso do analista.

Quando me refiro à constituição do sujeito por meio do trabalho, parto de Marx e não da Psicanálise. Para Marx, o trabalho é vivo e é aquele que constitui o sujeito pois ele se constitui no fazer. O trabalho do analista se relaciona com esse saber-fazer e fazer-saber. Como causa do desejo, o analista é o não lugar, visto

que o desejo não tem lugar na cadeia de significante. A escolha por utilizar a expressão "constituição do sujeito" ligada ao trabalho do analista visa chamar atenção para que o trabalho de escuta não seja um trabalho taylorfordista no modo de produção capitalista.

O analista como sujeito do desejo implica que existe um desejo de ofertar seu inconsciente para trabalhar com o analisante, não se trata de querer e vontades, como pode acontecer na Psicologia. E como causa do desejo o analista é colocado no lugar do suposto saber por quem é escutado, que produz uma suposição de que o analista lhe dará uma saída.

Quanto à transferência, ela pode ocorrer em alguns níveis. Há o nível em que o sujeito chega transferido com a própria Psicanálise e, como o caso dos trabalhadores que recebemos na clínica, há a transferência inicial com um projeto. Em um segundo momento há o sujeito que fica na posição do amado fazendo uma queixa para que o analista acolha, dê respostas e o ajude. É perigoso que o analista assuma esse lugar nesse momento da transferência pois o analisante pode deslizar para o lugar de objeto do analista que se coloca na posição do saber e do poder.

Retomando as recomendações de Freud para os médicos iniciantes, o austríaco aponta no texto *Recordar, repetir, elaborar* (1914) que por vezes o sujeito "sempre soube, apenas nunca havia pensado", o que nos ajuda a amplificar o trabalho de escuta nos espaços sociais e de trabalho. Acredito que o lugar do não saber é fundamental para a psicanálise e para a potência política da clínica. O lugar do saber e do poder torna a escuta ruidosa, uma escuta sideral em que sua reverberação se perde no espaço. É muito comum nas instituições que o que é dito entre por um lado e saia pelo outro.

Freud desenvolveu as técnicas que caracterizam a Psicanálise a partir do trabalho com as histéricas,

fundamentalmente sustentadas na interpretação e na transferência. Isso é próprio da Psicanálise, dessa teoria e método. O uso que os analistas fazem da interpretação e da transferência varia a depender da escola psicanalítica com a qual atuam em sua prática clínica. Freud associa o fim do tratamento à compulsão à repetição e aos sintomas, como se fosse possível eliminá-los. É pelo desconhecido ser inconsciente que muitas histórias institucionais aderem-se a histórias de vida e vão-se produzindo laços psicopatológicos dentro daquela instituição e várias modalidades de adoecimentos.

As neuroses foram primariamente estudadas por Freud, já Lacan as estuda também porém de maneira mais intensa dedica-se à psicose e à perversão. Isso ocasiona uma diferença na teoria, pois a teoria psicanalítica é construída a partir da prática, do trabalho de escuta clínica. Sem a prática de escuta, a teoria cria opacidade. Estudando a psicose e a perversão, Lacan não faz uma busca pelo trauma, uma caça aos sintomas ou associações para chegar ao inconsciente. Ele leva o método para o manejo do tempo, do discurso, da palavra, a relação com os significantes e coloca como central na clínica lacaniana a questão do desejo.

Ademais, Lacan associa o final da análise com o desembaraço do supereu e com a transformação do sintoma em *sinthoma*. Não se refere à cura no sentido médico, normativo, prescritivo, mas sim ao encontro entre sujeito e desejo. Ser um sujeito que tem desejo no contexto capitalista onde imperam as injunções do supereu é desafiante. Entretanto, pelo trabalho de escuta é possível acessar esses sujeitos onde quer que eles estejam.

O analista na clínica lacaniana tenta interpretar os significantes do discurso para relançar o sujeito em outros significantes, em outras saídas para fora do labirinto com vistas a que o sujeito possa reconstruir a narrativa sobre si mesmo. Lembro de casos que supervisionei em que o significante que aprisionava era ser qualificada como lixo para uma paciente, para

outra o significante era o descuido consigo mesma e outro paciente estava fixado no significante desconfiança. Fixado em um significante, o sujeito entra em uma série de situações onde repete e confirma o significante que lhe foi dado, por exemplo. Nesse momento, ainda não tínhamos estudado a escansão, será tema de outros seminários no futuro.

O trabalho de interpretar, traduzir e intervir permite entender como a cadeia de significantes leva à fixação do sujeito e, nos espaços de trabalho assalariado taylorfordista, entender os significantes pode quebrar paradigmas que estão há anos naquela organização. No projeto que desenvolvemos, o percurso mais interessante é fazer o sujeito trabalhar a partir do processo de elaboração sobre o que se passa para que ele reviva os traumas vividos nas situações de trabalho, e ao passar pela cadeia de significantes ele pode ter uma relação diferente com o trabalho. Não mais um trabalho que massacra, adocece ou faz sofrer, e sim um trabalho que ele constituiu em uma outra cadeia de significantes.

Essa é a essência da clínica lacaniana do trabalho: fazer com que o trabalho de escuta clínica permita ao sujeito trabalhar de uma forma diferente. A partir da transferência, reviver ou experienciar uma forma diferente de trabalho e criar uma narrativa alternativa à que o fez adoecer, pensar outras saídas. O trabalho clínico remete a um trabalho ontológico, onde o sujeito é constituído pelo trabalho vivo e pode se libertar dos traumas que o trabalho morto produziu nele. Seja o trabalho assalariado, o voluntário ou de qualquer outro vínculo. Não sendo possível eliminar os sintomas do trabalho e o trabalho como sintoma do ponto de vista estrutural, talvez seja possível produzir um deslizamento onde o trabalho passa a ser sintoma para o trabalhador que adoceceu por ser sujeito do Trabalho (t maiusculo de grande-opressor) e não sujeito que trabalha. A partir daí

trabalhar a seu próprio favor, e não para ou pelo senhor; fazer o inconsciente trabalhar por ele e não contra ele. Isso só é possível na clínica? Talvez não, mas diante de uma patologia e um adoecimento apenas a clínica poderia dar conta desse trabalho.

A questão é o trabalho morto que despossuiu o sujeito e o retirou da cadeia de significante, ou o excluiu do circuito da invocação da pulsão. Então quando o sujeito chega na busca por um tratamento, ele não está mais nos modos de gozo que já tinha construído. Ou os antigos modos de gozo falharam, ou há angústia pois não existe mais gozo no lugar da própria castração. Em tratamento, relançar o sujeito na cadeia de significantes é fazê-lo trabalhar; trabalhar pela fala, pelo dizer, para que ele se restabeleça como um trabalhador. Trabalho que aponte para um ato que é trabalho do desejo.

Assim, o trabalho do qual estamos falando é o trabalho do desejo. Digo que quem trabalha é o desejo porque, para Lacan, sujeito e desejo são sinônimos. Voltando ao circuito da pulsão invocante, um dos destinos da pulsão é o gozo, onde o sujeito fica enquanto não há nenhum rompimento que produza angústia. Outro destino é a sublimação, que é o tempo do falar, do insistir e persistir do desejo e entendida como a parte criativa da pulsão de morte. Como pulsão única, pulsão por excelência, ela se destina em parte à busca da satisfação plena – gozo – ou ao outro caminho que só é possível pelo desejo.

Dizer que o analista trabalha refere-se ao lugar do não saber, que é o lugar da castração, da falta. Na discussão sobre os quatro discursos de Lacan – discurso do mestre, da histórica, do universitário e do analista –, o trabalho de escuta tem relação direta com o discurso da histórica e do analista. O trabalho de escuta é uma construção singular de um saber, que só se sabe fazendo, ou seja, é um saber-fazer no real do trabalho vivo.

Disso compreende-se o valor de estudar esses conceitos, para que seja possível um trabalho de escuta como ontológico, constituinte e vivo. Diferente do analista cheio de hipóteses, caminhos, idéias ou dicas sobre o que fazer. O *je*, do qual Lacan distingue o *moi*, é justamente o senso comum do egocêntrico, do que sabe e do que pode. O analista é despossuído dele mesmo, não é egoico e a atenção flutuante diz respeito a isso. A questão do saber se articula plenamente à noção de inconsciente, pois esse é desconhecido; embora se saiba, não se recorda. Essa ideia de inconsciente é absolutamente fundante da Psicanálise.

No livro 7 do Seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan fala da demanda de felicidade. O analisante, paciente, trabalhador ou quem quer que seja escutado tem uma demanda de felicidade. Sobre o fator político da felicidade, Lacan diz que "não poderia haver satisfação de ninguém fora da satisfação de todos". Então, há uma demanda constituída na ideia de que a felicidade existe. Já discutimos isso aqui quando falamos do discurso do capitalista e da psicologia positiva. Uma primeira ideia importante neste debate é a de que o desejo sempre diz algo para além do que a própria demanda formula. Lacan observou que as pessoas chegavam querendo ser feliz, e segue dizendo: "nada é do que não nasceu e tudo o que existe não vive senão na falta a ser". O que significa que é na falta de ser, ser alguém, ser algo, ser sujeito que o desejo permite vida.

O trabalho vivo desenvolvido por Marx também se sustenta no existir porque é incompleto. É na falta de ser que se vive; se há tudo, está morto. O não saber tem um valor dinâmico e é importante para o lugar de onde o analista fará o trabalho de escuta, assim como para a resposta ou não à demanda de felicidade. Encontrar os paradoxos em relação à problemática do desejo é o trabalho do analista.

A demanda que os trabalhadores fazem é uma demanda de felicidade calcada no princípio do capital. Esse princípio exige produtividade, felicidade e cria uma sociedade de espetáculo e da performace. Os modos produtivistas, os modelos de excelência, as certificações de qualidade total, os programas de qualidade de vida no trabalho, as estratégias de gestão e até a gestão de saúde carregam esta demanda de que ser produtivo é ser feliz. Porém, em *O capital* (1867), Marx indicava que "ser produtivo não é felicidade, é azar".

A prerrogativa do capital de que ser produtivo é ser feliz é uma das maiores injunções do supereu, ou seja, do gozo. No capitalismo financeiro neoliberal e também digital, a exigência de ser produtivo e feliz torna-se uma promessa perversa. Nas instituições é possível ver a demanda de querer ser produtivo porque a promessa é que se isso ocorre haverá felicidade. Um canto da sercia. O trabalho na clínica com esses trabalhadores é traduzir a prerrogativa capitalista para o sentido marxista do azar da produtividade, para que ele possa trabalhar como sujeito e não para ser produtivo. Esse é o deslizamento que a clínica lacaniana com trabalhadores em tratamento tem permitido.

O trabalho de escuta é sempre arriscado, por isso a importância da análise, da formação e da supervisão, em especial para os iniciantes. O que se escuta pode ser apavorante, paralisante. Esse pavor faz com que o analista bloqueie e saia do lugar do não saber, porque o analista querera saber para conseguir sair dos impasses. Outra dimensão é a da compaixão, *piez* como Lacan fala em francês. Está fora de cogitação para o trabalho de escuta ficar com "pena" pois interfere no lugar do analista que não tem um lugar prevenido, mas tem desejo. Ele está ali despossuído do seu ego, mas não do seu desejo.

Há um impasse, o desejo coloca uma problemática inesgotável para o analista. O que o analista tem para dar é o seu desejo mas ele não tem como ofertar porque também não sabe. Esse desejo é falta de ser, ocorrendo uma articulação entre o desejo e a dimensão impossível da satisfação da pulsão. A necessidade tem satisfação, mas a pulsão não. Então imaginar a satisfação da pulsão é algo que encerra a questão desejo para Lacan. A única satisfação possível é pela sublimação, e essa opera pelo desejo, ou faz o desejo operar; diferente do gozo que opera pelo supereu, ou o supereu opera por ele ou nele.

Enfim, pode-se dizer que o desejo do analista é de que a análise aconteça e que o sujeito tenha desejo, mesmo que não se saiba que desejo será esse. A clínica tem esse papel de fazer a invocação do sujeito, um chamamento diferente dos que já teve para relaná-lo no circuito da pulsão invocante. No modelo da invocação da pulsão – com destino à sublimação – o desejo do analista invoca o desejo do outro. Está fora dessa discussão demanda, exigência, prerrogativa e prescrição. Ao ser o sujeito que deseja, o analista não está implicado na promessa de realização desse desejo. Essa é a questão que diferencia o conceito de desejo para a Psicanálise pois se assim não for, torna-se vontade, querer, buscar um resultado – o que o capital exige.

A relação consigo liga-se com a relação com o desejo, mencionada por Lacan como um "desarvoramento absoluto da angústia". A função que a angústia ocupa é a de proteção e a questão fundamental é não esperar. Quando o sujeito está em relação com o próprio desejo, no fundo, está em relação com a própria morte. O desamparo – vinculado ao desejo – que a princípio era uma ameaça, uma angústia de desamparo, deixa de produzir angústia pois já não há o que esperar.

Amar e não mais ser amado. A partir disso, o fim da análise se dá quando o sujeito não precisa pedir ajuda para ser cuidado e quando o desamparo é descaracterizado como ameaça pois o sujeito é capaz de fazer algo sozinho. Ser sozinho de maneira tão profunda que depara-se com a própria morte. Se há uma possibilidade de satisfação da pulsão é pela sublimação que não pede nada a ninguém. Logo, o analista não pede nem quer que o analisando realize nada. Essa é uma relação de sujeitos, onde é o desejo que está movimentando o laço social.

A menção ao desejo do analista por vezes recai sobre uma questão moral. Se desvencilhar da existência de um Bem Supremo para todos, de que há uma única forma de satisfação e de que a felicidade existe é falar de ética. É no espaço da falta que se constrói um laço, e a análise permite essa construção. A única promessa possível do analista é a sublimação, como um destino da pulsão. Pode-se dizer que com o alcance disso chega-se ao fim da análise ; ainda assim, ela é interminável. Como diz Freud, há um longo trabalho nesse percurso para se chegar nisso.

Outro ponto sobre a ética da psicanálise é a questão dos falsos bens, algo que se coloca ancestralmente. A respeito disso Lacan (1959-1960) diz:

“Ele só encontrará, extraíndo, a todo instante, do seu querer os falsos bens... como que a gente vai extrair de nós os falsos bens? Esgotando não somente a vaidade. Isso que eu quero que vocês fiquem bem aí. A vaidade de suas demandas, uma vez que todas elas não são para nós senão demandas regressivas, mas também a vaidade de seus dons” (p.351)

Existem analistas que possuem uma atuação profissional pautada na vaidade de suas demandas e dons. A ética da psicanálise é exatamente se desvencilhar dessas demandas. O desejo é libertador

nesse sentido, em relação às exigências que o capital e a organização social fazem incansavelmente.

O luto também possui uma relação com o desejo, do qual Lacan fala juntamente com o pai e o supereu na sua proposição sobre a ética da psicanálise. Esses quatro conceitos se articulam com o trabalho de escuta e são essenciais para entender o lugar do analista. Retomando *Totem e Tabu* (1913) do Freud, Lacan discorre sobre o pai real, o pai imaginário e o pai castrador. Ele diferencia que o pai real é o Grande Fodedor da criança e o pai imaginário é o que fez com que a criança fosse tão fodida. Ademais, a função última do supereu seria recriminar Deus por ter feito tão mal as coisas. Então, ao tratar do luto não se deve prestar louvor apenas ao objeto perdido mas também à sacanagem do objeto pelo abandono.

Ainda sobre a função do pai, esse é aquele que reconhece o sujeito. Justamente por ser uma função é que o pai imaginário precisa estar morto, o reconhecimento que fica é que importa. O supereu entra nesse cenário com a função de odiar, não só Deus pelas coisas malfeitas mas toda a lei. Esse panorama a respeito da ética contribui para a compreensão de que o luto do objeto faz parte dos limites e dos enigmas do desejo.

É complicado ser sujeito desejante se estiver preso nessas armadilhas, se não houver feito o luto dos objetos e se imagina que há um pai real que vai foder com sua vida. Ou imaginar que é preciso sair de tudo isso para poder realmente entrar no desejo. Então são feitas demandas de felicidade, de amor absoluto, de amor supremo, de devoção – demandas regressivas. Um sujeito regressivo, ligado à vaidade e aos dons, tem mais dificuldade de fazer a passagem da demanda para o desejo.

Fazer esse movimento é ainda mais difícil no modo de reprodução do capitalismo que exige comportamentos regressivos para que o capital possa produzir demandas e venda necessidade

como pulsão. O objetivo disso é mais lucro, mais-valia e gozo; e isso está distante de reconhecer como sujeito o outro. Então, reconhecer o outro é reconhecer o desejo do outro. É não querer despossuir, anular ou tratar o outro como objeto. Imaginar, por exemplo, que crianças não entendem nada e tratá-las como se não tivessem desejo algum. É preciso, por outro lado, que suas vontades sejam cortadas e que as demandas impossíveis de amor e de ser absolutas tenham limite.

De maneira correspondente Marx pensa o trabalho: onde há humano, há trabalho. O capital nos despossui do nosso desejo, se aproveitando de que não há garantias e sim apostas, e produz necessidades na medida em que faz exigências. Entramos nessas armadilhas supondo que há um destino certo para o desejo e que a pulsão será satisfeita. Supondo também que existe uma verdade, um saber e que um amor absoluto é possível.

O desejo não se fixa na cadeia de significantes. É algo que ocorre em movimento, assim, sua fixidez pode indicar que ali o desejo desapareceu. Da mesma forma, quando o sujeito se fixa na cadeia de significantes, ele deixa de ser sujeito e está assujeitado. Está despossuído, dessubjetivado, bloqueado, adoecido. O sujeito pipoca na cadeia de significante e se constitui no não lugar, no não saber. Como diz Lacan, “é sempre pelo ultrapassamento do limite benéfico que o homem faz a experiência do seu desejo”. E a esse respeito utiliza a expressão “duro desejo de durar”.

O lugar do analista é o duro desejo de desejar. O desejo do analista é o desejo do outro e é naquela relação que o desejo vai se constituindo. Ao falar da ética, Lacan diz que a ação humana é conhecer a própria natureza; então, reconhecer o próprio desejo. Desejo pelo desejo do outro ocorre em sentido aberto, de invocação no circuito da pulsão para o tornar-se. Tornar-se o que quer que se torne e não um chamado de algo que já está

construído ou definido. O trabalho de análise se faz com a pergunta formulada por Lacan ao discutir a conformidade: "Agistes conforme o desejo que te habita?". Escreve ele:

"E aí que reside a experiência da ação humana, e é por sabermos, melhor do que aqueles que nos precederam, reconhecer a natureza do desejo que está no âmago dessa experiência, que uma revisão ética é possível, que um juízo ético é possível, o qual representa essa questão com seu valor de Juízo final – Agiste conforme o desejo que te habita? (1959-1960, p. 367)

Me parece importante também a questão trazida por ele sobre a impossibilidade do desejo no lugar supremo:

No que diz respeito ao que está em questão, ou seja, ao que se refere ao desejo e ao seu aparato e ao seu desarvoramento, a posição do poder, qualquer que seja, em qualquer circunstância, em toda incidência histórica, ou não, sempre foi a mesma. (1959-1960, p. 368)

Ou seja, existe uma moral do poder que, de alguma forma, interdita a ética do desejo. Ele exemplifica com a invasão de Hitler a Paris e de Alexandre a Persópolis a injunção do supereu de que o trabalho não pare se valendo da supremacia do poder, uma ocasião absolutamente impossível de manifestação do mínimo desejo. Ambos os tiranos proclamaram: "Quanto ao desejo, vocês podem ficar esperando sentados". É o que acontece nas organizações de trabalho regidas pelo discurso capitalista.

Menciono brevemente, devido a sua importância, a questão da culpa. A culpa é ceder seu desejo ao outro e relaciona-se às psicopatologias da melancolização, da indiferença e do medo. Retomando a história de Antígona e falando sobre o desejo, Lacan (1959-1960) diz que "o acesso ao desejo necessita ultrapassar não

apenas todo temor, mas toda piedade, que a voz do herói não treme diante de nada, e muito especialmente diante do bem do outro” (p. 377). Antígona confronta o rei Creontes e a lei que não permite o enterro do seu irmão morto em um duelo, e o simbolismo disso traz a relação consigo, a morte e o encontro com o desejo. Dessa conformidade ao desejo deriva a necessidade de que o outro diga o que é bom para ele, caso o considere um sujeito desejante.

Voltando ao trabalho de escuta, ele é trabalho vivo e trabalho morto pois é atrapalhado por todas as questões que mencionei, como o supereu, o pai, o luto e os destinos da pulsão. A única possibilidade de aproximação ao desejo é a sublimação e a análise é uma aposta sem garantias de que ali há um sujeito que deseja e trabalha. E que trabalha porque tem desejo, porque o desejo trabalha. Então, o desejo nada mais é do que aquilo que sustenta uma possível descolonização do inconsciente. A articulação própria do que faz com que nos esvaziemos em um destino particular, o qual exige, com insistência, que a dívida seja paga; e ele retorna e nos traz de volta uma certa trilha do que é propriamente o nosso fazer. Nós só sabemos fazendo. É somente após que o desejo pode ter como destino.

O esvaziamento que leva à trilha do fazer – o existir propriamente – é de conquista trabalhosa em função do discurso por trás do canto da sereia. A pulsão, de uma forma forjada e alienada, se realiza porque o gozo é sustentado pela suposição de satisfação. Permanecer na compulsão à repetição aproxima da promessa de felicidade e da salvação garantida pelo supremo. O gozo é um excesso onde não há renúncia, não há angústia como proteção do desamparo, o que está na base das patologias. O gozo é o que está girando o planeta Terra atualmente. Um discurso onde se goza, principalmente o capital que goza do trabalhador como objeto, propriedade, com a suposição de plenitude e felicidade. E

piores são as práticas de um brutalismo inaceitável que são sustentadas por esses discursos.

O supereu sempre se manifesta pelo poder, segundo Lacan, ao contrário do que pensava Freud com a ideia do supereu pacificador pós-edípico. Na visão lacaniana, o supereu é imperativo do gozo e será sempre uma tirania. É um imperativo que traz na sua constituição, muitas vezes, uma proteção e uma garantia ligadas a se estar fazendo o bem supremo, sendo um bom cidadão com boas intenções. Nesse sentido, o gozo é vinculado sempre a uma tirania, ao excesso e desarticulado do desejo. O gozo é sempre um paraíso repleto de “boas intenções”.

Concluindo, o desejo é livre e o trabalho de escuta é o trabalho do desejo. Desejo de que o outro deseje. Sendo assim, não é possível escutar caso acredite-se que existe ali uma demanda a ser cumprida. Desejo escutar porque suponho que ali há um sujeito que deseja. Uma aposta, sem destino, arriscada, sem promessa ou garantia. É o que aparece ali que vai movimentando esse trabalho. Esse é o trabalho na clínica, uma clínica lacaniana do trabalho.

Posfácio

A Galinha e o Psicanalista ou o Trabalho do Desejo

O título que Ana Magnólia deu à sua obra certamente deve ter surpreendido um pouco o leitor. O que é que as galinhas têm a ver com uma obra sobre a abordagem lacaniana do trabalho? E por que seria preciso mandá-las de volta ao galinheiro (*elas que lutem...*), se não aos caldeirões, onde pudessem tranquilamente continuar a cozinhar em fogo brando? Está aí algo que merece uma pequena explicação.

Para entender este título, vale nos reportarmos a 2019, à Universidade de Brasília, lugar aonde Ana Magnólia me convidou para apresentar meus trabalhos sobre a pulsão invocante e o supereu. Nesta ocasião, contei uma estória engraçada de que Alain Didier-Weill se serve em *Os três tempos da lei*¹ para ilustrar a relação do sujeito com o supereu. Eis a estória: um louco que achava que era um grão de milho está em tratamento num hospital psiquiátrico. Os bons cuidados do psiquiatra o levaram rapidamente a reconhecer que ele não é um grão de milho. Ele tem alta. Mas, tendo mal ultrapassado os muros do hospital, ele se depara com uma galinha que o encara fixamente. Aterrorizado, ele dá meia-volta e implora ao médico para ser internado novamente. Surpreso, o médico o acolhe e lhe faz a seguinte pergunta:

– Eu não entendo... o que aconteceu? Não faz nem 15 minutos, você estava curado, você sabia que não era um grão de milho...

Ao que o louco responde:

¹ DIDIER-WEILL, Alain. *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Trad. Ana Maria de Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

– Sim, eu sabia... Mas e a galinha? Ela sabia?

Esta breve estória provocou uma gargalhada geral e marcou os presentes.

Nunca sabemos qual será o destino das palavras que pronunciamos em público. O que para mim era apenas uma introdução leve ao tema transformou-se rapidamente, para os estudantes, numa palavra de ordem: seria bom torcer o pescoço da galinha!

Como sou o responsável pelo início do movimento, vou retomar esta estória para tentar compreender qual é a sacada dela. De fato, esta piada nos revela, de maneira cômica, que um saber que acreditamos adquirido e garantido (“Eu não sou um grão de milho”) pode ser posto novamente em questão diante do primeiro entrevero que aparece. Impõe-se ao sujeito, então, uma injunção (“Você não passa de um grão de milho”) vinda deste outro no eu que, desde 1923, Freud indica com o nome de supereu, outro que não cessa de me mal dizer [*mal dire*]. O saber egóico (“Você não é um grão de milho”), adquirido graças aos bons cuidados do médico psiquiatra – que podemos facilmente chutar ser de orientação cognitivo-comportamental – não se sustenta frente à vociferação superegoica inconsciente (“Você não passa de um grão de milho”). A estória mostra bem que este julgamento superegoico é de natureza bem particular, pois se trata de um julgamento silencioso. Se a galinha tivesse dito ao louco “Ora, ora, veja só que grãozinho de milho mais gostoso que estou vendo aqui...”, o louco teria podido recorrer à palavra para replicar: “Você está equivocada, senhora galinha, eu não sou um grão de milho”. Ou, ainda melhor, ele poderia ter respondido “Você está equivocada, senhora galinha, eu não sou **apenas** um grão de milho”, reconhecendo, por tal formulação, que se efetivamente existe grão de milho nele (isto é, se não há advento no simbólico), ele não poderia ser reduzido a só isso. A galinha, porém, encarou o louco

em silêncio. E é neste silêncio gritante que o louco se vê reduzido a este dejetos condenado a cair, que é um grão de milho. Não podendo recorrer ao simbólico, ele vai buscar o limite real dos muros do hospital psiquiátrico que, assim ele espera, lhe permitirão manter a perseguidora bem longe. De fato, o que o louco experimenta em seu encontro silencioso com a galinha é o olhar que o supereu lança sobre o eu, olhar a que nada escapa. “Você se achava são e salvo” – leu o louco no olhar fixo e silencioso da galinha – “mas, de minha parte, eu sei muito bem que, apesar de todos os seus esforços, você não vai conseguir escapar de seu destino de grão de milho”.

Um dos elementos essenciais do supereu é a articulação entre a natureza do julgamento silencioso lançado pelo olhar superegoico e o fato de que este julgamento está igualmente associado à dimensão de uma intimação. O olhar fixo e silencioso da galinha transmite o seguinte julgamento: “Eu sei tudo sobre você, eu vejo tudo em você! Não importa o que você faça para se defender, você não poderá sair do lugar ao qual meu olhar te convoca”. É o que Alain Didier-Weill exprime da seguinte maneira:

Ora, o paradoxo do supereu consiste em encarnar o fato de que “o olho ouve”, e que “o olho fala”, excetuando o fato de que ele não ouve como o faz o ouvido e nem tampouco fala como o faz a boca: se ele ouve, é segundo o modo de adivinhamento do pensamento e se ele fala, não é porque supõe um sujeito, mas porque o dessupõe.²

Ali onde o psicanalista supõe um sujeito – não seria o analista, conforme as palavras de Alain Didier-Weill, um **sujeito suposto saber que há sujeito?** –, e supondo-o, permite que este

² *Idem*, p. 84.

advenha, de sua parte, o supereu dessupõe toda possibilidade de assunção, reduzindo o sujeito à identificação com aquilo que cai: o dejetivo. Freud notou desde cedo a violência do supereu. Assim, em *O Eu e o Id* ele afirma:

O que então vigora no supereu é como que pura cultura da [pulsão] de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o eu à morte [...]. Do ponto de vista da restrição [pulsional]. Da moralidade, pode-se dizer que o id é totalmente amoral, o eu se empenha em ser moral, e o supereu pode ser hipermoral e tornar-se cruel como apenas o id vem a ser.³

A galinha, portanto, é a imaginarização desta instância ambígua que, como Lacan afirma em seu seminário, é ao mesmo tempo a lei e sua destruição.

O supereu tem uma relação com a lei, e ao mesmo tempo, é uma lei insensata, que chega até a ser o desconhecimento da lei. É sempre assim que vemos agir o supereu no neurótico. Não será porque a moral do neurótico é uma moral insensata, destrutiva, puramente oprimente, quase sempre antilegal, que foi preciso elaborar na análise a função do supereu?

O supereu é, a um só tempo, a lei e a sua destruição. Nisso, ele é a palavra mesma, o comando da lei, na medida em que dela não resta mais do que a raiz. A lei se reduz inteiramente a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o Tu deves, que é uma palavra privada de todos os sentidos. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por

³ FREUD, Sigmund. “O Eu e o Id”. In. *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 66-68. [Tradução modificada]

se identificar ao que chamo figura feroz, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu.⁴

Em que esta galinha pode ajudar a nos localizarmos no complexo campo desenhado por Ana Magnólia em seu livro, e por que é justificado que nós a vejamos entronizada em sua capa?

Se a estória que contei marcou tanto as pessoas, arrisco que é porque ela condensa de maneira impressionante algo que é possível observar cotidianamente e que poderia ser formulado assim: “Eu posso renunciar, com mais frequência do que eu gostaria, ao que é próprio do sujeito: agir em conformidade com meu desejo”.

A evolução do trabalho ao longo do século XX infelizmente coloca em especial evidência esta presença violenta do supereu, bem como seu cortejo de desistências subjetivas. Com efeito, se a história do século passado pareceu oferecer um desmentido à previsão de Marx – segundo a qual o capitalismo estava fadado a desmoronar sob o peso de suas próprias contradições –, é a noção de supereu que nos permite completar a análise marxista, demonstrando por que a rigorosa análise do pai de *O capital* não se realizou nas condições por ele previstas. Com efeito, segundo Marx, a dinâmica capitalista deveria conduzir a uma concentração sempre maior de capital nas mãos de um número sempre menor de indivíduos – exatamente o que aconteceu –, e, em consequência disso, a uma proletarização geral do resto da população, tornando inevitável uma crise generalizada e uma revolução proletária – o que não aconteceu. Se não aconteceu assim, é porque, no interior dos diferentes Estados industrializados, sindicatos e partidos políticos que defendiam as

⁴ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 140.

massas conseguiram criar relações de força que levaram os detentores do capital a ceder uma parte ínfima da mais-valia aos trabalhadores que, vendo sua condição material melhorar, tornaram-se consumidores e, por consequência, viram suas aspirações revolucionárias serem anestesiadas. Esta melhoria das condições materiais, todavia, não implicou num aumento de felicidade. Isto porque, efetivamente, querer reduzir o trabalho a um meio de acumulação de bens materiais –frequentemente perdidos tão logo adquiridos – é se condenar a sofrer (a etimologia latina da palavra trabalho remete à... tortura) sete a oito horas por dia, cinco dias por semana, à espera do momento em que poderá, enfim, desfrutar do que foi ganho. De um lado, a tortura e o embrutecimento; do outro, a fuga e o leve entorpecimento de que Freud falava já em *O mal-estar na civilização*. Marx não se enganou completamente quando previu a deterioração da situação da classe trabalhadora, mas, pensando como economista, e não como psicanalista, ele não cogitou um instante sequer que pudesse ser possível ganhar cada vez mais e ficar cada vez menos satisfeito: a elevação do “nível de vida”, ao capturar o desejo para orientá-lo ao consumo de “bens” sempre mais numerosos, abafou as veleidades revolucionárias sem, contudo, diminuir o *mal-estar na civilização e no capitalismo*.

De fato, poderíamos dizer que a manobra habilidosa do capital consistiu, num primeiro momento, em oferecer objetos ao gozo: objetos para o desejo que, oferecendo a promessa de satisfazê-lo, o sufocam no mesmo movimento. Mais gozos inúteis e menos desejo. Depois, num segundo momento, o trabalhador se viu elevado à dignidade de “colaborador”, o que o levou, em nome do respeito à sua liberdade, a ele mesmo definir as metas a serem atingidas, o que lhe dá a ilusão de ser seu próprio chefe/mestre [*maître*]. A uberização galopante do mundo do trabalho é o ponto avançado deste processo. A ilusão de ser seu próprio patrão

permite ao trabalhador uberizado se tornar seu próprio escravizador. Sacada genial do capital que, dessa forma, dilui e borra a relação de força entre o patrão e os empregados. Marx, de fato, não incorporou a ideia – propriamente inimaginável e incompreensível fora do campo da psicanálise – de que o trabalhador pudesse se conformar tão facilmente com esta injunção de performance e consentir em se tornar seu próprio carrasco.

Como podemos compreender isso?

Vocês já devem ter percebido que é o conceito de supereu – para cuidar do grão, a galinha tem olhos na nuca...⁵ – o que nos permite esclarecer este paradoxo. É ele que nos autoriza a compreender o que leva um sujeito a escolher se engajar no que poderíamos chamar de um *devenir-désistente* [*devenir-désistant*].

A hipótese que eu gostaria de desenvolver rapidamente neste posfácio é a seguinte: a desistência da escolha revolucionária seria a consequência de um movimento de desistência subjetiva, expressão da submissão à injunção “Seja conforme: cale-se e goze!”, que surgiu quando a confirmação da escolha de agir em conformidade com o próprio desejo se tornou impossível.

Trata-se aqui de tentar compreender as coordenadas da posição subjetiva conformista subentendida em toda desistência, e que concerne a todos nós. Pois, como Lacan lembra em seu Seminário sobre a *Ética da psicanálise*, a escolha de uma ética heroica não é sem risco. Partindo daí, esta escolha eminentemente subjetiva – e, portanto, solitária – talvez não seja possível nem para todos, nem em todos os momentos de nossa existência.

⁵ Nota do tradutor: Vives usa a expressão *veille au grain* que, literalmente, se traduz por “cuida do grão”. Em sentido figurado, corresponde a algo como o nosso “ter olhos na nuca”. Perdendo em concisão, tentamos dar conta dos dois sentidos.

Assim, Lacan nos adverte:

o acesso ao desejo necessita ultrapassar não apenas todo temor, mas toda piedade [...] Sabe-se o que custa avançar numa certa direção, e meu Deus, se não se vai, sabe-se por quê. Pode-se até mesmo pressentir que se não se está totalmente esclarecido sobre suas contas com o desejo, é porque não se pôde fazer melhor, pois, não é uma via em que se possa avançar sem nada pagar. [...] para aquele que avança ao extremo de seu desejo, nem tudo são flores.⁶

Em seguida, Lacan acrescenta que, entretanto, o sujeito em desistência não se deixa enganar

quanto ao valor da prudência que se opõe a isso, quando ao valor inteiramente relativo das razões benéficas, dos vínculos, dos interesses patológicos [...] que podem retê-lo nessa via arriscada.⁷

Para dizê-lo de outra forma, a via do desejo não é necessariamente uma estrada de prazeres, e é compreensível que alguém possa hesitar em entrar nela pois, como Lacan recorda, “é mais cômodo sujeitar-se ao interdito do que incorrer na castração”⁸. É este movimento de desistência, que leva a preferir o interdito à castração, que o supereu propõe ao sujeito. Jogo de tapeações pois, como Lacan observa, “o supereu é guloso”. Isto implica que, quanto mais lhe damos, submetendo-nos a suas injunções, mais ele pede.

Isto porque, como Freud observou desde muito cedo, a submissão às demandas imperativas do supereu não conseguem

⁶ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, pp. 377-378.

⁷ *Idem*, p. 378.

⁸ *Idem*, p. 357.

calar sua ferocidade. Podemos observar, inclusive, o contrário: o supereu é ainda mais feroz naqueles que aplicam sobre si mesmos o mais extremo rigor. Como compreender este paradoxo? Na origem, a renúncia às pulsões infantis é a consequência do medo de uma autoridade exterior, encarnada na figura do pai. Porém,

uma grande mudança ocorre [...] quando a autoridade é internalizada pelo estabelecimento do supereu. [...] Neste ponto, desaparece o medo de ser descoberto, e também se desfaz por completo a diferença entre fazer o mal e desejar o mal, pois ante o supereu nada se pode esconder, nem os pensamentos.⁹

Não há nenhuma diferença entre um desejo e sua realização. E, como mesmo reprimido o desejo permanece intacto, quanto mais alguém aceita se submeter ao supereu, mais a intensidade dele aumenta e mais a pessoa se sente culpável. O que faz o supereu dar provas de uma intransigência cada vez maior, uma vez que cada nova renúncia só aumenta sua severidade. Em suma, “quanto mais virtuoso o indivíduo, mais severa e desconfiadamente [o supereu se comporta], de maneira que precisamente os que atingem maior santidade se recriminam da mais triste pecaminosidade”¹⁰. E são eles que se punem mais violentamente.

Como isso se passa no mundo do trabalho? Um exemplo disso poderiam ser os exageros de que dão provas certos assalariados em resposta às exigências de seus superiores quanto ao número de horas de trabalho realizadas: todos continuam

⁹ FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização”. In. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 94-95.

¹⁰ *Idem*, p. 95.

suspeitando não terem feito o bastante. O “virtuoso” alfinetado por Freud, aquele que se conforma com os imperativos do supereu, é chamado, num contexto de trabalho, de “consciencioso”. Seu consentimento e submissão se caracterizam, essencialmente, por duas atitudes: entregar mais do que lhe é demandado e antecipar a demanda. Como vimos anteriormente, com Freud, esta atitude consiste em ceder de seu desejo para obedecer às ferozes injunções do supereu, o que, longe de apaziguá-lo, apenas lhe reforçam as exigências. Todos os que pressionam a consciência profissional aos umbrais do *burnout* ou do suicídio são trabalhadores especialmente engajados no que fazem, trabalhadores que poderíamos chamar de “funcionários modelo”. Submetido a um supereu feroz e obsceno, o trabalhador está acorrentado a seu trabalho e *é gozado por ele* pois, como afirma Lacan, “Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo — Goza!”¹¹.

Eis porque os trabalhadores explorados se revoltam tão pouco. Isto se dá porque, quanto mais aceitam coagir a si mesmos e oferecer seus esforços, mais o supereu lhes exige algo – é a lógica do “Mais! Ainda! De novo!” [*Encore!*] que leva ao *burnout*. O que acontece, também, pois como consumidores, estão alienados à sua suspensão em relação ao objeto de gozo que lhes é tão difícil renunciar¹².

¹¹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 11.

¹² Françoise Denan desenvolveu de maneira admirável estas ideias em sua tese de doutorado: *Souffrance au travail et discours capitaliste. Une lecture lacanienne subversive* [Sofrimento no trabalho e discurso capitalista. Uma leitura lacaniana subversiva], defendida na Universidade Paris 8, sob orientação de Clotilde Leguil, em 11 de janeiro de 2022. Retomei aqui algumas ideias ali presentes e só posso incentivar que o leitor se reporte a ela.

Partindo daí, talvez seja difícil aderir ao otimismo que dá a entender o título proposto por Ana Magnólia: *As galinhas que lutem!* Nós não nos livramos tão facilmente assim do supereu...

O que podemos, então, fazer? Encontramos um elemento de resposta no Seminário 10 de Lacan:

Aí reencontramos meu instrumento do outro dia, o chofar da sinagoga [...] Ele serve de modelo do lugar de nossa angústia, mas, observem, só depois de o desejo do Outro ter assumido a forma de uma ordem. É por isso que pode desempenhar sua função eminente de dar à angústia sua resolução, que se chama perdão ou culpa, mediante a introdução de uma outra ordem.¹³

Lacan propõe aqui uma maneira bem estranha de resolver – e proponho que se compreenda “resolução” também em sua acepção musical, isto é, a forma como alguém pode transformar uma dissonância em consonância – a angústia frente ao supereu: introduzindo uma outra ordem. Ordem contra ordem: eis o que, à primeira vista, poderia parecer surpreendente. Qual poderia ser a essência desta ordem capaz de apaziguar a gulodice superegoica? Só poderia ser uma ordem eminentemente ética capaz de fazer barragem o mau-olhado e a voz que urra silenciosamente desde o supereu. Qual poderia ser a forma desta injunção, senão a de uma proposição cujo objetivo é insistir, ali onde o sujeito preferiria desistir, resistir ou ser assistido? É justamente a insistência e, mais além, a persistência do desejo, o que está em jogo aqui, e que autorizaria a emergência de um “se fazer ouvir”, permitindo ao sujeito encontrar seu lugar no concerto do mundo. “Aqui, meu

¹³ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: A angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005, p. 299.

desejo é minha lei”¹⁴, poderíamos dizer em uníssono com o poeta Théophile de Viau. Frente ao supereu, não há outra resposta possível senão a do desejo. Frente ao supereu que condena o eu à angústia, a um lugar insustentável que só pode levar à exclusão do sujeito de sua própria vida, não há outra saída senão resolver esta angústia numa cadência imperfeita¹⁵ que relança o discurso, permitindo ao sujeito se sentir outra coisa que não um grão de milho à mercê de uma galinha...

Jean-Michel Vives

Professor de Psicopatologia Clínica na Universidade Côte d’Azur

Tradução: William Zeytounlian

¹⁴ VIAU, Théophile de (1590-1626). *Ici mon désir est ma loi*. Paris: Éditions de la différence, 2012.

¹⁵ Falamos de cadência perfeita quando lidamos com uma fórmula harmônica e melódica que tende à conclusão de uma frase. Uma cadência imperfeita não possui essa dimensão conclusiva e visa relançar o discurso musical.

Apêndice

O Trabalho do Sujeito e o Sujeito do Trabalho

A escrita deste texto apresenta a memória de uma trajetória acadêmica ao longo dos anos 1992-2022. Um trajeto indissociável da carreira de pesquisadora, o que exerce, inevitavelmente, forte influência na estruturação deste memorial. Assim, um caminho é escolhido: narrar a trajetória a partir das inquietações e impasses que envolvem o objeto de pesquisa – a relação trabalho, sujeito e adoecimento –, há décadas interrogado e articulado a todas as atividades acadêmicas realizadas ao longo desses anos como ensino e extensão.

Guiada pelo paradigma da divisão de classe social pelos modos de produção capitalista e pensando o trabalho como estruturante psíquico e criador de laços sociais em sua dimensão ontológica, tem início essa carreira, com questionamentos como: Que trabalho é esse que salva e adocece? Como é o trabalho no sistema de produção capitalista? Que sujeitos são produzidos e como se sofre e adocece por este sistema de produção? E como sair das armadilhas que aprisionam o trabalhador? Carreira de muitos caminhos e descaminhos. Passagens por inúmeras ilhas, desertos e trilhas com infinitas tentativas e desistências de encontrar, por meio da pesquisa científica, as possíveis respostas para essas questões.

Essas tentativas têm início ainda como estudante do curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, quando os primeiros impasses emergem da escolha pelo "entre", a interface Psicologia do Trabalho e Clínica realizando simultaneamente o estágio profissional em uma empresa pública na área de Segurança e Saúde do Trabalhador, onde tiveram lugar as primeiras escutas de trabalhadores, no caso,

acidentados, e na Clínica-Escola da UFPE, atendendo adultos na clínica psicanalítica.

Nessa perspectiva, o memorial está organizado em três tempos que representam as diferentes fases do desenvolvimento das pesquisas realizadas. O tempo da *taylorização do sujeito que trabalha*, entre 1992 e 2006; o tempo do *sujeito narcisista sem trabalho: você que lute!*, entre 2007 e 2017; e o tempo da *melancolização do sujeito, e agora?*, entre 2018 e 2022.

Em cada um deles discute-se a articulação entre os modos de reprodução do capital, as questões de pesquisa, as abordagens teórico-metodológicas, os rumos e os produtos acadêmicos que delas resultaram, como publicações, orientações, cooperações nacionais e internacionais, organização de congresso, grupos de pesquisa, revistas, participação em bancas, eventos e outros. Ainda, serão destacadas em cada um deles a realização das atividades de ensino, extensão e gestão.

A escrita sobre esses tempos é realizada no presente e na terceira pessoa, num movimento de vai e vem, do avesso para o verso e do inverso para o reverso. Quem escreve é a pesquisadora do "*après coup*", ou seja, um sujeito, uma trabalhadora em posição subjetiva diferente daquela que o tempo já levou. Não é uma descrição cronológica, embora as fases sejam usadas como critério para organizar as ideias e para fundamentar o sujeito do trabalho e o trabalho do sujeito de cada tempo. É uma escrita que trata da construção de um pensamento; não é apenas um relato de uma trajetória, é a síntese da história de um tempo.

O trabalho de escrita deste memorial é vivo, é um trabalho de reconstrução de um pensamento em movimento. A intenção é mostrar ao leitor quais as questões, dilemas e impasses que mobilizaram a carreira de pesquisadora, sendo a produção e atividades acadêmicas uma consequência desse engajamento.

Assim, a produção não será tratada em detalhes nesse memorial, o lattes tem essa função, sendo apenas destacadas aquelas que representam marcos do movimento do pensar.

Ter contato com essa produção foi uma surpresa. Uma surpresa feliz por ver que não teria escrito e publicado livros, capítulos e artigos se soubesse antes das respostas; e por ver o deslizamento da posição de pesquisadora do sujeito do trabalho para o sujeito que trabalha. Uma surpresa que impôs a impossibilidade de escrever sobre o sujeito e sobre seu trabalhar. A escrita não é suficiente para dar conta da existência, da vida, do Real e dos seus enfrentamentos, a escrita não se completa. Assim, esse memorial é um rascunho de uma experiência inacabada e intensamente vivida.

O tempo da taylorização do sujeito que trabalha

As pesquisas realizadas entre 1992 e 2006 são marcadas pela crítica ao modelo taylorista de organização do trabalho, que se renova em diferentes versões desde o capitalismo industrial, sendo a categoria central de investigação que determina o adoecimento ou a saúde no trabalho nesse período.

Vale caracterizar de forma breve as relações entre as fases de reprodução do capital e os modelos de organização do trabalho, discutindo as suas novas versões e partindo do pressuposto que a lógica do taylorismo é a mesma, agravando-se na fase do capitalismo financeiro. É um modelo que reproduz a racionalidade econômica do trabalho no discurso e práticas de gestão, cada vez mais sofisticadas, com notas de requintes, às vezes invisíveis, de prescrição, controle e avaliação do trabalho nos mais variados contextos.

Na atualidade essa versão se renova apoiada em ideologias do neoliberalismo, criando um cenário determinante dos processos de saúde e adoecimento pelo trabalho, considerando que o

capitalismo não é um sistema econômico apartado das questões sociais e políticas.

Princípios aplicados ao Brasil, sem considerações dos paradoxos constituintes das condições sociais e culturais da história de colonização do país e do seu lugar no mundo como país periférico, têm consequências devastadoras sem precedentes para os direitos e a saúde dos trabalhadores, ainda que o movimento sindical tenha conseguido avanços na garantia a esses direitos, especialmente na década de 80. Movimento que vive o desmonte e o enfraquecimento no final dos anos 90, com a ampliação dos princípios do neoliberalismo, trazendo assim implicações que se desdobram em uma espécie de selvageria nos ambientes de trabalho e, pior, em um aumento crescente da exclusão social pelo desemprego, considerando as condições históricas do Brasil ainda marcado pela pobreza e pela desigualdade de distribuição de renda.

Como se caracteriza esse taylorismo que nunca desapareceu? O taylorismo tem como preocupação original eliminar o desperdício e as perdas sofridas nas indústrias, bem como elevar os níveis de produtividade pela aplicação de métodos e técnicas da engenharia industrial. As técnicas de racionalização têm como objetivo subdividir as atividades mais complexas em atividades mais simples e elementares, com a intenção de padronizá-las.

Os princípios básicos da administração científica são a padronização de métodos e instrumentos, delimitação de tarefas, remuneração e gratificações de acordo com a produção individual e divisão entre planejamento e execução do trabalho. E, ainda, a dissociação do processo de trabalho, separação entre concepção e execução e a utilização do monopólio do conhecimento para controlar cada fase do processo de execução. São atribuídos superpoderes aos gerentes e o papel de controlar rigorosamente a

execução dos trabalhos manuais. Isto resulta em relações hierárquicas rígidas, marcadas pelo controle homem a homem, por meio de métodos de análise dos tempos e movimentos despendidos para execução de cada uma das tarefas.

O modelo taylorista foi amplamente utilizado nos Estados Unidos. Na Europa, sofreu alterações e foi amplificado em determinados aspectos a partir dos estudos de Ford. O fordismo supera o taylorismo, ao meu ver, no seu caráter devastador, assumindo dois princípios relacionados a um novo modo de gestão da força de trabalho e a administração coletiva da linha de montagem.

Agravado com Fayol ao aprimorar a racionalização do trabalho gerencial, o taylorismo vai sendo consolidado e ampliado em modos mais sofisticados de aplicação dos seus princípios. Nessa versão, são propostas uma série de regras administrativas, de competências e de comando para racionalização do trabalho, com o objetivo de propiciar maior satisfação aos trabalhadores e o incremento da produção. É exatamente essa a falácia de integração entre produção e “bem-estar”, que na realidade é um paradoxo que cria uma tensão inconciliável e encontra-se na base dos adoecimentos pela taylorização da subjetividade.

Essa roupagem do taylorismo é sustentada pelas teorias humanistas da Psicologia. Atenção é dada à saúde e qualidade de vida dos trabalhadores por meio de um discurso que se caracteriza pela oportunidade que o trabalhador tem de ampliar suas tarefas, planejar e estabelecer critérios de controle de qualidade e gestão de suas atividades. É um período de graves prejuízos à saúde dos trabalhadores, em consequência de prolongadas jornadas de trabalho, ritmo acelerado da produção e, sobretudo, fadiga física. A polivalência acentua ainda mais a divisão entre concepção e execução, torna o trabalhador cada vez mais especializado, fragmentado e isolado.

Os processos de avaliação são cada vez mais individuais e com exigência de trabalho em grupo. Ambivalências vão fazendo parte da organização do trabalho, assim como a competição alimentada na meritocracia tão própria da ideologia neoliberal. A injunção “fazer mais em pouco tempo e com qualidade – total – vai sendo a regra dos modelos de gestão, levando à neutralização da atividade mental dos trabalhadores, à aceleração e à culpabilização.

Considerando esse contexto, são realizadas as pesquisas entre 1992 e 2006, usando como abordagem teórica a psicopatologia do trabalho. Antes de prosseguir, vale um curto registro do breve percurso anterior a 1992, quando do ingresso no mestrado. Imediatamente após a conclusão da graduação, tanto como psicóloga em organizações quanto como professora em universidade privada, a atuação foi focada no campo da saúde do trabalhador e na preparação para o ingresso na carreira acadêmica, que se realiza em 1990 quando da aprovação como professora auxiliar na Universidade Federal de Pernambuco e continua em 1995 como professora adjunta na Universidade de Brasília.

Na Universidade Federal de Pernambuco me dediquei ao estudo da problemática saúde mental e trabalho, criando grupo de pesquisa com estudantes de graduação em Psicologia e ministrando a disciplina Saúde do trabalhador. O primeiro projeto de pesquisa é o de mestrado realizado na Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, concluído em 1994, com afastamento e bolsa da CAPES. Imediatamente após, em 1995 tem início o doutorado, concomitante com o trabalho como professora na UnB, sendo afastada para sanduíche na Inglaterra em 1998 também com bolsa da CAPES e concluído em 1999.

Na busca de referenciais, ainda enquanto professora na UFPE, um encontro casual (livraria 7 de setembro em Recife no ano de 1986) com a obra *A loucura do trabalho: estudos de*

psicopatologia do trabalho, do médico psiquiatra e psicanalista francês Christophe Dejours, se mostra potente para pensar a questão do adoecimento pelo trabalho. Para o autor, a base para as patologias está no fracasso das estratégias defensivas frente ao sofrimento causado pelos constrangimentos da organização do trabalho. Nesse caminho, tem início a carreira de pesquisadora com a realização da primeira pesquisa no mestrado entre 1992 e 1994 no Instituto de Psicologia na linha de psicopatologia do trabalho, única ofertada na época no Brasil.

No mestrado abrem-se caminhos para conhecer, no original, as publicações do autor que em 1992 cria a Psicodinâmica do Trabalho, uma abordagem própria inspirada na articulação entre Psicanálise, Sociologia do trabalho e Ergonomia, propondo um deslocamento da psicopatologia ao atribuir a saúde mental a uma normalidade saudável, ampliando as categorias dos estudos iniciais e incluindo o estudo do prazer articulado ao sofrimento e o conceito de mobilização subjetiva, os quais serão tratados mais adiante.

Esses escritos são usados no mestrado, sendo a dissertação defendida em 1994 a primeira do Brasil nessa abordagem. A partir daí, o referencial foi sendo articulado com estudos da Psicologia social, do trabalho e das organizações, criando um percurso singular e consolidado quando da defesa da tese de doutorado em 1999. A partir de 2000 uma profusão de estudos são realizados e é criada a linha de pesquisa Cultura, Trabalho e Saúde, na qual atuei com meu querido orientador: o professor Álvaro Tamayo. Muitos desafios epistemológicos nasceram desse diálogo, que se finaliza após a realização do pós-doutorado com Dejours e a criação, em 2007, do LPCT: Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho na Universidade de Brasília, do qual fui coordenadora por dez anos.

Na tese de doutorado, para permitir o diálogo com a Psicologia social e organizacional, as vivências de prazer e sofrimento foram operacionalizadas para a construção da Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). Essa escala foi sendo aprimorada, dando origem a uma outra escala validada em 2003, o ITRA- Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento, amplamente usado nos estudos sobre saúde no trabalho na Psicologia e outras áreas como Enfermagem, Nutrição e Administração. Em 2013, já em outra fase das pesquisas, essas escalas foram consolidadas no PROART: Protocolo de Avaliação dos Riscos Psicossociais Relacionados ao Trabalho, tese de doutorado e livro do professor Emílio Peres Facas (atualmente coordenador do LPCT e chefe do Departamento de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da UnB).

Para além dessas escalas, a linha de pesquisa desenvolve majoritariamente estudos qualitativos, sendo esta a marca do percurso nessa fase. São utilizadas entrevistas abertas individuais e sessões coletivas para escuta dos trabalhadores. As sessões coletivas ocorrem entre 04 e 06 encontros com o mesmo grupo de trabalhadores pesquisados e para análise é criada a técnica do Núcleo de Análise do Sentidos (ANS), publicada em 2007. Essa técnica é aprimorada com a criação da ACT- Análise Clínica do Trabalho, publicada em 2012.

Em uma tentativa de demonstrar empiricamente como os modos de reprodução do capital exercem uma poderosa influência sobre os modelos de organização do trabalho, o prazer-sofrimento e a saúde dos trabalhadores, diversos estudos foram realizados com algumas categorias ocupacionais como engenheiros, professores, gestores, servidores públicos, operários da construção civil, bancários, comerciários, digitadores, carteiros, atendentes, líderes religiosos, entre outros.

Estudos esses que permitem a sistematização de três princípios que caracterizam a linha de pesquisa nesse período: (1) O trabalho é, ao mesmo tempo, fonte de prazer e de sofrimento, implicando uma contradição que é guiada por um movimento de luta do trabalhador para busca constante de prazer e evitação do sofrimento, com a finalidade de manter sua integridade física e sociopsíquica; (2) Essa dinâmica é responsável pelo processo de subjetivação e adoecimento, significando que não é a simples existência do prazer ou do sofrimento o definidor da saúde, mas o uso bem-sucedido das estratégias de mediação utilizadas pelos trabalhadores e construídas com base nas oportunidades oferecidas pela organização do trabalho para suportar e/ou ressignificar o sofrimento e transformá-lo em prazer; (3) O encontro com o prazer no trabalho se dá de forma direta ou pela transformação do sofrimento e requer condições específicas nos modos de organização do trabalho que, se adequadamente operacionalizados, podem ser facilitadores do uso bem sucedido das mediações. Tais condições são espaço de fala e cooperação. O espaço da fala permite a negociação com os gestores da organização do trabalho e é o investimento na construção do coletivo que expressa competências singulares para responder às exigências das tarefas.

A aplicabilidade de tais princípios é inseparável das novas versões do paradigma taylorista, que segue restringindo a margem de liberdade dos trabalhadores e uniformizando seus modos de fazer o trabalho com base em princípios dominantes. Como resultados desses estudos, identifica-se que a taylorização do sujeito, que não se encontra apenas nas indústrias mas se estende aos diversos setores produtivos e inclusive à universidade, demonstrando como torna o sujeito – um sujeito do trabalho – assujeitado à lógica prescrita da organização do trabalho, no caso, produtivista. E por mais que a teoria da Psicodinâmica estude a possível transformação da organização do trabalho pelo espaço de

discussão e de fala sobre o sofrimento, pelo reconhecimento simbólico e pelo coletivo de trabalho, ainda se mostra insuficiente para dar conta da questão central dessa fase das pesquisas, tendo em vista as configurações cada vez mais sofisticadas do taylorismo de um lado e, de outro, a fragilização do movimento dos trabalhadores nos anos 90 e dos laços sociais submetidos às regras da reestruturação produtiva onde o consumo e a acumulação são um passo para inclusão social.

A cada pesquisa realizada vai se tornando mais claro que a organização do trabalho é inseparável das novas versões do paradigma taylorista, fazendo surgir uma questão importante para os rumos da linha de pesquisa: quais as possibilidades de que o trabalhador exerça mudanças na organização do trabalho? O uso da teoria da Psicodinâmica em dezenas de estudos empíricos vai aos poucos apontando os limites conceituais em relação aos contextos nos quais são aplicados.

A organização do trabalho não existe apartada da lógica do sistema de produção capitalista, e agora? Mesmo que a maioria dos estudos na Psicodinâmica dêem ênfase às forças dominantes e de resistências que podem ser empregadas para aprisionar e/ou emancipar o sujeito-trabalhador, a emancipação é um conceito problemático quando não é esclarecida a sua relação indissociável do conceito de alienação em Marx.

Esses deslizes conceituais, os equívocos parte do trabalho de pesquisa, os limites do campo e a posição sociopolítica dos pesquisadores contribuem para colocar em xeque a proposta da Psicodinâmica de ser uma abordagem crítica em relação ao taylorismo e aos campos de saber funcionalistas. Focar no taylorismo como a causa dos processos saúde-adoecimento teve sua importância, de um lado, para demonstrar em evidências empíricas essa relação mas, de outro, há um risco de transformar as pesquisas e os próprios pesquisadores em sujeitos taylorizados.

Assim, ainda que a própria produção decorrente destes estudos guarde semelhanças com a taylorização, dada sua articulação com o modelo produtivista da Universidade e com a força do discurso neoliberal, existe um valor histórico nela por dar visibilidade às diversas categorias profissionais invisibilizadas nos estudos hegemônicos da Psicologia. Também um valor por fazer um alerta sobre o que é o trabalho intelectual (que não é sinônimo do cientificismo), uma tentativa inacabada de sistematizar um pensar, que talvez não seja possível sistematizar. Essa impossibilidade faz seguir na estrada das ilusões de que a Psicodinâmica do Trabalho, como supostamente uma abordagem crítica, teria respostas a dar.

O tempo do sujeito narcisista sem trabalho: você que lute!

Esse momento é marcado pelo contexto que imprime a racionalidade do trabalho como única saída para a “guerra econômica”. As primeiras noções de liberdade de mercado começam a tomar força com os processos de reestruturação produtiva, e o capitalismo, aos poucos, vai se tornando “total”. E de quem é a responsabilidade pela saúde do trabalhador? Ele que lute! O agravamento da desproteção, da perda dos direitos trabalhistas e do desmonte do movimento sindical caracterizam esta fase.

Os métodos de gestão assumem ares de sofisticação e perversidade, reduzindo cada vez mais o direito do trabalhador de ser o “neurótico infeliz”, como dizia Freud que somos todos, produzindo o deslize para posições subjetivas perversas e até psicóticas como a paranóia e a mania. A usurpação do sujeito da hesitação, da dúvida, do não saber dá lugar ao sujeito narcisista, que não estabelece laço social e que vive laços simbióticos com as organizações, vínculo de identificação projetiva, em função de novas configurações organizacionais que não só continuam

explorando o trabalhador como também passam a demandar uma produção excessiva, o produtivismo ao extremo e uma obediência à ideologia do pensamento único, que reproduz na organização do trabalho e no modelo de gestão os princípios do taylorismo mais invisíveis e sutis. É a era da sobrecarga, da servidão voluntária, da violência e do assédio moral.

A ameaça, o medo e a culpabilização do trabalhador são cada vez mais legitimados pelos modelos gerencialistas. Práticas que se articulam com a ideologia da excelência, a lógica da dominação e da competitividade e onde prevalece a sujeição no lugar da resistência. A sobrevivência, a segurança e o poder, como dimensões da condição humana, influenciam fortemente essa sujeição.

A lógica do "custe o que custar" toma conta dos modelos de gestão praticados nas empresas privadas e públicas. O processo de produção taylorista veste a roupa da flexibilidade. A ênfase é na otimização global, produção integrada, relação de diversificação e integração entre produtos e usuários, alta qualidade e baixo custo com a produção e versatilidade da produção, coordenação horizontal, cooperação entre empresas, pouca divisão de tarefas, treinamento e competitividade.

Assim, uma falácia ainda mais invisível se inicia, com a articulação entre o modelo sócio-técnico de organização do trabalho, o neoliberalismo e o gerencialismo. É a mortificação do trabalho vivo não mais pela automação do corpo, mas pela automação do pensamento e, sobretudo, do sujeito político. O trabalho como um espaço de produção de saberes transforma-se em espaço da repetição valorizado pelos modelos de gestão pautados na qualidade total. Um trabalho onde não é permitido falhar, fracassar, errar; a perfeição é imperativa. É encenado um mundo sem contradições, puro e paradisíaco, com seres inumanos apartados do pensar, do afeto, do desejo. Funcionamento

extremamente útil para fomentar a patologia da indiferença cada vez mais banalizada.

Aos poucos essa ideologia vai se transformando no assédio organizacional como instrumento de gestão, forte característica dos anos 2000 no Brasil. Nesse cenário é consumada a devoração do sujeito, a vampirização da alma do trabalhador; é através dos modelos de gestão que se concretiza a expulsão do sujeito da cena do trabalho. Assim, o taylorismo vai assumindo outras feições e o sujeito do trabalho, antes taylorizado, vai sendo forjado para assumir o lugar do sujeito narcisista, o sujeito liberal que tudo-pode e tudo-faz, considerando que a lógica do empoderamento é lei no capitalismo articulado ao neoliberalismo. Dá-se início, ou continuidade, à robotização do trabalhador.

Essas desmesuras têm-se apresentado na cena do trabalho quando da banalização da indiferença: a indiferença do outro em relação a mim e a minha em relação ao outro, o que se torna, por conseguinte, um modo funcional de exterminar dos ambientes de trabalho a angústia, essencial à vida humana, e o sofrimento como um dos seus possíveis destinos – uma patologia da indiferença.

Ao serem banalizadas, as desmesuras forjam o cenário das "boas práticas" que regem os modelos de gestão. As ações organizacionais são praticadas em nome de uma lei regida pela lógica do consumismo e pouco pela ética. Acontece uma espécie de colonização do trabalhador e do seu sofrimento como *pathos*, tendo como conseqüências condutas artificiais nas relações de trabalho.

Esses modelos de gestão são sustentados por um discurso ultraliberal estruturado na ideia do absoluto e da plenitude. É um discurso paradoxal, ambivalente e distante das práticas. Cria um duplo vínculo do trabalhador com seu trabalho ao veicular promessas de sucesso, segurança e proteção. É central para o

funcionamento desses modelos o *excesso*, seja de controle, de normatização, de disciplina ou de outros elementos que permitam a "eficácia" da gestão. É um modelo que predominantemente caracteriza-se pelo culto ao individualismo-normativo, com altos e sofisticados dispositivos de comando, tecnicismo na condução dos processos de trabalho e pessoas e o estabelecimento de metas desconectadas da realidade de trabalho, com prescrições idealizadas de excelência.

Legítima uma lógica que se caracteriza pela demanda de quantificação, medição e avaliação de tudo que diz respeito ao trabalho. Pauta-se na fragmentação das tarefas e padronização dos processos e foca no resultado quantificado do trabalho – e não na qualidade do trabalho. Destitui o protagonismo do trabalho na constituição do sujeito, transformando-o em objeto de consumo e o trabalhador em objeto a ser consumido, criando assim a rede de consumismos.

Nasce aí o sujeito narcisista sem trabalho. Sem criar, sem elaborar, sem pensar, sem sentir, sem sangue, sem vida. Início da robotização, que se articula na indústria ponto zero da robótica e dos estudos sobre a inteligência artificial. Desse sujeito lhe é expropriada a angústia, percurso indissociável do caminho dos humanos. É um sujeito do trabalho impedido de trabalhar na sua dimensão ontológica.

E o que a Psicodinâmica tem a dizer diante desse contexto? Corre um alto risco de se tornar uma abordagem funcionalista ao fazer uma crítica aos modelos tayloristas como antecedentes do sofrimento e adoecimento do trabalhador e de alguma maneira defender as transformações na organização do trabalho, que seriam possíveis para os modelos sócio-técnicos originados no Japão e na Suécia conhecidos como toyotismo e volvismo, usados pela Ergonomia e Psicologia do trabalho.

Ainda que reconhecendo esse risco, seguimos por 10 anos com a tentativa de consolidar e, ao mesmo tempo, de fazer a crítica à Psicodinâmica do Trabalho. Vale destacar que nessa década a Psicodinâmica do Trabalho (PDT, sigla que começa a ser usada nesse período) se expande significativamente no Brasil, particularmente após 2007, quando foi criado na Universidade de Brasília o primeiro Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho – LPCT-UnB.

À medida que os estudos foram sendo realizados, mais consistente a abordagem foi se tornando no Brasil e se afastando do seu criador, sendo construído um percurso próprio, uma história singular no LPCT. Um momento político importante para fazer frente ao domínio de um campo de saber que surgia na Psicologia: a Psicologia Positiva.

Nesse contexto, a linha de pesquisa é claramente definida e passa a integrar as linhas do PPG-PSTO: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho da UnB, criado em 2007. Assim ela é descrita: "investigar a organização do trabalho e modos de gestão: prazer no trabalho; mobilização subjetiva e suas dimensões: inteligência prática, espaço de discussão, coletivo de trabalho, identidade e reconhecimento; sofrimento criativo, ético e patogênico; modos de (re)significação do sofrimento e as estratégias de defesas; psicopatologias do trabalho como sobrecarga, estresse e trauma, normopatia e sociopatia, compulsões, violência, assédio moral e suicídio. A coleta de dados é realizada por meio do PROART, entrevistas individuais e coletivas, sessões de clínica do trabalho, análise documental e filmagem. Para análise de dados são usados a análise de conteúdo, análise dos núcleos dos sentidos e análise clínica do trabalho".

Com base nessa descrição as pesquisas são realizadas no LPCT ao longo de 10 anos. Momento de grande profusão da

abordagem pelo Brasil afora, o que produz contribuições relevantes mas também equívocos dos mais variados quanto ao uso da teoria e do método. Nesse tempo, nos estudos do LPCT o prazer-sofrimento não é mais investigado como na primeira fase, que buscou sistematizar o conceito e os indicadores dessas vivências em diferentes atividades profissionais porém articuladas às categorias conceituais das estratégias defensivas, mobilização subjetiva e patologias do trabalho.

As estratégias defensivas definidas como regras de condutas construídas e conduzidas por homens e mulheres, que variam de acordo com as situações de trabalho, vão sendo marcadas pela sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade, fazendo com que os trabalhadores suportem o sofrimento sem adoecer. Isso pode funcionar, a depender da posição sociopolítica do pesquisador, como redução de danos e colocar, do ponto de vista conceitual, a Psicodinâmica em risco de se tornar uma abordagem adaptacionista.

A mobilização subjetiva é central nos estudos, definida como processo por meio do qual o trabalhador se engaja no trabalho, lança mão de sua subjetividade, da sua inteligência prática e do coletivo de trabalho para transformar as situações causadoras de sofrimento. A mobilização subjetiva viabiliza a dinâmica do reconhecimento, que é definida como uma retribuição simbólica dada ao sujeito como compensação por sua contribuição aos processos da organização do trabalho, pelo engajamento da subjetividade e da inteligência.

Essa dinâmica é viabilizada pelo coletivo de trabalho construído pelos trabalhadores. Seus elementos constitutivos são solidariedade, confiança e cooperação, e pressupõe a existência de um espaço público de fala e da promessa de equidade quanto ao julgamento do outro. Surge então a dinâmica do reconhecimento, conceito central para a Psicodinâmica do Trabalho.

Com esse foco, os estudos começam a demonstrar que a mobilização subjetiva não opera na maioria das atividades profissionais. Assim, os rumos da pesquisa vão aos poucos se desencontrando com a Psicodinâmica do Trabalho dejouriana, especialmente em consideração ao agravamento da saúde dos trabalhadores frente às novas configurações dos modelos de organização do trabalho da qualidade, vinculados a um capitalismo total. Ou seja, o pressuposto de que o trabalhador, por meio das estratégias de defesa coletiva e pela mobilização subjetiva, seria capaz de frear o adoecimento e se manter na normalidade saudável começa a colocar a própria teoria em cheque.

Assim, seja pelos poderes atribuídos ao psiquismo ou pela recusa do poder do capital sobre a organização do trabalho, a intersubjetividade proposta pela teoria no modo como estava definido e a partir de estudos empíricos não é mais suficiente para explicar teoricamente os modos de adoecimento. O sujeito narcisista forjado pelo neoliberalismo tem pouca condição para fazer laço social, os quais seriam fundamentais para o coletivo.

Esses desdobramentos nos colocaram diante da questão, que nunca saiu de cena, de como o trabalhador mantém sua saúde frente às novas versões do taylorismo, considerando que o trabalhador é enfraquecido pela precarização e perversão da organização do trabalho, pelo desemprego estrutural e pela necessidade de sobrevivência. Exemplos são os trabalhadores terceirizados, dos contratos temporários, trabalhadores uberizados, informais, excluídos de um modo geral. A desestruturação dos coletivos, alimentada pela cultura da excelência e do narcisismo e pregada por aqueles que compartilham os princípios da flexibilização da produção, vulnerabiliza o trabalhador, que, em nome das promessas de sucesso e de reconhecimento, articuladas à vivência de solidão e desamparo, torna-se mais facilmente capturado pelo sistema de produção.

Essas questões produzem consequências para a abordagem conceitual e metodológica da Psicodinâmica do Trabalho, as quais nem sempre foram aceitas e consideradas pelos pesquisadores de fora do LPCT. Assim, em 2010 em um congresso internacional é apresentada uma discussão sobre os paradoxos da noção de sujeito e de trabalho na Psicanálise e na Ergonomia. Ao final da conferência é afirmado que a Psicodinâmica, mesmo criada nas bases da Psicanálise freudiana, estava carente de Psicanálise, da crítica social e que sua filiação à Ergonomia impedia sua suposição como uma teoria crítica. A questão na radicalidade trata de buscar um outro caminho epistemológico para dar conta da questão do sujeito, trabalho e adoecimento. Nesse ano, o vínculo do LPCT com a teoria da Psicodinâmica dejouriana é rompido.

A partir dessa ruptura, os estudos no LPCT seguem por vários caminhos até 2018, testando, criticando, adaptando e propondo novas articulações para a teoria e o método na PDT. São estudadas as mais diversas categorias profissionais como bancários, professores, profissionais de saúde, servidores públicos, gestores, metroviários, artistas, jornalistas, taquígrafos, dentistas, pilotos, profissionais da segurança pública, catadores de material de reciclagem, cuidadores sociais, desempregados, entre outros.

A crítica abre um outro caminho na direção dos estudos das psicopatologias. São estudadas as patologias como a violência e assédio moral, a sobrecarga, a servidão voluntária, a hiperaceleração, os distúrbios osteomusculares, a depressão, a alcoolização e o suicídio, repercutindo uma inversão de paradigma, que passa a ter como ponto de partida o adoecimento para o entendimento da relação sujeito e trabalho.

Essa mudança impulsiona um investimento maior no método da clínica do trabalho, não mais apenas como método de pesquisa tal qual estudado por Dejours, mas como um método de tratamento dos trabalhadores adoecidos. Assim, a clínica do

trabalho assume posição central nos estudos do LPCT como capaz de dar conta, de um lado, do estudo da saúde quando usada na pesquisa com categorias profissionais não adoecidas na perspectiva preventiva ao fazer a escuta do sofrimento articulado à organização do trabalho e, de outro, do estudo das patologias do trabalho pela escuta dos trabalhadores adoecidos e do tratamento.

Essa fase de dedicação à clínica do trabalho foi intensa, repleta de questões e mudanças nos modos de pensar a pesquisa. Foi muito influenciada pelo projeto de pesquisa "Desafios das Novas Práticas Clínicas no Campo Social", realizado em parceria com a Universidade de Louvain-la-Neuve, por meio de uma cooperação internacional fomentada pela CAPES entre 2010 e 2013. O projeto tem como eixo central o debate dos desafios de novas práticas clínicas no campo social. Tem por objetivo constituir uma rede de investigação e de trocas acadêmicas para formação e qualificação de pesquisadores e responder, de modo coletivo e consolidado, as perguntas específicas que cada um vem fazendo sobre suas práticas clínicas. Colocam-se como problema central a possibilidade de associar as práticas clínicas a uma perspectiva crítica, bem como desvelar os dispositivos necessários para entender as queixas que não se manifestam no setting típico de um consultório, mas sim em condições institucionais que podem ser favoráveis ou não a tais práticas.

Os pesquisadores envolvidos no intercâmbio partem do pressuposto que a clínica do trabalho carece de uma epistemologia particular – a das ciências humanas clínicas – e necessita responder a questões singulares no que diz respeito às condições de aplicação dessas clínicas, ou seja, como se institui e quais marcos teóricos a referenciam; aos efeitos que produz, tais como não contribuir para medicalização dos problemas sociais; e quais suas chances de provocar mudança individual e social.

Nessa perspectiva e com base nas quase centenas de estudos do LPCT, tem início uma crítica aos conceitos da PDT, passando a ser pensada como uma teoria de redução de danos à saúde. Redução por permitir que os coletivos reorganizem os sistemas defensivos e, para aqueles que ainda não adoeceram ou as defesas não se transformaram em ideologias, tenham na mobilização subjetiva uma possibilidade de melhorar a organização do trabalho para suportar (aí o risco de ser uma abordagem adaptacionista) o sofrimento por conseguir ter prazer no trabalho. O que é ainda mais problemático se mal utilizado politicamente, podendo sustentar os estudos da felicidade que tanto se articulam aos modelos do neoliberalismo.

Em 2012 algumas dessas críticas são publicadas e novas possibilidades teóricas e metodológicas são propostas no livro *A clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação*. A partir desse ano, os estudos passam a utilizar, com poucas exceções, a clínica do trabalho como método de pesquisa. Para esse método um dos princípios é a qualificação teórico-metodológica que articule as teorias do sujeito e do social a uma condução centrada na escuta do outro. O processo fala-escuta implica condições que vão além do dizer-ouvir.

Em 2014 esse método é estruturado propondo uma nova organização dos dispositivos para a condução da clínica: a análise da demanda, a interpretação, a construção de laços, a elaboração-perlaboração, a formação clínica e a supervisão. Nessa reorganização, é privilegiada uma escuta psicanalítica, associada aos pressupostos teóricos dos estudos freudianos sobre a técnica psicanalítica, uma função mais ampla para a formação do clínico e a supervisão. Passa então a ser estruturado em três eixos: os dispositivos para escuta psicanalítica, a formação do clínico e a supervisão clínica.

Essa mudança implica em realizar uma clínica do trabalho individual e não mais coletiva. Assim, delimita-se o uso da clínica do trabalho na modalidade coletiva para pesquisa e individual para o tratamento clínico. Nessa direção os estudos avançam e se confirma que a teoria da Psicodinâmica do Trabalho não dá mais conta de explicar o adoecimento pelo trabalho diante das novas formas de reprodução do capital ao ser instaurada a clínica psicanalítica como método de escuta para coleta de dados de pesquisa e para o tratamento, exigindo inevitavelmente, um retorno à teoria psicanalítica.

Tem, assim, início um percurso nos estudos da Psicanálise por meio da realização de um projeto de pós-doutorado. Após muitas buscas, o estágio é realizado com a professora Paola Mieli da School of Visual Arts - SVA em Nova York em 2014. Com fomento do CNPq, o estágio tem duração de seis meses com o projeto "Escuta Clínica do Sofrimento no Trabalho". É realizado na parceria entre a SVA e a *Après-Coup Psychoanalytic Association* (<http://www.aprescoup.org/>) e contribui para responder a questões singulares no que diz respeito às condições de aplicação da clínica do trabalho.

Essas respostas começam a ser encontradas na época da realização do seminário "Savoir-faire and frame of the cure". O conceito de cura parte da trajetória da Psicanálise ao se relacionar com o fim da análise, o contato com a obra de Lacan. São realizados nesse momento diversos estudos na tentativa de encontrar a chave que permitisse a articulação entre o psíquico e social latente ao objeto de estudo sujeito, trabalho e adoecimento há tempos presente na carreira de pesquisadora.

Nessa perspectiva, o estágio é um passo importante para criar o Projeto de Pesquisa *Práticas em Clínicas do Trabalho no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos/CAEP-UnB*, aprovado no ano

de 2015 pelo Comitê de Ética, registro CAAE: 49245615.9.0000.5, tendo como instituição proponente a Fundação Universidade de Brasília.

Com esse projeto, a pesquisa se desvincula completamente dos contextos organizacionais, focando-se na atividade profissional, com compromisso direto com o trabalhador. Essa opção justifica-se tanto na demanda dos trabalhadores que adoecem cada vez mais, e de modo grave, quanto para criar um espaço de coleta de dados livre, na medida do possível, das armadilhas do capital presentes nos contextos de trabalho. Ainda opera como espaço para escuta dos excluídos do trabalho, como os desempregados e os trabalhadores informais, ou por exemplo, domésticos.

Aos poucos, o tratamento passa a ser objeto de investigação. Emergem questões relacionadas à cura, à medicalização, ao estresse pós-traumático, aos transtornos como as fobias e a síndrome do pânico e as ideias suicidas. Que dispositivos seriam potentes para dar conta da cura? Estudos mais aprofundados foram realizados sobre a transferência e a interpretação. Cada vez mais se aproxima de uma teoria do sujeito para explicar como o sujeito adoece e como pode ser curado.

Com essas marcações, o projeto de pesquisa Práticas em clínica do trabalho assume feições também de extensão. Justifica-se essa característica por ser um projeto social que aplica um conhecimento acadêmico a serviço da comunidade, pelo alcance do método de escuta psicanalítica em relação ao tratamento dos trabalhadores adoecidos e por funcionar com estudantes da graduação matriculados na disciplina Estágio Supervisionado Psicólogo, contribuindo com a formação profissional.

Isto posto, o projeto tem por objetivo estudar os dispositivos de escuta psicanalítica, o trabalho do clínico e a supervisão para o tratamento e cura do adoecimento pelo trabalho.

Os dados são coletados com trabalhadores com ou sem trabalho, com queixas de sofrimento e/ou adoecimento. burnout, estresse, Ler/Dort, depressão, assédio moral, acidente de trabalho, em readaptação funcional e outros tipos de conflitos, adoecimentos e patologias. Os dados são analisados pelo método de caso clínico, sendo registrados nos memoriais das sessões, diário do clínico e diário da supervisão.

Os atendimentos são supervisionados semanalmente pelo pesquisador responsável do Projeto com o objetivo de desvelar a transferência e atuar sobre sua potência, estabelecida entre os clínicos, sujeitos atendidos e o próprio supervisor. Os dispositivos clínicos como análise da demanda, transferência e interpretação são tratados ao longo dos encontros com os clínicos, bem como são peças fundamentais para o desenrolar do atendimento e da formação do clínico do trabalho.

Nesse projeto foram atendidos entre os anos de 2015 e 2019 um total de 44 trabalhadores. O perfil médio dos trabalhadores é caracterizado por ser feminino (70%), estar casado ou em união estável (40%), com idade entre 41 e 50 anos (32,5%) e com ensino superior completo (42,5%). Quando se trata de "filhos", 60% não informou se tinha ou não, mas 32,5% disseram que sim e 7,5% que não. Vale ressaltar que poucos são aqueles que possuíam apenas ensino médio (10%) ou ensino superior incompleto (7,5%), configurando a população atendida pelo projeto como altamente escolarizada.

A maioria deles está empregada no setor público (65%), em modalidade presencial (87,5%) e, enquanto estavam sendo atendidos, continuavam trabalhando (57,5%), apenas 22,5% estavam afastados por licença. Dos atendidos, 30% estavam em acompanhamento psicológico e 25% em acompanhamento psiquiátrico.

Das análises qualitativas destacam-se algumas narrativas desses trabalhadores atendidos sobre a causa do seu adoecimento para exemplificar possíveis respostas às questões de pesquisa pensadas desde os anos 90: que trabalho é esse que salva e adocece? Como é o trabalho no sistema de produção capitalista? Que sujeitos são produzidos e como se sofre e adocece por este sistema de produção? E como sair das armadilhas que aprisionam o trabalhador?

Alguns extratos das narrativas: "...Relações de trabalho interesseiras e de competição. Mercado de trabalho e crise financeira como fatores estruturais que impactam na permanência e na possibilidade desses modos de gestão se proliferarem e encontrarem espaço. Retrabalho. Desvalorização de seu trabalho por parte da chefia e uma chefia que pega os créditos para si. Injustiças. Chefes manipuladores, duas caras. Chefes narcisistas. Desrespeito às férias, licenças e atestados médicos dos trabalhadores. Exposição excessiva e desnecessária dos trabalhadores. Alta demanda e cobrança, necessidade de muitos resultados e muito trabalho, para pouco reconhecimento. Chefe autoritária e relacionamento fragilizado entre os colegas. Colegas individualistas. Falta de organização laboral. Individualismo estimulado. Falta de suporte organizacional, falta de mobilização da equipe, falta de materiais básicos. Falta de uma rede de colaboração entre os colegas. Trabalhadores que são tiranos e violentos com os outros trabalhadores, manipulação e assédio moral. Competição entre os trabalhadores (guerra velada). Reforma da previdência como fator estruturante que fragiliza e complica as relações laborais, a aposentadoria e o bem-estar dos trabalhadores. Metas acima das condições dos trabalhadores. Represálias e retaliações contra aqueles que se posicionam contrários, que não seguem o ritmo. Perseguição contra aqueles que enfrentam seus chefes e não são o que eles dizem que são, ou

quando os contradizem. Instabilidade estrutural como fator utilizado em manipulações e como fator importante na permanência e na paralização dos sujeitos. Ameaças de morte, assédio moral e sexual. Piadas e deboches, bullying contra os trabalhadores por parte de chefias e colegas. Dupla jornada de trabalho por parte das mulheres. Sistema rígido. Machismo, homofobia e gordofobia por parte dos colegas e chefias. Não comunicação de alteração na carga horária, implantação de novo sistema, não convocação para participação em reuniões. Imperativo da obediência. Imperativo de ser máquina: 'Você não pode esquecer nada', 'Você é obrigada a saber de tudo'. Perseguição aos trabalhadores que adoecem, estigma de trabalhador problema, anormal, louco. Não pagamento correto do salário. Trabalho real distinto do prescrito. Alto estresse e sobrecarga. 'Eles criavam as regras para que eu as fizesse cumprir e não as obedeciam, depois me cobravam pelo não cumprimento das regras'. Falta de autonomia e monitoramento da produtividade. Sistema de monitoramento da produtividade..." Esses dados suscitam novas questões teóricas e metodológicas.

Outro pós-doutorado é realizado em 2017 para dar continuidade e aprofundar os estudos da teoria lacaniana e suas possíveis articulações com o adoecimento pelo trabalho. O projeto Sofrimento, Psicopatologias e Adoecimento: Práticas em Clínica do Trabalho, fomentado pela FAPDF é desenvolvido na Universidade Côte d'Azur com o professor Jean-Michel Vivès, considerando a sua linha de pesquisa Psicopatologia Clínica e seu percurso na clínica lacaniana. Esse encontro é um marco na carreira de pesquisadora, o primeiro passo para criação de uma nova linha de pesquisa em 2018.

O tempo do sujeito melancólico, e agora?

Esses intensos 10 anos de trabalho de pesquisa, de criação, de rompimentos, de perdas e lutos e de encontros inesperados são a base para organizar uma nova linha de pesquisa, inaugurada com a publicação do livro *Desejar, Falar, Trabalhar* em 2018 e a criação do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social e do grupo de pesquisa no diretório do CNPq Psicanálise e Trabalho em 2019.

Os estudos dessa nova linha se inserem em dois projetos de pesquisa que se encontram em andamento. (1) *Psicopatologia Clínica do Trabalho*, fomentado pela bolsa PQ 1C, utiliza como referencial teórico a Psicanálise e a Crítica Social e tem como eixo principal o modelo de psicopatologia clínica do trabalho proposto por Mendes (2018), que busca analisar nas relações de trabalho o circuito da pulsão invocante como estudado por Lacan. Assim, estuda a voz proferida nos diferentes chamados ao sujeito veiculada pelo discurso capitalista colonial. Articula os conceitos de pulsão, gozo, desejo e sublimação com o trabalho humano. A pesquisa é realizada por meio de análise documental, estudo de caso clínico e entrevistas clínicas. (2) *Clínica Lacaniana do Trabalho*, inspirado no projeto criado em 2015, inicialmente intitulado *Práticas em Clínica do Trabalho*, tem por objetivo estudar os dispositivos de escuta lacaniana, o trabalho do clínico e da supervisão para o tratamento e cura do adoecimento pelo trabalho. Os dados são coletados com trabalhadores com ou sem trabalho, com queixas de sofrimento e/ou adoecimento. burnout, estresse, Ler/Dort, depressão, assédio moral, acidente de trabalho, em readaptação funcional e outros tipos de conflitos, adoecimentos e patologias. Os dados são analisados pelo método de caso clínico, sendo registrados nos memoriais das sessões, diário do clínico e diário da supervisão.

É uma fase que também abre possibilidades para a discussão da intersubjetividade, categoria que Lacan trata quando

escreve nos Escritos de 1966 sobre a fala plena. A intersubjetividade remete à inexorável articulação entre o psíquico e o social para entender a relação sujeito, trabalho e adoecimento. Com essa afirmativa, é um risco para a Psicanálise, como já acontece com a Psicologia frente às tiranias do capital, especialmente digital, tornar-se colonizadora ao atribuir super poderes ao psiquismo sem reconhecer as questões históricas, sociais e políticas que fazem parte desta construção; ou seja, a relação psíquico-social como verso e inverso de um só. Existem fatos históricos tão violentos, opressores e de um brutalismo incomensurável que o trabalho psíquico por si só não dá conta de confrontar, como na escravidão e na colonização do Brasil, processos que vergonhosamente se estendem até hoje com configurações cada vez mais sofisticadas. Por outro lado, viva os sujeitos vivos que resistem e sempre lutaram e seguem lutando pela descolonização!

Esses últimos cinco anos são decisivos para o mundo do trabalho e para as categorias de estudo sujeito e adoecimento. Os novos modos de reprodução do capitalismo – o trabalho em plataforma numérica – potencializa de modo incomensurável e sem limites os princípios do taylorismo, que se articulam ao capitalismo financeiro e ao neoliberalismo. Assim, os trabalhadores convivem com organizações do trabalho diversas e paralelas. Aumentam as contradições e as relações de desigualdade social após o confinamento, o desemprego, a exclusão, a precarização e robotização do trabalhador pelo teletrabalho (que já existia), as patologias e o adoecimento, sendo uma fase marcada pela depressão e ideia suicida, com alguns casos de suicídio comprovados. Os sistemas fazem adoecer. E quem é o sistema? Com quem falar? Quem escuta? Como resistir?

As tecnologias digitais, mesmo com muitos dos seus benefícios e por isso são um paradoxo, produzem efeitos muito

singulares, invisíveis, sutis e sofisticados nos modos de relações de trabalho e de subjetivação. Parte-se dos argumentos de que a tecnologia despersonaliza, não tem cara, mas exerce uma forte sedução pela falsa promessa de felicidade e liberdade. Protege do desamparo e dos laços sociais e, também pelo excesso de informação, a tecnologia pode produzir um curto-circuito na capacidade crítica-analítica. Esse poder reflete e é causa das novas formas de organização e relações de trabalho, produzindo um controle psicopolítico por meio do big-data.

O big data é um instrumento da nova forma de apropriação do capital pelo controle das informações da vida humana através de dados. Essa apropriação é tão expropriadora que pode ser pensada como uma reinvenção do colonialismo, sendo assim o início de uma nova era de reprodução do capital que nem imaginamos. Nesse novo estágio, o monitoramento constante se estabelece em uma nova maneira de organizar a sociedade e os sujeitos, com novas formas de discriminação e poder, por exemplo, pelo uso da inteligência artificial que é um uso dos dados gravados nas plataformas numéricas como o Google, Ifood, Uber, Zoom entre outras.

Nesse contexto, os estudos apontam para a suposição que esses e outros controles produzidos pelas tecnologias levam à colonização da liberdade. O modelo “neo-tecno-liberal” assume o comando nas mais diferentes formas de trabalho: assalariado, formal, informal, uberizado, subemprego e nas novas formas precárias de vínculo trabalhista. Esse comando é veiculado e transmitido por um discurso produzido nesses contextos por todos que dele fazem parte, capturando as formas de pensar e tendo como consequência a colonização do sujeito e o seu deslizamento patológico para outras posições subjetivas.

Nessa perspectiva, consideramos que, na realidade, convivemos com um taylorismo-tecno-colonial, uma nova

invenção de escravidão tanto dos trabalhadores como dos usuários. Trata-se de um modo de colonização legitimado pela continuação da divisão internacional do trabalho, acumulação, divisão de classe social e pobreza. Além de definir as relações de dominação e poder centro-periferia, esse discurso taylor-colonizante cria modelos políticos fundamentados em valores da época colonial, especialmente no Brasil, como a crença na inferioridade do outro; as diferenças entre a raça humana; a criação de redes de submissão pelas mídias; o discurso meritocrático; a aristocracia financeira e os diversos eufemismos da igualdade.

Com esses preceitos da era digital, os modos de trabalho têm caminhado na direção oposta da noção de trabalho como categoria ontológica do ser, dimensão essencial da condição humana. Partindo desse princípio, pensamos existir artifícios para proceder à colonização do sujeito através do discurso que leva à substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. É criada uma racionalidade que vende como trabalho vivo a ultra prescrição, o controle, a quantificação, a urgência e a excelência. Desse modo, a dominação pelas tecnologias digitais destitui o protagonismo do trabalho na constituição do sujeito. O trabalho morto assume uma centralidade como valor psíquico e social no lugar do trabalho vivo.

Essas questões já se encontravam presentes quando da escrita do livro em 2018 e são referências para criar o modelo teórico-metodológico da Psicopatologia Clínica do Trabalho. Esse modelo também tem sustentação nas demandas dos trabalhadores, que seguem focadas no assédio moral, mas com nuances ainda invisíveis e acumulativas em relação aos modelos do capitalismo financeiro neoliberal, significando que acumular para consumir é uma lógica jamais desaparecida do mundo do trabalho produtivo.

As doenças historicamente também se acumulam, crescendo os casos de depressão, fobias, paranóia e ansiedade.

Sendo o mais alarmante o aparecimento de novas patologias que estão na base desses adoecimentos, em especial a normopatía, a fobia, a paranóia e a melancolia, ainda em estudo no Núcleo. Essas coabitam com a patologia da indiferença, da servidão, da violência e da sobrecarga; juntos, constituem ameaças aos laços sociais, podendo ceder lugar às barbáries civilizatórias.

Nesse caminho, é proposto o modelo da Psicopatologia Clínica do Trabalho como resultado dos estudos realizados nos pós-doutorados na Psicanálise lacaniana e na Filosofia social, a partir do diálogo com os colegas, das orientações de projetos de tese e dos dados coletados na clínica do trabalho. Em 2019 essa produção é sistematizada pelo projeto CAPES-PRINT de internacionalização em parceria com os colegas da Université Côte d'Azur e do CANAM.

Esse modelo é centrado no circuito da invocação da pulsão pelo trabalho. A invocação se dá pelos chamamentos e endereçamentos da voz como objeto pulsional, conforme estudos do Lacan. Os tempos da invocação são ser chamado, chamar e se fazer chamar. No modelo são pensados dois tempos para o circuito da pulsão no trabalho: *o insistir e o resistir-desistir*. A tensão entre a demanda e o desejo movimenta o circuito que constitui o trabalho do sujeito e o sujeito do trabalho.

Esses tempos têm fundamentos no discurso capitalista, estudado por Lacan no Seminário 17 O avesso da psicanálise onde ele interpreta os três modos de relacionamento apontados por Freud em 1930: governar, educar e analisar, aos quais Lacan acrescenta o fazer desejar e propõe os quatro discursos do mestre, da histérica, do analista e do universitário. Assim, os apelos ao trabalhador são proferidos pelo discurso que denominamos no livro de discurso capitalista colonial.

No *tempo resistir-desistir* o destino da pulsão é o gozo nas três modalidades: do Outro, fático e gozo plus. A pulsão atende ao comando tirânico do supereu: goze!!, traduzido em “satisfaça sua pulsão a qualquer custo”. O sujeito se constitui pela demanda (“desejo” encantado), sedução das promessas do capital de ter mais e com isso ser mais, caindo na armadilha do canto da sereia. É atraído pela sonoridade da promessa que remete à ideia de satisfação plena e absoluta da pulsão. Aí se constitui o sujeito do trabalho, invocado pela subalternidade do seu desejo ao desejo do Outro e pela subalternidade socio-histórica, um encontro entre o psíquico e o social, entre o sujeito e trabalho.

No *tempo insistir* a pulsão invocante tem como destino a sublimação. É a possibilidade de resgatar o trabalho do sujeito do trabalho, boquiaberto frente às ilusões e desilusões que o sistema vende. A insistência remete ao sujeito invocante, é uma potência para existência ético-política. Tem lugar um trabalho onde seja possível improvisar, criar e exercitar a experiência de si frente a um apelo mais cantante, uma voz como da poetisa, do supereu pacificador, uma voz que canta e não encanta. É a fala que faz o sujeito se fazer chamar e se desboquiabrir frente as vozes tirânicas que o constituíram como sujeito invocado, constituindo-se aí o sujeito que trabalha.

A proposição é que o imperativo “a sua satisfação no trabalho será plena e absoluta se atender a demanda a qualquer custo” sustenta as patologias, fundadas na radicalidade do imperativo do supereu: goze!! traduzidos em demandas como “Trabalhe e cale-se”, “Se você pode, você deve”, “Você deve ultrapassar todos os limites”, “Sorria menos e trabalha mais”, entre outros.

E como essas patologias forjam os sujeitos? A melancolização é um modo disfuncional de criar laços sociais. Por meio das vozes do supereu, o sujeito é fixado em um lugar que ele

aceita passivamente por não ter vivido o luto das ilusões que o modelo produtivista cria, no qual ele, por ter introjetado esses objetos perdidos, passa a se sentir culpado pelo abandono do Outro em função de não ter dado conta de atender as demandas por ele proferidas.

Nesse sentido, penso existir uma política do supereu que é instrumento do capital, ao lhe ser dado todo o poder que ele busca para criar os "todos poderosos". Sob o comando deses supereu, a melancolização é mobilizada diante da ausência de resposta do Outro, que faz com que o sujeito silencie e não deseje mais chamar e se fazer chamar. Com isso há a retirada do sujeito do circuito da pulsão invocante. O excesso de voz é também um excesso de demanda, que sobre o sujeito o impossibilita de falar, de desejar.

Assim, o sujeito melancólico forjado pelo discurso é um sujeito que não deseja mais nada e que pede menos ainda. Isso é um agravante em relação à ação política, por exemplo, para reivindicar os direitos trabalhistas. Esse sujeito passa ter uma identificação com o nada e se considera arruinado e despossuído de todos os seus bens, sem vínculos sociais e políticos. É possível haver um enfraquecimento das formas de resistência se o capital se apropriar desse sujeito que não deseja mais nada e pede menos ainda. Essa recusa de investimento em função do silêncio do outro vai fortalecendo a ideia de que qualquer tentativa de ser escutado será em vão, e diante de viver esse fracasso é melhor emudecer.

Em vista disso, pensamos ser a melancolização um instrumento do capital, que fabrica sujeitos que exercem a função de porta-voz dos interesses do discurso capitalista colonial. Em um discurso onde não há espaço para escuta, vozes são proferidas de modo estridente, impedindo o sujeito de falar, o que é nefasto para a ação política pois o trabalhador assume esse lugar passivo e submisso.

Esse jogo do mudo-surdo é um caminho que não torna possível o luto. O trabalho de luto é fundamental para a resistência política pois pressupõe o trabalho do desejo, que é destituído na melancolização. Esse trabalho do luto torna-se impossível por essa falta de simbolização do sujeito no lugar do porta-voz. O porta-voz é sem fala, mantém-se em silêncio gritante que pode se transformar em adoecimento.

Logo, o trabalho de luto é um dos caminhos para encontrar saídas para esta melancolização forjada, sobretudo, para manter sob controle o sujeito político. Este é substituído pelo sujeito melancólico, submetido a um luto impossível, que o leva a não poder investir em nada e nada desejar, um sujeito mais morto que vivo. São esses os trabalhadores que procuram a clínica atualmente.

Nessa direção, os pressupostos teóricos se articulam com o método da clínica do trabalho. Em 2018, o projeto de pesquisa inicial “Práticas em Clínica do trabalho no CAEP” passa a ser denominado “Clínica Lacaniana do Trabalho”. Em 2020, com a pandemia, o projeto foi desligado formalmente do CAEP, passando a ser executado pelo Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social, ainda com estudantes matriculados na disciplina Estágio Psicólogo e psicólogos voluntários.

Continuam sendo usados os dispositivos da clínica psicanalítica, especialmente a escansão que caracteriza de modo singular a clínica lacaniana. A escuta dos trabalhadores passou a ser realizada na modalidade online, devendo retornar o presencial em breve. Os instrumentos de coleta de dados são mantidos, ou seja, memorial, diário do clínico e da supervisão são armazenados em um drive e usados nas pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. No momento, o projeto conta com o atendimento de 14 trabalhadores realizado por cinco estagiários.

Embora as queixas sejam relativas ao emprego, atividade profissional ou desemprego, o tratamento é do sujeito que trabalha. Trabalho como categoria ontológica usurpado pelo sistema de produção. Assim, a clínica tem como princípio que onde existe sujeito existe trabalho; trabalho entendido a partir de Marx, Freud e Lacan. Os estudos atuais se dedicam a mostrar a potência política dessa clínica em lançar o sujeito no circuito da pulsão invocante, pela operação do discurso do analista e ensurdecimento das vozes do supereu para ter lugar a fala, e desse modo encontrar caminhos na cadeia de significantes para restabelecer a relação do sujeito com o trabalho. Trabalho que corresponde a trabalho vivo, como estuda Marx, a trabalho psíquico como estuda Freud no sonhos, no luto e na perlaboração, e na teoria do sujeito de Lacan, em especial nos estudos sobre o desejo. Assim, desejar é trabalhar, trabalho vivo, trabalho de perlaboração.

Nessa direção, há um investimento para realizar uma Clínica Orientada para o Real como definida na segunda fase dos estudos de Lacan. Do ponto de vista teórico, os estudos atuais estão focados na compreensão da noção de sujeito a partir da nodulação Real, Imaginário e Simbólico. Assim, um novo percurso ainda está por vir.

Referências

- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Eherenberg, A. & Botbol, M. (2004). Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online], v. 7, n. 1, pp. 143-153. DOI:10.1590/S1516-14982004000100009.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp.163-195). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Dois Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)* Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 15-108). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1911)

- Freud, S. (1974). Totem e Tabu (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Totem e tabu e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 13, pp. 11-194). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento: Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 164-187). (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir, elaborar (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 159-172). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). Observação sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O caso de Schreber e artigos sobre técnica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 98). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). A pulsão e suas vicissitudes (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas

de Sigmund Freud (Vol. 14, pp 115-144). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1996). Teoria geral das neuroses (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Conferências introdutórias à psicanálise (Parte III)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1916)

Freud, S. (1996). Luto e melancolia (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 243-263) Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996). O estranho (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *História de uma neurose infantil*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 17, pp. 233-270). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Além do princípio de prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 18, 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1996). O ego e o id. (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp.13-72).

Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1996). Inibições, sintoma e ansiedades. (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 120, pp. 79-168). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996). Mal estar na civilização. (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 65-147). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável (M.A.M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Ed.), *Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Giacóia-Junior, O. (2013). Modernidade e economia pulsional: para uma psicofisiologia do excesso. *Ide*, 35(55), 103-116.

Lacan, J. (1988). *O seminário livro 7: A ética da psicanálise*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

- Lacan, J. (1988). *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (3ª ed.; M. D. Magno, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário livro 16: de um Outro a outro*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (1992). *O seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. (A. Roitman, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2007). *O seminário livro 23: O sintoma*. (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Marx, K. (2011). *O Capital [Livro I]: crítica da economia política*. (2ª ed.; R. Enderle) O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867)
- Melman, C. (1991). *O que é uma transferência de trabalho?* Disponível em <http://www.tempofreudiano.com.br/index.php/o-que-e-uma-transferencia-de-trabalho/>
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2018). *Desejar, Falar, Trabalhar*. Porto Alegre: Editora Fi.

Miele, P. (2014). *Seminário Savoir-faire and the frame of cure*. New York: Après-Coup Psychoanalytic Association.

Platão (2009). *O Banquete*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 380 a.C.)

Sousa-Duarte, F. ; Mendes, A. M. ; Facas, E. P. (Orgs.) (2020). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho*. Porto Alegre: Editora Fi.

Vivès, J-M. (2018). *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante* (V. A. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Contra Capa.

Sobre a Autora

Professora Titular da Universidade de Brasília (UnB) no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho e no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, pesquisadora do Laboratório Crítica Social do Trabalho, coordenadora do Grupo de Pesquisa e Atendimento em Psicanálise do Trabalho. Pesquisadora associada ao Centre de Recherche du Travail et du Développement (CRTD) do CNAM, Paris. Autora do livro *Desejar, Falar, Trabalhar*, editora Fi. Contato: anamag.mendes@gmail.com

